



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL

ANA ROSA SILVA LIMA

OS TRAÇOS NO BARRO E O BARRO NOS TRAÇOS: A
VARIABILIDADE ARTEFATUAL DE CERÂMICAS E CACHIMBOS
ESCAVADOS DO QUINTAL DA CASA DE CHICA DA SILVA, EM
DIAMANTINA – MG.

Cachoeira – BA

2022

ANA ROSA SILVA LIMA

**OS TRAÇOS NO BARRO E O BARRO NOS TRAÇOS: A
VARIABILIDADE ARTEFATUAL DE CERÂMICAS E CACHIMBOS
ESCAVADOS DO QUINTAL DA CASA DE CHICA DA SILVA, EM
DIAMANTINA – MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção de grau de mestra em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Comerlato

Cachoeira, BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

L732t Lima, Ana Rosa Silva.

Os Traços no barro e o barro nos traços: a variabilidade artefactual de cerâmicas e cachimbos escavados do quintal da casa de Chica da Silva, em Diamantina-MG. / Ana Rosa Silva Lima. Cachoeira, BA, 2022.
185f., il.

Orientação: Profa. Dra. Fabiana Comerlato.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Bahia, 2022.

1. Arqueologia. 2. Cerâmica – Diamantina (MG) 3. Minas – Antiguidades. 4. Silva, Chica da, m. 1796. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 930.102098151

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

ANA ROSA SILVA LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção de grau de mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Área de concentração: Arqueologia

Linha de pesquisa: populações, ambientes e culturas

Data da defesa: 31/08/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Fabiana Comerlato (Orientadora –PPGap)

Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes (Membro interno –PPGap)

Prof. Dra. Sarah Hissa (Membro externo – UFMG)

AGRADECIMENTOS

- “*Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*
- *E isso importa?*
- *Mais do que a própria guerra.*”
(Ernest Hemingway)

Não se faz Arqueologia sozinha. Esta foi uma das primeiras lições que aprendi quando entrei na faculdade, ainda menina, aos 17 anos. Que não se escreve uma dissertação sozinha foi o que o mestrado acabou de me ensinar. Ao longo destes dois anos, muitas foram as conversas, discussões, terapias de mesa de bar, ligações, risadas e os abraços que me trouxeram até aqui. Olhando em volta da minha trincheira, estou preparada para qualquer guerra.

Começo, então, agradecendo aos meus pais, pelo apoio incontestável. Mãe, obrigada por sonhar os meus sonhos, acreditar tanto em mim e fazer o possível para tornar tudo mais leve e divertido, sem você eu não teria porquê. Um agradecimento especial à minha avó Rosa - de quem herdei muito mais que o nome - pelo carinho e orações. Obrigada aos meus tios e primos, pelos momentos felizes que juntos compartilhamos. Ao meu padrinho, Iêdo Elias, por ter acreditado em mim muito antes que eu pudesse entender a importância disso. E ao meu irmão, Luca, cujo olhar de admiração me impulsiona para frente.

Às minhas primas, Aninha e Johanna, pela torcida sincera e as tardes de gargalhadas e baralho. Sarah Torres, pelo apoio desde que eu era “aquela pequenininha” e, de forma especial, pelo olhar cauteloso nas minhas traduções.

À minha orientadora, Profa. Dra. Fabiana Comerlato, pelas incontáveis conversas, conselhos e sugestões, onde o rigor científico não custou a falta de ternura. Sua generosidade e amabilidade impressionam, Fabi. Sou muito grata por tudo.

Ao corpo docente do PPGap, onde aprendi muito mais que Arqueologia. Aproveito para fazer um agradecimento especial à Prof. Dra. Sabrina Damasceno (*in memoriam*), cujos ensinamentos jamais serão esquecidos. Tem muito do que aprendi com você aqui nesta pesquisa, Sabrina. Espero que esteja orgulhosa aí de cima.

Ao prof. Dr. Luydy Fernandes e à Prof. Dra. Sarah Hissa, por todas as sugestões na banca de qualificação e, de forma especial, por aceitarem compor a banca de defesa. Luydy, sou muito grata por todos os debates que tivemos entre as aulas e por, mesmo sem saber, ter me

dado coragem para encarar as classificações. Sarah, reitero aqui o que disse na qualificação: eu sou sua fã! Obrigada pelas dicas, bibliografias e, sobretudo, inspiração.

Ao prof Dr. Marcelo Fagundes, por tudo que vivemos nos últimos 8 anos. Foi ele quem segurou a minha mão e me ensinou a escavar com uma colher de pedreiro. Me mostrou o caminho e deu todos os subsídios necessários para seguir. Me apresentou a uma Arqueologia com ética e responsabilidade. Nem todas as palavras do mundo seriam suficientes para agradecer. Deixo aqui meu carinho e respeito sem fim.

Ao Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP), por ter sido minha segunda casa por tantos anos. É uma honra fazer Arqueologia ao lado de pessoas tão especiais e dedicadas. Um super agradecimento a cada um dos amigos que fiz entre as aulas e os campos. Luis Fernando Mafra e Lukas Rodrigues, obrigada pela ajuda, cafés e risadas durante as análises. Helton Rocha, obrigada pela disponibilidade e paciência, além de toda ajuda com os gráficos.

Obrigada prof. Dr. Matheus Kunchenbecker, pelo auxílio com as fotomicrografias e, principalmente, por ter dividido um pouco da sua sabedoria sobre rochas e minerais comigo. Obrigada profa. Dra. Evelyn Sanches Bizan, por não ter medido esforços para me ajudar a visualizar as tramas dos tecidos na cerâmica, pela escuta sempre ativa e valiosas discussões que tivemos. Seus alunos têm muita sorte!

Ao fotógrafo Michel Becheleni, pelas fotos mais lindas que já vi. Obrigada por permitir que sua arte integrasse esta dissertação.

Aos meus amigos. Todos eles. De Porto Seguro, Diamantina e Salvador, na certeza que sabem o quanto são importantes para mim. Neste quesito tenho muita sorte!

João, Alice e Janaína, nunca vou esquecer do apoio ainda na época do processo seletivo. De tudo que vivemos antes disso. E de tudo que ainda vamos viver. Annie, minha irmã e companheira fiel há 25 anos, sem você eu teria enlouquecido (ainda mais) nos dias de quarentena.

Júnior e Ana Luíza, por serem minha grande certeza de que nunca estarei sozinha.

Carol e Líssia, por tornarem os dias de análise muito mais divertidos com cerveja e churrasquinho duvidoso.

Lari e Lorayne, por terem sido casa e colo.

E ao Patrick, que chegou aos 45 minutos do segundo tempo marcando um golaço no meu coração.

[...] a lágrima clara sobre a pele
escura [...]

Caetano Veloso

RESUMO

Este trabalho pretende abordar a variabilidade formal e artefactual de cerâmicas e cachimbos afro-brasileiros escavados do quintal da casa de Chica da Silva, ex cativa que teve ascendência na elite mineira após se casar com um contratador de diamantes. A partir da análise arqueológica, procuramos compreender os padrões tecnológicos e estilísticos presentes em 1.974 fragmentos de cerâmica e 87 cachimbos, bem como traçar o perfil técnico dos referidos artefatos. Com base em fontes historiográficas, buscamos desvendar o contexto de uso e produção dos materiais, associando-os aos grupos escravizados que viveram em Diamantina entre os séculos XVIII e XIX. Assim, traçamos um diálogo com a bibliografia sobre a Arqueologia da Diáspora Africana, os conceitos de estilo e função e os possíveis paralelos entre materialidade e simbolismo. Com base nos resultados obtidos através da materialidade, pudemos desvendar o perfil técnico da cerâmica e agrupar os motivos decorativos mais recorrentes. Dessa forma, a presente dissertação objetiva contribuir para o estudo sistemático de fragmentos cerâmicos à luz da hipótese de que os padrões decorativos encontrados no barro podem fornecer informações sobre os modos de vida e sociabilidade dos grupos que não tiveram a chance de escrever suas próprias histórias, porém produziram, usaram e descartaram diversos materiais imbuídos de significados próprios.

Palavras-chave: Arqueologia. Cerâmica. Cachimbo. Diáspora Africana.

ABSTRACT

This work intends to address the formal and artefactual variability of Afro-Brazilian ceramics and pipes excavated from the backyard of Chica da Silva's house, a former captive who rose to a higher social status in the Minas Gerais' elite after marrying a diamond contractor. Based on the archaeological analysis, we sought to understand the technological and stylistic patterns present in 1974 ceramic fragments and 97 pipes, as well as to trace the technical profile of these artifacts. Based on historiographical sources, we seek to unravel the context of use and production of materials, associating them with the enslaved groups that lived in Diamantina between the 18th and 19th centuries. Thus, we create a dialogue with the bibliography on the Archeology of the African Diaspora, the concepts of style and function and the possible parallels between materiality and symbolism. Based on the results obtained through materiality, we were able to unveil the technical profile of ceramics and group the most recurrent decorative motifs. In this way, the following dissertation aims to contribute to the systematic study of ceramic fragments in the light of the hypothesis that the decorative patterns found in clay can provide information about the ways of life and sociability of groups that did not have the chance to write their own stories. However, they produced, used and discarded various materials imbued with their own meanings.

Keywords: Archeology. Ceramics. Pipes. African Diaspora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Objetos cerâmicos com reprodução de escarificações	28
Figura 2- Representação do perfil cerâmico segundo Oliveira (2000)	37
Figura 3 - Frequência de antiplásticos.....	41
Figura 4- Momento de inserção das incisões	44
Figura 5- Processos de queima da cerâmica	45
Figura 6- Formas das bordas.....	46
Figura 7- Forma dos lábios	46
Figura 8 - "Troveiros pobres de Minas", aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1823.....	50
Figura 9- Marabu, o chefe religioso senegalês. Gravura de Claude Geoffrey de Villeneuve, provavelmente datada da segunda metade do século XVIII.....	51
Figura 10- Rainha Ndeté-Yalla, do Reino de Wolof. Gravura feita por P. David Boilat, Senegal, 1850.	51
Figura 11- Rainha Nzinga, Reino do Congo. Bassani, 1670.	51
Figura 12 - Mulher escrava fumando um cachimbo, no Suriname. Gravura feita por John Stedman entre os anos de 1772-1777.	52
Figura 13- Gravura de Rugendas, 1835.	53
Figura 14 - Gravura de Rugendas, 1835.	53
Figura 15- Representação de cachimbos de barro	54
Figura 16- Cachimbo enegrecido escavado do sítio QCC.....	55
Figura 17- Fragmento de cachimbo escavado do sítio QCC com traços geométricos.....	56
Figura 18- Cachimbo do sítio QCC com motivo antropomorfo	57
Figura 19- Cachimbo do sítio QCC em formato fálico	58
Figura 20 - Cabos de panelas coletados no Sítio São Francisco com representação fálica.....	58
Figura 21- Mapa geográfico de Minas Gerais, ressaltando a cidade de Diamantina	65
Figura 22- Fotografia na área interna da casa de Chica da Silva.....	71
Figura 23- Modelagem 3D da cidade de Diamantina, ressaltando a casa de Chica da Silva ...	72
Figura 24- Caixas organizadas na reserva técnica do LAEP/UFVJM	73
Figura 25- Perfil estratigráfico da escavação do sítio QCC.....	75
Figura 26- Louças do sítio QCC.....	77
Figura 27- Fragmentos ósseos do sítio QCC.....	78
Figura 28- Fragmentos de metal do sítio QCC	79

Figura 29- Classe das peças	86
Figura 30- Fragmentos cerâmicos com tamanhos reduzidos característicos do sítio QCC.....	87
Figura 31- Exemplos de queimas distintas	89
Figura 32- Marcas de fuligem em fragmento cerâmico	91
Figura 33- Exemplo de pasta em lâmina delgada	92
Figura 34- Exemplo de pasta em lâmina delgada	92
Figura 35- Exemplo de pasta em lâmina delgada	93
Figura 36- Lâmina com polarizadores paralelos.....	93
Figura 37- Lâminas com polarizadores ortogonais.....	93
Figura 38- Lâminas com polarizadores paralelos	94
Figura 39- Lâmina com polarizadores ortogonais	94
Figura 40- Lâmina com polarizadores paralelos.....	94
Figura 41- Lâmina com polarizadores ortogonais	94
Figura 42- Diversos exemplos de tratamento plástico	95
Figura 43- Exemplo de lábio plano no sítio QCC.....	99
Figura 44- Exemplo de lábio arredondado no sítio QCC	99
Figura 45- Exemplo de lábio apontado no sítio QCC.....	99
Figura 46- Fragmentos com exemplo de tratamento plástico composto	102
Figura 47- Exemplo de fragmentos com tratamento plástico composto.....	103
Figura 48- Fragmento com incisões paralelas tipo pente com 16 traços	109
Figura 49- Fragmento com incisões paralelas tipo pente com 28 traços.....	109
Figura 50- Fragmento com traços curvilíneos multidimensionais e pequenos alisamentos....	110
Figura 51- Fragmento com um carimbo tipo flor e traços incisivos formando pequenos quadrados	111
Figura 52- Fragmento com asa "entalhada"	111
Figura 53- Fragmento com exemplo de asa "entalhada"	112
Figura 54- Fragmento com exemplo de asa "entalhada"	112
Figura 55- Fragmentos com exemplos de asa "entalhada"	113
Figura 56- Fragmento com incisões simples em formato de X.....	113
Figura 57- Fragmento com exemplo de incisões compostas formando um X	114
Figura 58- Fragmento com exemplo de motivo "carimbado"	115
Figura 59- Fragmento com exemplo do motivo "carimbado"	115
Figura 60- Fragmento com exemplo do motivo "carimbado"	116
Figura 61- Exemplo da utilização do tecido entre o molde e a argila.....	117

Figura 62- Tecido resgatado do nível 4 e porção do sedimento do nível 4 do sítio QCC	118
Figura 63- Massinha de modelar após impressão com tecido resgatado do nível 4 do sítio QCC	119
Figura 64- Massinha de modelar após impressão e tecido resgatado do nível 4 do sítio QCC	119
Figura 65- Fragmento cerâmico na lupa de aumento com escala.....	120
Figura 66- Trama do tecido na lupa de aumento com escala.....	121
Figura 67- Trama da massinha pós impressão com tecido visualizada na lupa de aumento com escala.....	121
Figura 68- Fragmento de um prato escavado da praça do Mercado Velho, centro de Diamantina	122
Figura 69- Foco no motivo impresso do fragmento escavado do Mercado Velho, centro de Diamantina.....	123
Figura 70- Fragmento com motivo impresso escavado do Largo Dom João em Diamantina, MG.....	124
Figura 71- Conjunto de fragmentos escavados do Largo Dom João em Diamantina, MG	125
Figura 72- Vasilhame da cerâmica etnográfica presente no LAEP	126
Figura 73- Vasilhame etnográfico com furos na parte inferior do pote e traços incisos	127
Figura 74- Vasilhame da coleção etnográfica com bordas arredondadas e motivos em ziguezague	128
Figura 75- Apliques com cruz incisa, associadas a comunidades Bakongo	129
Figura 76- Representações do cosmograma baongo na cerâmica localmente produzida na Chapada dos Guimarães: a) Engenho Rio da Casca (d.m. 1836); b) Engenho Água Fria (d.m. 1840); c)Engenho do Quilombo (d.m. 1853); d) Tapera do Pingador (terceiro quartel do século XII).	130
Figura 77- Fragmento escavado do sítio QCC com aplique semelhante ao cosmograma Baongo	130
Figura 78- Fragmento escavado do sítio QCC com aplique semelhante ao cosmograma Baongo	131
Figura 79- Fragmento escavado do sítio QCC com aplique semelhante ao cosmograma Baongo	131
Figura 80- - O Funeral de um Negro de Henry Chamberlain, século XIX	132
Figura 81- Motivos recorrentes na cerâmica de uma comunidade escravizada do Mato Grosso (SYMANSKI, 2013)	133

Figura 82- Traços incisos em diagonal em fragmento do sítio QCC.....	134
Figura 83- Fragmentos com traços que se cruzam na cerâmica do sítio QCC.....	134
Figura 84- Fragmento com traços que se cruzam formando um X na cerâmica do sítio QCC, semelhante ao padrão visto na figura 80G.....	135
Figura 85- Fragmento com incisões paralelas triplas como a figura 80 J.....	135
Figura 86- Padrões decorativos na cerâmica utilitária de Ouro Fino.....	136
Figura 87- Motivos encontrados na cerâmica de uma comunidade escrava em Mato Grosso (SYMANSKI; HIROOKA, 2013).....	137
Figura 88- Fragmento do sítio QCC com motivo semelhante ao da figura 82C.....	138
Figura 89- A imagem da esquerda representa um escravo da nação Monjolo retratado por Wilkes (1838) equanto a imagem da direita é um fragmento cerâmico da canal roda da água	139
Figura 90- Escravizado com marcas de escarificações na pele, foto de Cristiano Jr. Segunda metade do século XIX.....	140
Figura 91- Decoração presente nos vasilhames cerâmicos do Sítio São Francisco associado a escarificações	141
Figura 92- Fragmento do sítio QCC com motivos semelhantes às escarificações.....	142
Figura 93- Motivos losangulares em cerâmicas e escarificações corporais entre os Ovimbundu da África Central.....	142
Figura 94- Fragmento do sítio QCC com traços losangulares semelhantes às escarificações.....	143
Figura 95- Fragmento do sítio QCC com traços losangulares semelhantes às escarificações.....	143
Figura 96- Fragmento do sítio QCC com traços curvilíneos semelhantes aos encontrados por Symanski (2010).....	144
Figura 97- Fragmento cerâmico com tratamento plástico no porta-boquilha.....	153
Figura 98- Fragmento de cachimbo com motivo antropomorfo.....	154
Figura 99- Recorte de desenhos dos cachimbos do Cais do Valongo (Henrique Vences, 2022)	155
Figura 100- Fragmento de cachimbo com tratamento plástico em forma de X.....	156
Figura 101- Cachimbos associados a elementos barrocos, oriundos do sítio Macau, Rio de Janeiro.....	156
Figura 102- Fragmentos de cachimbos procedentes da praça da Sé, Salvador - BA.....	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Espessura da cerâmica	87
Quadro 2- Processos de queima de acordo com Moraes (2006)	88
Quadro 3- Frequência de antiplástico.....	91
Quadro 4- Presença ou ausência de engobo vermelho.....	97
Quadro 5- Morfologia das bordas	98
Quadro 6- Processos tafonômicos	100
Quadro 7- Técnicas de manufatura dos cachimbos.....	145
Quadro 8 - Partes de um cachimbo	145
Quadro 9- Tamanho máximo e tamanho mínimo para os cachimbos.....	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Classe das peças	86
Gráfico 2- Atmosfera de queima.....	88
Gráfico 3- Manufatura da cerâmica	90
Gráfico 4- Tratamento de superfície externa	95
Gráfico 5- Tratamento de superfície interna.....	97
Gráfico 6- Forma do lábio.....	98
Gráfico 7- Artefatos localizados estratigraficamente no sítio QCC.....	100
Gráfico 8- Gráfico de densidade espacial dos artefatos	101
Gráfico 9- Atmosfera de queima para os cachimbos.....	146
Gráfico 10- Motivos decorativos para os cachimbos.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Total de peças relacionadas aos cachimbos	54
Tabela 2- População escrava de Diamantina (1832-1884)	67
Tabela 3- Universo da cultura material escavada do quintal da casa de Chica da Silva	76
Tabela 4- Motivos decorativos para as cerâmicas do sítio QCC	103
Tabela 5- Motivos decorativos para os cachimbos do sítio QCC	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	15
1.1 Aportes Teóricos	15
1.1.2 Aspectos tecnológicos e funcionais da cultura material	30
1.2 Aportes Metodológicos	35
1.2.1 Parâmetros para o estudo da cerâmica	40
1.2.2 Cachimbos arqueológicos: caminhos e perspectivas	47
1.2.3 Parâmetros para o estudo dos cachimbos.....	61
CAPÍTULO 2 – PANORAMA GERAL DA PESQUISA	64
2.1 Contextualização Histórica	64
2.2 O sítio arqueológico QCC.....	69
2.3 O tabaco	82
CAPÍTULO 3 – ANÁLISES E DISCUSSÕES	85
3.1 Dados obtidos para a cerâmica	85
3.1.2 Tratamento Plástico	102
3.1.3 Fragmentos impressos.....	116
3.1.4 Comparação inter-sítios	122
3.1.5 Motivos decorativos em outros contextos.....	128
3.2 Análises e resultados para os cachimbos.....	145
3.2.1. Cachimbos semelhantes em outros contextos.....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS.....	161
APÊNDICES	173
Apêndice A – Imagens da escavação	173

ANEXOS	175
Anexo A – Ficha de análise para a cerâmica	175
Anexo B – Ficha de análise para os cachimbos	176

INTRODUÇÃO

Pesquisar é assumir riscos, fazer escolhas. Durante muito tempo, acreditei que esta pesquisa havia surgido da minha experiência ao escavar o quintal da casa de Chica da Silva. Hoje, vejo com clareza que esta pesquisa surgiu da minha vontade de assumir riscos, escolher conceitos, abraçar definições. A presente dissertação é, sem dúvidas, um ato de coragem, mesmo que eu me encontre cheia de medo.

É preciso coragem para fazer pesquisa no Brasil político de 2022. É preciso coragem para romper ciclos, aprender novos conceitos, ir de encontro aos estereótipos já reproduzidos e às histórias que negligenciam certas narrativas. Chimamanda Adiche, romancista nigeriana, discorreu em uma palestra na *Ted Talks* em 2009, sobre os perigos de uma “história única” e, de maneira especial, sobre como é preciso coragem para trazer à tona ideias que fujam do censo comum.

Nesta perspectiva, nos aproximaremos aqui de muitas histórias. Histórias da cidade, das pessoas, das coisas. Uniremos a Arqueologia e a História com o objetivo de alcançar lugares que só essa união permitiria. Enquanto a primeira se preocupa com a cultura material e a segunda mergulha fundo em fontes escritas, apenas a Arqueologia Histórica é capaz de cruzar ambas abordagens, possibilitando um caráter dinâmico ao campo de atuação do pesquisador.

Compreender o passado de uma sociedade extinta está intrinsecamente ligado a visão política e social do próprio pesquisador. Pois, o sítio arqueológico é um objeto estático, produto de atividades dinâmicas e intervenções sociais. A Arqueologia não é descritiva, é interpretativa. Esta não é uma pesquisa isenta, pois muito diz sobre as escolhas e as intenções de quem escreve (NEVES, 1998).

Além disso, não se estuda o escravismo sem um mínimo de remorso e dor. Não ficou no passado, pois os efeitos se prolongam nos descendentes dos que sofreram a violência. A ele se aplicaria a máxima de que não há história que não seja contemporânea, uma vez que é com a régua dos sonhos do presente que medimos os sucessos que narramos (SILVA, 2018).

Dessa forma, acessar a cultura material dos grupos escravizados se mostrou uma tarefa fértil e perigosa. A linha tênue entre aproximação e distanciamento. O objetivo, desde o início, se pautou em reafirmar o protagonismo dos grupos produtores e/ou usuários da cultura material. Usaremos no texto a expressão “e/ou” justamente por entendermos que estamos falando de um sistema, sem romantizações. Sabemos que nem sempre a matéria prima estava a mão, nem

sempre a produção era livre e deliberada. No entanto, acreditamos que o uso estava em paralelo com a ressignificação da cultura material.

É preciso considerar a possibilidade da cultura material como objeto para o estudo de dinâmicas sociais e simbólicas. O estudo dos artefatos, principalmente a partir de um viés arqueológico, permite uma aproximação a contextos cotidianos, por meio de vestígios diretos das práticas de sujeitos que tiveram por muito tempo suas histórias discutidas apenas pelo olhar de quem os sujeitava (AGOSTINI, 2013).

Foi a partir desta noção de agência dos grupos escravizados que voltei meu olhar para os fragmentos de cerâmicas e cachimbos escavados do quintal da casa de Chica da Silva, ex cativa que teve ascendência na elite mineira após se casar com um contratador de diamantes. A residência, localizada no centro histórico de Diamantina – MG, foi escavada entre os anos de 2011 e 2014, a partir de uma proposta de intervenção coordenada pelo professor Dr. Marcelo Fagundes.

A cidade de Diamantina, localizada no limite entre o centro e o norte mineiro, faz parte de uma grande cordilheira denominada Serra do Espinhaço. Reconhecida pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade, possui inestimável importância para a história do país e se configurou em um significativo polo turístico. Devido ao seu vasto patrimônio arqueológico associado ao contexto horticultor, os abrigos rochosos, as dinâmicas entre Arqueologia e comunidade e os sítios históricos, a região vem sendo foco de diversas pesquisas nos últimos anos.

Neste contexto, recorreremos a formação da referida cidade, pois só assim conseguiríamos traçar um paralelo entre os artefatos que foram analisados, e as pessoas ligadas a eles. Com base nas fontes selecionadas, entendemos a formação de Diamantina a partir de uma sociedade pluriétnica, formada aos moldes do Brasil colonial. As fontes convergem para o que já imaginávamos: uma sociabilidade marcada por discrepâncias sociais, exploração de pedras preciosas e mão de obra escrava.

Ao escavarmos o quintal de uma residência tão notável para o período, ansiamos compreender todo o desenrolar da trama social que se formara junto com a cidade. Acreditamos na concomitância entre vivência humana e materialidade, como salienta Tocchetto e Thiesen (2007, p. 167): “Cidades são verdadeiros baús de reminiscências, lugares privilegiados onde as diversas memórias individuais podem se interligar para constituir a memória coletiva”.

A escolha metodológica de analisar cerâmicas e cachimbos vem de um caminho iniciado em 2014, quando nasceu o interesse em desvendar as dinâmicas por trás dos 104 fragmentos de cachimbos encontrados no quintal da casa de Chica da Silva. Em poucos sítios arqueológicos os cachimbos aparecem em tamanha proporção. Não encontramos, no estado de Minas Gerais, nenhum outro sítio com números tão significativos para a procedência destes.

Paralelo a isso, os traços incisivos nos fragmentos cerâmicos fizeram brilhar meus olhos ainda nos primeiros dias de escavação. Chegara, então, o momento de aliar estes dois artefatos diferentes em morfologia, e iguais em matéria prima, levando em consideração que ambos são fabricados a partir do barro. Acreditamos que estes podem estar associados aos grupos escravizados que fizeram do espaço do quintal um local de sociabilidade.

No que concerne à natureza e quantidade de artefatos, seguindo nosso aporte metodológico, analisamos um total de 1.974 fragmentos cerâmicos e 87 fragmentos de cachimbos produzidos e/ou utilizados por grupos escravizados. O nosso objetivo, ao acessar a cultura material proveniente de grupos escravizados, não é realizar uma pesquisa unicamente descritiva ou apenas produzir um catálogo ilustrado da coleção, embora sejam estas etapas extremamente importantes. Por meio dos artefatos aqui estudados, esperamos avançar em discussões simbólicas, a partir das dinâmicas ligadas aos objetos e aos motivos em seus traços.

Contudo, acreditamos que para acessar tais dinâmicas, é imprescindível compreender os processos de manufatura, uso, tecnologia de confecção, morfologia e padrões de decoração. Dessa forma, traçaremos o perfil técnico da cerâmica encontrada em Diamantina, além de um estudo sistemático a partir da noção de variabilidade artefactual.

A partir das análises arqueográficas, delimitamos um tipo tecnológico para a cerâmica do quintal da casa Chica da Silva. Um tipo tecnológico seria, segundo Costa (2010) uma combinação de atributos tecnológicos e dimensionais recorrentes em um número de fragmentos, independentemente do tempo e do espaço, considerando aspectos morfológicos- funcionais. Seguindo a mesma metodologia, embora a partir de fichas distintas, traçamos o perfil técnico-morfológico e estilísticos dos cachimbos.

Esperamos que os resultados apresentados aqui contribuam para o entendimento das práticas de resistência e dinâmicas socioculturais, a partir das hipóteses que (i) as análises tecnológicas sistemáticas das cerâmicas e dos cachimbos permitem compreender aspectos das dinâmicas de vida dos povos escravizados que viveram no interior de Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX e (ii) que a análise da cerâmica aqui estudada, a partir da variabilidade artefactual, pode contribuir para a construção do perfil técnico da cerâmica afro-brasileira.

No intuito de abarcar os citados temas e digressões, esta dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos os aportes teóricos-metodológicos da pesquisa, bem como os principais temas que permeiam os estudos acerca da cerâmica afro-brasileira no Brasil. Assim, traçaremos um diálogo com a bibliografia sobre a Arqueologia da Diáspora Africana, os conceitos de estilo e função da cultura material e os possíveis paralelos entre materialidade e simbolismo.

Neste sentido, os conceitos de etnicidade, identidade e simbolismo serão abordados com o objetivo de desenvolver uma discussão em torno da agência dos artefatos, a partir das escolhas dos próprios produtores e/ou usuários. No que concerne a metodologia, apresentaremos os aportes metodológicos, cada uma das etapas da pesquisa e a ficha de análise, construída a partir da noção da variabilidade artefactual.

O segundo capítulo pretende apresentar o contexto histórico local, delineando a formação e as características do sistema escravista em Diamantina. A partir da consulta em fontes primárias e em historiografias sobre o tema, o intuito é compreender o perfil dos grupos escravizados que viveram em Diamantina entre os séculos XVIII e XIX. Um outro ponto chave deste capítulo diz respeito a produção e uso do fumo no período colonial brasileiro, além da relação deste com a propagação dos cachimbos entre a população.

No terceiro e último capítulo, nos deteremos aos dados arqueológicos. Serão apresentados os resultados das análises dos fragmentos de cerâmica e dos cachimbos procedentes do quintal da Casa de Chica da Silva. Apresentaremos o perfil técnico da cerâmica, bem como a ficha com informações acerca de cada um dos fragmentos analisados e análises inter-sítios. O objetivo é expor o máximo de informações possíveis sobre os artefatos, a partir de tabelas, gráficos, fotografias e desenhos.

Para compor as considerações finais, faremos um apanhado geral de tudo que foi debatido no decorrer da dissertação. Finalizaremos com as justificativas por trás desta pesquisa e as perspectivas futuras. Por fim, no apêndice, é possível visualizar as imagens da escavação e as fichas de análise das cerâmicas e dos cachimbos.

CAPÍTULO 1 – APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1 Aportes Teóricos

A Arqueologia Histórica é uma grande aliada contra os perigos de uma história única. Esta, de uma forma geral, procura identificar espaços, estruturas e objetos pertencentes aos diversos grupos sociais para concernir suas transformações e seus conflitos. Ao contribuir com outras leituras possíveis, tal linha de pesquisa recorre às vozes abafadas, práticas esquecidas e culturas reprimidas, indicando uma realidade um pouco diferente da que foi passada pela oficialidade (ORSER, 1994).

Neste sentido, os estudos referentes à Arqueologia Histórica não estão interessados no artefato único e em si, mas, sobretudo, no entendimento do contexto socioeconômico, fazendo comparações inter-sítios para melhor entender o universo dos produtores e usuários da cultura material. De acordo com Funari (2002, p. 109), a Arqueologia como ciência que dialoga com a História, tem um importante papel social já que “[...] o estudo da cultura material histórica permite, [...] conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas”.

A relação entre a historiografia nacional e a cultura material é de suma importância no entendimento da história e vida nas sociedades pré-letradas. Não obstante, analisando a cultura material e a documentação escrita acerca de uma mesma sociedade, é comum se deparar com incongruências, divergências ou semelhanças. É possível realizar leituras distintas sobre o mesmo processo, levando em consideração as particularidades de cada fonte (MORALES, 2008).

O pesquisador deve se preocupar para que não haja uma sobreposição de fatos, tornando uma fonte superior à outra, mas sempre uma justaposição de informações, para que mesmo com distintas metodologias, as fontes possam integrar de maneira concomitante uma mesma pesquisa (MORALES, 2008). As fontes escritas podem estar imbuídas de intencionalidades, com conteúdo alterado ou cópia. O mesmo ocorre com a cultura material, sendo esta tão passiva às subjetividades quanto o documento escrito. A cultura material não é um reflexo passivo da sociedade que lhe deu origem, pelo contrário: “[...] ela, de certa forma, cria a sociedade por meio da ação dos indivíduos” (HODDER, 1988, p. 4).

A louça de barro é um dos itens da cultura material mais recorrentes em sítios históricos do país. Isso acontece devido, principalmente, a sua capacidade de preservação no registo arqueológico, o potencial interpretativo associado a grupos e indivíduos e sua ampla

distribuição. Ao longo do tempo, as metodologias de análise e as formas de abordagem foram se desenvolvendo e transformando conforme as novas teorias, questionamentos e digressões (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

As leituras acerca do tema fizeram surgir a necessidade de transitar na bibliografia nacional e estrangeira sobre as cerâmicas não só históricas, mas, sobretudo, pré-coloniais¹, no intuito de melhor compreender questões relacionadas a atributos, técnicas de manufatura e análises realizadas por pesquisadores interessados em reconstruir o universo material dos grupos pré-históricos brasileiros. Apesar do impacto causado pela colonização, tanto no âmbito social quanto material, os estudos sobre a cerâmica indígena muito têm a acrescentar nas dinâmicas do período colonial (MORAES, 2007).

Os primeiros estudos arqueológicos acerca dos grupos ceramistas apresentavam um enfoque histórico-cultural cujo objetivo era traçar rotas migratórias e estabelecer áreas culturais através do uso de cronologias estratigráficas e da difusão da cultura material. Assim, esperava-se identificar sequências regionais com base nos modelos biológicos de evolução (BROCHADO, 1984. MEGGERS; EVANS, 1957).

No entanto, nesta abordagem, as escolhas culturais, o ambiente em que se encontrava cada grupo e as estruturas de determinadas sociedades não eram levados em consideração. Além disso, a falta de um contexto arqueológico das áreas estudadas fez com que este modelo, desenvolvido e difundido pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) para explicar a pré-história brasileira, não tenha sido efetivo para caracterizar todas as áreas do país, pois trata-se de um modelo excludente e focado em características tipológicas como reflexo da organização social de grupos (MORAES, 2007).

Também dentro do PRONAPA surgiram os primeiros trabalhos de cerâmica colonial no Brasil. Inicialmente denominada de Neo-brasileira, esta cerâmica foi definida por Ondemar F. Dias Jr e caracterizada por congregar características indígenas, europeias e africanas. Esta definição da cerâmica, também chamada de cerâmica cabocla, sofreu mudanças e críticas no decorrer do tempo.

Segundo Ondemar Jr (1988), tal cerâmica é sempre de produção local, com cores variando entre negro, castanho e acinzentado, com decoração, atributos e formas que indicam aculturação entre elementos indígenas, africanos e europeus. A descrição desta, caracterizando

¹ As duas grandes divisões da Arqueologia brasileira em Arqueologia Histórica e Arqueologia pré-coloniais, se diferenciam conforme tempo e espaço. Esta classificação, como a maioria das classificações, vem angariando discussões e críticas por demarcar e dividir espaços e temporalidades não tão divisíveis assim.

a formação da população no processo cultural a partir da perspectiva da aculturação, muito dialoga com a linha teórica do histórico-culturalismo.

No modelo histórico-cultural parte-se do pressuposto que as culturas são homogêneas e que as tradições passam de geração em geração (FUNARI, 2005). A cultura é vista como traços culturais semelhantes de um determinado povo e, conforme os traços são compartilhados com outras populações, maior a proximidade de uma origem comum. Embora acompanhada de muitas críticas, o trabalho de Dias Jr (1988), foi pioneiro em trazer à tona os grupos indígenas e escravizados como agentes importantes na história cultural brasileira e as cerâmicas provenientes de sítios históricos como uma categoria material própria (SOUZA, 2008; AZEVEDO, 2019).

A denominação neo-brasileira se torna problemática no sentido que busca homogeneizar as populações, se afastando do próprio conceito de identidade. Mais tarde, com os novos estudos sistemáticos sobre o tema, passou a ser chamada também de cerâmica simples, de produção local e regional, cerâmica afro-brasileira, artesanais e, na literatura americana, de cerâmica *colonoware* (SOUZA; LOPES, 2014; AGOSTINI, 1998; SYMANSKI, 2008; ZANETTINI, 2012).

De maneira geral, trata-se da cerâmica que se formara junto com a nova sociedade brasileira. Classificá-la sem cair em reducionismos culturais e anacronismos continua sendo uma dificuldade entre os arqueólogos. É importante lembrar que estamos tratando de grupos sociais distintos, onde a aplicação de conceitos referentes ao pertencimento comum se torna anacrônica e problemática, ao negligenciar as próprias noções destes povos a respeito das suas concepções de etnicidade e pertencimento (SOUZA, 2008).

Dessa forma, a cerâmica estudada aqui, segue um modelo preocupado em focalizar as dinâmicas internas das populações escravizadas, a partir do estudo das suas práticas cotidianas e da sua reprodução cultural. Sabemos que a denominação escolhida não se exime de críticas, mas não há pesquisa sem escolhas e classificações. Por esse motivo, os fragmentos analisados neste trabalho são denominados como afro-brasileiros, no intuito de não fazer limitações pragmáticas no que diz respeito ao contexto de produção da cerâmica. Nossa limitação relaciona-se aos produtores e usuários da cultura material, ou seja, os grupos afro-brasileiros que viveram em Diamantina. Isto posto, vale ressaltar que estamos atribuindo um grupo como produtores e/ou usuários, sem realizar relações diacríticas entre etnia e cultura material, pois a nomenclatura escolhida não tem o objetivo de essencializar traços materiais.

Acreditamos que qualquer outra nomenclatura existente na história da Arqueologia iria de encontro a nossa noção de agência dos grupos em questão. Não obstante, a caracterização do sítio arqueológico aqui estudado juntamente com a história da cidade de Diamantina também contribuem para nossa inferência em relação aos produtores e/ou usuários da cultura material. É fato que esta classificação também não se exime de exclusões, no entanto, o que pretendemos discutir aqui e apresentar nos resultados obtidos é que o termo escolhido não congrega um bloco homogêneo em características e formatos, podendo sofrer variações conforme tempo e espaço.

De acordo com Agostini (1998), o interesse em estudar a referida cerâmica atende a dois objetivos principais: (i) oferecer novos dados que permitam reflexões sobre os regionalismos da cerâmica produzida no Brasil Oitocentista, (ii) assim como uma possível influência de escravos afrodescendentes na sua confecção, focalizando para isso especialmente os padrões de decoração. Portanto, acredita-se que trabalhos voltados para o contexto de vida e produção dos escravizados na América são fundamentais para o entendimento de questões não apenas acadêmicas, mas, principalmente, sociais. Pois, a sistematização da variabilidade artefactual, aliada a grupos subalternizados, muito pode contribuir para a (re)construção de dinâmicas sociais (SYMANSKI, 2008).

Ainda sobre as classificações desta cerâmica na história da Arqueologia, a partir dos novos enfoques, os problemas ecológicos vieram à tona e tomaram visibilidade na influência exercida nos povos, juntamente com aspectos simbólicos e cognitivos. Entre as correntes teóricas do pensamento arqueológico atual, a que melhor se aplica ao presente trabalho é a pós-processualista, devido principalmente à sua preocupação com a reconstrução dos significados subjetivos da cultura material e à ênfase dada ao papel da ação simbólica humana (MORALES, 2008).

Além disso, faremos uso da Teoria da Rede em nosso processo interpretativo, no intuito de melhor compreender a materialidade colonial. Tal abordagem leva em consideração justamente a agência dos envolvidos no sistema colonialista para a criação de elos sociais complexos (ORSER JR, 1999; ZANETTINI, 2005). Esta perspectiva, em paralelo com a Arqueologia pós-processual de Ian Hodder (1985), busca compreender o indivíduo como figura dinâmica, agente social transformador.

No entanto, acreditamos que as correntes arqueológicas não se excluem, somam-se, de forma que também faremos uso aqui de uma característica muito difundida pela Arqueologia processual: o aspecto quantitativo, a partir do uso de gráficos e análises químicas. Embora nossa metodologia de análise perpassasse os caminhos processualistas, nossas interpretações se afastam

deste, no sentido de nos preocuparmos com aspectos simbólicos e agência da cultura material (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Durante muito tempo, a Arqueologia interpretou registros arqueológicos como histórias diretas de povos específicos, contribuindo para a concepção de grupos étnicos como internamente homogêneos. É importante salientar que esta concepção não foi formada de forma aleatória, pois a disciplina forneceu poderosos elementos para a construção de determinadas histórias na sociedade contemporânea. Não foram poucos os dados arqueológicos manipulados para fins políticos, de dominação e controle de territórios (FUNARI, 2002).

As primeiras correntes arqueológicas, como o histórico-culturalismo e a processual, assumiram relações simplistas entre etnia e cultura material. Em 1969, Fredrik Barth publicou *Ethnic Groups and Boundaries*, que viria a ser um divisor de águas nos estudos referentes a etnicidade. Refutando a ideia de grupo étnico como “uma unidade portadora de cultura”, neste trabalho, o autor entendeu os grupos como uma forma de organização social, cuja principal característica é auto-atribuição. Onde os grupos étnicos são formados por grupos que se reconhecem de dentro para fora (BARTH, 1969).

Não faremos relações simplistas entre etnia e cultura material pois a etnicidade é entendida aqui como um mecanismo subjetivo de auto-definição pelo qual se estabelecem relações de pertencimento e afinidade entre determinado grupo. Ela é fluida, pois muda conforme interesses, necessidades sociais, políticas e econômicas. Não é um conjunto imutável de traços culturais transmitido da mesma forma dentro de um mesmo grupo. Esta tem muito a ver com a percepção entre “nós/eles”, em uma relação social intemporal que não cessa de evoluir (BARTH, 1969; LIMA, 2015).

Os dados disponíveis, de diferentes naturezas – históricas, etnográficas, etnohistóricas e linguísticas – apontam os grupos escravizados como carregados de simbolismos. Acessar traços étnicos na cultura material é um ponto de grande discussão na Arqueologia, principalmente se pensarmos no caráter autodeclaratório nos conceitos de etnicidade e identidade, levando em consideração que a disciplina lida com autores que já saíram de cena (BARTH, 1969).

O conceito de etnicidade está além da definição de culturas específicas e vem sendo debatido por muitos antropólogos e arqueólogos nos últimos anos. Nas palavras de Agostini (2008, p. 18) “[...] vemos como sendo composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento

histórico no qual estão inseridos”, daí a nossa preocupação em situar o sítio estudado no tempo e no espaço (AGOSTINI, 1998).

Conforme ressalta Jones (1997), a identidade étnica é uma questão, antes de tudo, política e suas fronteiras podem se modificar, aparecer ou desaparecer a depender do momento. As diferentes tecnologias, morfologias e estilos da cultura material, ao mesmo tempo que podem apresentar características africanas comuns, também podem trazer transformações. Dessa forma, é extremamente difícil traçar paralelos diretos entre etnia e cultura material (DIETLER; HERBICH, 1994 *apud* MORALES, 2001).

No entanto, as dificuldades metodológicas não devem ser um limitador nos estudos acerca da relação entre etnia, cultura material e simbolismo. As discussões aqui realizadas pretendem situar nosso arcabouço teórico para que seja possível visualizar o que estamos entendendo por etnicidade e, principalmente, que estamos cientes dos perigos interpretativos. No entanto, não nos contentaremos apenas com uma análise tecno-morfológica dos artefatos, e esperamos avançar em discussões simbólicas no que concerne aos motivos decorativos e possíveis paralelos com outros contextos. Um ponto de grande destaque são as possíveis intenções dos escravizados em relação aos traços presentes no barro. Para isso, é preciso compreender a cultura material cerâmica como veículo de informação.

A partir da década de 1980, os pesquisadores passaram a estudar a cultura material em busca de entender sua tendência dinâmica, relacionada com os sistemas sociais. Assim, passaram a compreendê-la com o objetivo de acessar aspectos da cultura e das cargas simbólicas inerentes ao universo material. Para isso, é fundamental enxergar para além do que está visível, pois apenas os vestígios não são suficientes para acessar aspectos socioculturais pretéritos (TILLEY, 1994).

Segundo Olivier Gosselain (1999), a cultura material cerâmica é capaz de acessar o mais amplo domínio das estratégias sociais, sendo responsável por ilustrar as dinâmicas do diálogo entre cultura, natureza e mundo material. Assim, a atividade da produção cerâmica é revestida de simbolismo e deve ser compreendida como um “produto cultural completo”, visto que traz em suas características produtos das estratégias sociais de um grupo (GOSSELAIN, 1999, p. 221).

Além disso, segundo Barth (1969), uma mesma cultura pode ser compartilhada por diferentes grupos, com diferentes significados o que não resulta, necessariamente, em um indicador de identidade étnica. Ao pensarmos no contexto aqui estudado, formado por uma sociedade marcada por diversos grupos sociais, compostos por africanos chegados de diversas

partes, com culturas, idiomas e etnias distintas, fica claro que estamos lidando com a cultura material de uma sociedade polissêmica e carregada de simbolismo.

Acreditamos que o maior empasse enfrentado neste quesito seja o perigo em essencializar a cultura material acarretando a ela uma identidade a priori *versus* a caracterização que não leva em consideração a agência dos grupos escravizados, corroborando com uma falsa noção de aculturação. Além disso, se atribuir a nomenclatura “cachimbos africanos” se torna problemática pois associa identidades à cultura material, o mesmo não acontece com a “faiança portuguesa” ou a “louça inglesa”, por exemplo? (ALLEN, 2016).

O contexto arqueológico e uma visão holística da cultura material talvez seja um caminho fértil contra anacronias e reducionismos, bem como o embasamento em outros tipos de fontes. É preciso cautela ao realizar comparações entre artefatos produzidos e utilizados em contextos distintos, levando em considerações as variáveis econômicas, políticas e sociais. Por isso, além das análises, pretendemos desvendar o contexto social que se formara em Diamantina no período em questão e, ainda, como este contexto nos auxiliaria em embasar as cerâmicas e os cachimbos afro-brasileiros.

Poderíamos nos manter isentos quanto a tais classificações. Poderíamos apresentar uma análise tecnológica sem grandes discussões relacionadas a grupos sociais. Poderíamos, inclusive, não nomear as cerâmicas e os cachimbos. No entanto, nossa análise aqui tem o caráter convidativo para novas discussões, debates e, claro, críticas. Mais uma vez, é preciso coragem para abraçar conceitos e definições, pois como bem salienta Allen (2016, p.95): “[...] não pretendo aqui insistir que nenhuma autoridade e autenticidade reine no campo da interpretação”.

O que não queremos, de maneira nenhuma, é descaracterizar a materialidade do passado ou a diversidade dos grupos que foram os atores históricos. Vale lembrar que, neste caso, estamos lidando com populações diversas, culturas distintas e pessoas divergentes que ajudaram a formar a Diamantina colonial, como veremos no capítulo seguinte. E Diamantina nada mais é que o recorte de um país marcado pela escravidão.

O número expressivo de africanos que desembarcaram no Brasil fez deste país a maior região escravista do mundo moderno (LOVEJOY, 2004). Somando a isso, ainda há os descendentes destes africanos, parte expressiva da população brasileira no período aqui tratado. Um procedimento que vem sendo adotado pelos pesquisadores brasileiros tem sido o de levar em consideração as singularidades do tráfico atlântico, levando em conta a alta taxa de

africanidades entre os escravizados, bem como a conexão de regiões brasileiras com áreas específicas do tráfico na África (SOUZA, 2013).

A partir desta perspectiva, aliada a extensão, os impactos e as inter-relações do deslocamento, o regime escravocrata não é tratado de forma linear. Assim, o foco está pautado em analisar os impactos do deslocamento no contexto atlântico, avaliar os processos de mudança cultural e estabelecer relações entre os grupos. Fazendo coro a esta ideia, compartilhamos do objetivo de obter novas visões sobre os processos políticos e sociais destes grupos e de todo o movimento envolvido (SOUZA, 2013).

As discussões em torno da relação entre a cultura material e seu potencial em fornecer informações sobre os padrões de vida material, religião, economia, política, construção e reconstrução de identidades e agência das populações africanas na diáspora, têm sido abordados com base nos modelos correlatos de crioulização, transculturação e etnogênese (SYMANSKI, 2013). Entre as principais categorias analisadas neste contexto estão as cerâmicas utilitárias e os cachimbos que, além de expressar dinâmicas culturais, “[...] podiam funcionar como antítese da cultura material empregada pela classe dominante” (SOUZA, 2013, p. 13).

As teses sobre as culturas escravas na América variaram durante muito tempo entre entendimentos enquanto totalmente “aculturadas” ou estritamente “africanas”. Alguns historiadores argumentaram que os escravizados mantiveram uma cultura africana e que esta foi fundamental no desenvolvimento da cultura afro-americana. Por outro lado, havia os que adotaram a “tese da catástrofe”, baseada em toda a história de sofrimento, humilhação e exploração dos escravizados nas mãos dos opressores. De acordo com essa visão, o negro teria sido despojado culturalmente de suas raízes africanas, e “forçado a se aculturar ao modo de vida e pensamento de seu opressor branco” (MARQUESE, 2004, p. 304).

As análises que trabalham com este conceito de aculturação buscam, de certa forma, uma continuação da identidade exclusivamente africana na cultura material, esquecendo as demais culturas incorporadas no contexto colonial. Assim, se tornam análises reducionistas pois distanciam a cultura africana como se estes vivessem isolados. Além disso, ignoram as diferenças étnicas entre os próprios africanos, criando modelos simplistas e fazendo comparações diretas entre a decoração na cultura material e etnias africanas (SINGLETON, 1995, 2013).

Para Singleton (2013), os estudos devem caminhar na busca dos dois elementos, tanto os *backgrounds* culturais africanos, que ficariam registrados nas marcas realizadas nos objetos,

quanto na ressignificação e criação de novas formas culturais visíveis nos artefatos. Sem esquecer, é claro, das formas de resistência a esta nova forma de imposição, levando em consideração que estamos nos referindo a um deslocamento forçado.

Não obstante, para melhor compreender os processos de escravidão é preciso considerá-los como diferentes entre si e, principalmente, a forma particular como cada cativo lidava com a opressão. O processo de formação cultural no Novo Mundo entendido aqui não foi unilateral, pois não foram pautados na imposição de formas culturais europeias e receptores africanos passivos.

Para Mintz e Price (1976), os africanos que povoaram o Novo Mundo não compartilhavam da mesma cultura. Pois eram retirados de diferentes localidades do continente africano, de numerosos grupos linguísticos e étnicos e de múltiplas sociedades das diversas regiões. Assim, não seria plausível afirmar que estes transplantaram uma mesma cultura para o Novo Mundo.

Singleton (1995) alega ainda que o modelo de criouliização é estático, por desconsiderar o contexto social e assumir o uso e apropriação dos artefatos como invariável. De certa forma, este modelo desconsidera o papel ativo dos atores em manipular e recriar linguagens próprias, pautadas em suas vivências e de acordo com seus próprios interesses. Segundo Symanski (2010, 2012, 2013), os modelos de criouliização têm sido relativizados em estudos sobre os contextos de *plantations* no Brasil, focalizando a dinâmica das comunidades internas, considerando que não havia tentativa de dominação que não fosse contrastada e que este contraste pode estar explícito na cultura material.

As investigações em sítios de ocupação africana e afrodescendente têm crescido exponencialmente em todo o mundo. Na América do Norte, os Estados Unidos foi um dos primeiros países a realizar pesquisas sistemáticas sobre o tema, com escavações em contextos como *plantation*, chácaras, comunidades de fugitivos, cemitérios, unidades domésticas e urbanas desde 1970 (SYMANSKI, 2013).

No entanto, as abordagens variaram junto com os novos rumos da Arqueologia no mundo. Nas décadas de 1970 e 1980, as dinâmicas da Arqueologia processual norte-americana buscavam os padrões tipicamente africanos. Na década de 1990, o foco era o entendimento das relações entre senhores e escravos a partir do estudo do poder, embasados pela corrente marxista. Nesta perspectiva, embora a crítica marxista tenha sido importante pois trouxe à tona as dinâmicas de poder como inerente as relações sociais, os autores adotaram uma ideia

unilateral de poder, vendo-o como concentrado nas mãos dos senhores (SYMANSKI, 2013, 2014).

A partir de 1990, uma visão mais equilibrada e bidirecional passou a ser usada no contexto das relações de poder na Arqueologia afro-americana. Os arqueólogos passaram a dar maior atenção às dinâmicas internas das comunidades e a explorar de que modo a cultura material euro-americana foi utilizada e ressignificada pelos grupos escravizados. Assim, surgem as discussões em torno da agência e da habilidade que os grupos podem ter tido em assimilar ou rejeitar as possíveis ideologias impostas pela camada senhorial (ORSER JR, 1998; SOUZA, 2013).

Os estudos de Symanski e Hirooka (2013) demonstraram uma forte correlação entre a variabilidade diacrônica das técnicas de decoração e nos padrões decorativos da cerâmica e as mudanças na composição africana e afro-brasileira dos locais de escravos da região do Mato Grosso. Embora as pesquisas relacionadas a cultura material escravista ainda estejam aquém do necessário, nas últimas duas décadas estes e outros autores têm trazido grandes contribuições acerca do tema (SOUZA, 2013; SYMANSKI, 2013, 2008).

A Arqueologia da Diáspora Africana, também chamada de Arqueologia da escravidão, Arqueologia de resistência e Arqueologia de grupos afro-brasileiros, é o estudo dos remanescentes materiais dos mais de doze milhões de pessoas que foram forçadamente transplantadas para fora da África e submetidas ao regime escravocrata. Os registros arqueológicos desses grupos consistem em vestígios materializados das práticas cotidianas que não foram registradas pelos grupos dominantes (COSTA, 2016).

Acreditamos que não haja um consenso entre os arqueólogos sobre o uso dos referidos termos, no entanto, para Orser (2002), a Arqueologia da escravidão se preocupa com os vestígios encontrados no interior das senzalas e em espaços convencionalmente relacionado a escravidão. Com o interesse em estudar novos espaços, como as residências urbanas e os assentamentos de africanos escravizados e negros livres, um novo termo passa a ser utilizado: Arqueologia da Diáspora Africana (SOUZA, 2013).

Levando em consideração que os materiais analisados foram escavados de uma residência urbana e, de maneira especial, por compreendermos as dinâmicas envolvidas no tráfico atlântico, adotaremos o termo Arqueologia da Diáspora Africana. A partir desta perspectiva, a busca pela cultura material ligada aos africanos e afrodescendentes se diversifica

também por outros contextos como lixeiras coletivas, fazendas de café, arraiais de mineração, cemitérios, paisagens e portos (COSTA, 2016).

Na América Central, a partir da década de 1970, há exemplos de pesquisas sobre a temática da Arqueologia da escravidão principalmente nas ilhas do Caribe, como as realizadas na região de Cuba, incluindo os estudos sobre escravidão indígena. Os pesquisadores envolvidos aqui privilegiaram primeiramente os espaços como habitações e cemitérios, depois os engenhos de açúcar e café e, por fim, os quilombos (DOMÍNGUEZ; FUNARI, 2008).

Na América do Sul, poucos foram as pesquisas investidas sobre o tema, com exceção do Brasil. Podemos citar os trabalhos realizados na Argentina, mais especificamente em Buenos Aires, e no Uruguai onde dinâmicas relacionadas a padrões alimentares, trabalho e manifestações religiosas foram aprofundadas. Além disso, no Uruguai, também há estudos sobre a cultura material, como os cachimbos cerâmicos (SCHÁVELZON, 2003; CERUTI, 2012).

No Brasil, a Arqueologia da Diáspora Africana foi inaugurada no final da década de 1960, com os estudos de Guimarães e Lana em quilombos do Vale do Jequitinhonha e da Serra da Canastra, em Minas Gerais. Imbuídos da perspectiva histórico-culturalista, arqueólogos formularam um modelo analítico-classificatório para o estudo da cultura material de grupos subalternos do contexto colonial e pós-colonial (mais especificamente dos vasilhames cerâmicos) denominado Tradição Neo-brasileira ou Cerâmica Neo-brasileira (SYMANSKI, 2014).

A crescente produção de pesquisas arqueológicas acerca da cultura africana e afrodescendente fez com que os estudos transcendessem lugares como fazendas e quilombos e incluíssem outros sítios como as residências urbanas, os assentamentos de negros livres e as igrejas (ORSER, 2002). Esta relação entre a Arqueologia da Diáspora Africana e os lugares de memória escrava foi debatida pela arqueóloga Camilla Agostini (2009), da qual culminou o termo “espaços liminares”, para identificar os espaços subalternos, alternativos e de contestação.

As principais pesquisas sobre escravidão no Brasil foram conduzidas, durante um certo tempo, tendo como foco o Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas, pelos arqueólogos Pedro Funari e Charles Orser, tendo início em 1991. Além disso, há os trabalhos de Scott Allen sobre os problemas e potencialidades envolvidos na Arqueologia da Diáspora Africana em Alagoas e Pernambuco. Em trabalho mais recente, Samuel

Gordensstein apresenta análises e interpretações de objetos e espaços usados em cultos afro-brasileiros, no centro histórico de Salvador, integrando etnografia e Arqueologia (FUNARI; ORSER, 2004; ALLEN, 2016. GORDENSTEIN, 2014.).

No centro-oeste brasileiro os principais estados onde foram realizadas pesquisas sobre o tema são Goiás e Mato Grosso. Em Goiás, podemos citar os trabalhos do arqueólogo Marcos Souza, onde investiga a relação entre paisagem e escravidão, explorando a arquitetura das estruturas e as estratégias utilizadas pelos cativos em um engenho em Pirenópolis. No Mato Grosso, Luís Claudio Symanski estuda a interrelação entre cultura material, cosmologias e identidades em engenhos do século XVIII e XIX, combinando cultura material e fontes documentais (SOUZA, 2007; SYMANSKI; HIROOKA, 2013).

No sudeste do país, temos os pioneiros estudos arqueológicos sobre o tema, como o trabalho de Carlos Guimarães sobre o Quilombo do Ambrósio em Minas Gerais. Além dos quilombos, os estudos nesta região também abarcaram fazendas de café, minas e espaços urbanos como o trabalho desenvolvido por Tania Andrade de Lima no Cais do Valongo, um importante porto de recebimento de escravizados durante o século XIX localizado no Rio de Janeiro (GUIMARÃES et.al, 2013; LIMA, 2013).

Ainda na região sudeste, há os estudos de Flávio Gomes sobre as cartografias de *plantation*, relacionando espaços, paisagens e a cultura material escravista. Além das investigações realizadas por Camilla Agostini que trazem à tona importantes contribuições acerca do uso e fabricação de cachimbos e sua relação com resistência escrava e etnicidade. Ainda sobre os cachimbos, vale ressaltar o trabalho de Paiva (2015) e Lima (2018) sobre a relação destes artefatos com as dinâmicas da escravidão em Diamantina, interior de Minas Gerais (AGOSTINI, 2009; 2013; GOMES, 2013; PAIVA, 2015; LIMA, 2018).

No que concerne ao Sul do Brasil, podemos citar o projeto Pampa Negro coordenado por Lúcio Ferreira, na cidade de Pelotas. As pesquisas ocorrem através da análise da cultura material aliada aos documentos históricos, em uma área que foi usada para produzir charque. Também no contexto das charqueadas, há o trabalho de Estefania Rosa na cidade de Santa Rita. Neste mesmo interim, aliando cultura material e documentação, há os estudos sobre a escravidão em Santa Catarina realizada por Fernanda Borba, a partir dos vestígios resgatados da região do distrito do Saí em São Francisco do Sul e as realizadas pela arqueóloga Fabiana Comerlato junto às armações baleeiras. Em Rio Grande, a questão portuária e a escravidão também são investigadas por Beatriz Thiesen junto à outra charqueada e em uma senzala no município de São Martinho da Serra por Neli Machado. Além do resgate arqueológico no

contexto histórico registro de Viamão em Guarda Velha, em Santo Antônio da Patrulha, pelo pesquisador André Jacobus e a tese de Cláudio Carle sobre a organização espacial dos assentamentos de ocupação de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul (CARLE, 2005; COMERLATO, 2005; BORBA, 2013; JACOBUS, 1997; ROSA, 2012; THIESEN et. al, 2011; MACHADO, 2003).

Poucos são os trabalhos voltados para a temática no Norte do país. Diogo Menezes Costa traz importantes contribuições sobre a Arqueologia dos africanos escravos e livres na Amazônia e do grande potencial dos estudos sobre diáspora africana na região (COSTA, 2016). Sobre o Pará, podemos destacar o trabalho de Tiago Muniz, onde aborda o contexto da Diáspora Africana com dados sobre zonas de captura, taxas de embarque e reembarque e elementos da cultura material capazes de revelar a agência dessas pessoas sujeitas à diferença colonial (MUNIZ, 2019).

Neste contexto, levando em consideração que a cidade de Diamantina recebeu centenas de milhares de escravos para trabalhar nas minas durante o período colonial, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, espera-se dar continuidade a temática na região. Acreditamos que para melhor compreender os artefatos aqui analisados, é de suma importância perceber as nuances da história da escravidão em Minas Gerais e nas famosas minas de diamante do interior.

Para entender como os cachimbos e as cerâmicas produzidos por africanos e afro-descendentes no Brasil colonial podem ter servido como suporte para manifestação de etnicidade é preciso considerá-los como veículos de informação (AGOSTINI, 1998).

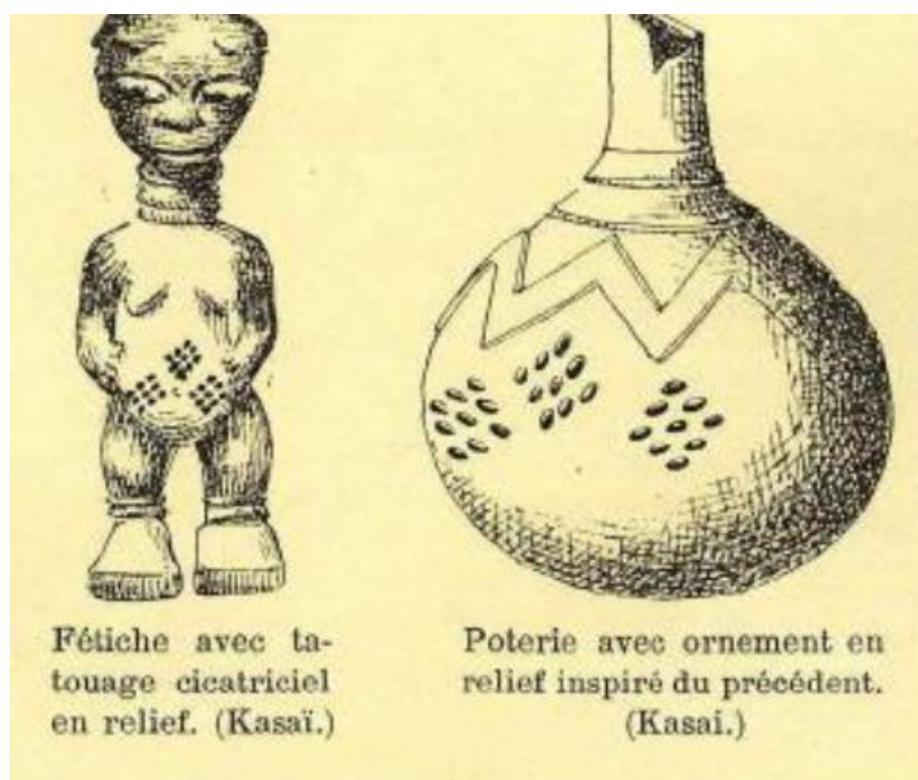
O pouco que temos [sobre a historiografia escravista] deve ser adequadamente explorado. Qualquer indício que revele a capacidade dos escravos, de conquistar espaços ou de ampliá-los segundo seus interesses, deve ser valorizado. Mesmo os aspectos mais ocultos (pela ausência de discurso) podem ser apreendidos através das ações. Tantas vezes considerados como simples feixes de músculos, os escravos falam, frequentemente, através delas. Suas atitudes de vida parecem indicar, em cada momento histórico, o que eles consideravam um direito, uma possibilidade ou uma exorbitância inaceitável. (REIS; SILVA, 1989, p. 95)

Sobre essas ações e, claro, sobre a cultura material produzida por esses grupos, há muitos debates. O sistema que escravizava homens e mulheres em benefício de outros não foi linear e nem homogêneo. É fundamental compreender os africanos como diferentes entre si e a forma particular como cada um lidava e resistia aos mecanismos impostos.

Segundo Thorton (2004, p. 296), a estética é o elemento da cultura menos estável. No entanto, foi o elemento da cultura africana que perdurou por mais tempo nas Américas. A música e a dança africana, por exemplo, estão na raiz da afro-americana e, além disso, essas manifestações culturais são as mais apropriadas pela cultura europeia e americana. Por estética, pode-se entender enquanto itens que impõe um padrão arbitrário em algum objeto ou comportamento, como o formato de um prato, a ornamentação do corpo humano, tatuagens e até a culinária (THORTON, 2004).

Os princípios estéticos encontrados na cultura material, por exemplo, podem ser encontrados também em outros elementos da sociedade como explica Thorton (2004), ao relatar que populações nativas da África Central gostavam de criar um complexo padrão de linhas cruzadas, resultando em desenhos geométricos decorativos, geralmente em forma de losango e com linhas entrecruzadas, fato que torna a África central facilmente identificável para quem contempla estes desenhos (Figura 1).

Figura 1- Objetos cerâmicos com reprodução de escarificações



Fonte: AGOSTINI, 2011

O cenário afro-americano no Novo Mundo foi alvo de debates de muitos autores, resultando em uma ampla e distinta gama de visões sobre o assunto. Todavia, pode-se ressaltar

que o centro das discussões era o mesmo: teriam os africanos (re) formulado identidades próprias no contexto americano escravista ou os valores e heranças culturais de suas terras natais teriam sobrevivido e assim permanecido intactas?

Para Mintz e Price (2003, p. 19):

Nenhum grupo, por mais bem equipado que esteja, ou por maior que seja sua liberdade de escolha, é capaz de transferir de um local para outro, intactos, o seu estilo de vida e as crenças e valores que lhe são concomitantes.

Não obstante, a religião, muitas vezes, era o elo entre eles, pois, dessa forma, conseguiam manter a fidelidade às tradições da África e conviver com o espírito de mudança no continente que se formava. É o que Reis e Silva (1989) chamaram de “reinvenção de tradição”.

A heterogeneidade cultural forçou os escravos a reinventarem seus compromissos no Novo Mundo, imprimindo às primeiras culturas afro-americanas grande dinamismo. Tratar-se-iam de quadros culturais abertos à novidade, mas sempre informados pelas orientações cognitivas mais profundas trazidas da África. (MARQUESE, 2004, p. 306)

Acreditar que estas comunidades tiveram suas culturas simplesmente recriadas junto com a formação da sociedade que se formava no período colonial, com incorporação de novas regras, indica desconhecer a capacidade de transformações e reformulações de padrões culturais. É fato que mesmo em contato com novas situações, alguns valores são mantidos, outros transformados e substituídos (SAHLINS, 2008).

A própria noção de identidade de um grupo é mutável, e varia conforme os indivíduos entendem a si mesmo e aos outros, dentro de categorias como lugares de origem ou elementos culturais comuns. Contudo, independentemente das necessidades, transformações e estratégias adotadas, uma série de hábitos, costumes e outros atributos culturais de origem africana, de forma consciente ou não, continuaram atrelados ao passado desses indivíduos.

Seguindo a discussão, Hegmon *et al.* (2000) relata que podemos tentar entender por que alguns atributos da cerâmica se espalham enquanto outros se correlacionam com os limites dos grupos sociais. Os estudos que desenvolvem essa temática têm fornecido uma compreensão das relações variáveis entre a cultura material e os limites sociais. Pois, às vezes a cultura material

é usada ativamente para marcar, estabelecer e manter limites e às vezes diferenças sociais ou políticas resultam em diferenças materiais.

As estratégias e táticas utilizadas pelos cativos neste contexto, são entendidas a partir do conceito defendido por Michel de Certeau (1994), onde as estratégias estariam ligadas a medidas intencionais e racionalizadas por um detentor de poder, capaz de ter o comando sobre um determinado lugar de base em seu domínio. As táticas, por outro lado, dariam protagonismos aos sujeitos que não faziam parte da estrutura dominante. A tática seria a ausência de poder usada para escapar deste domínio, diferente da estratégia, esta aproveitaria uma ocasião, sendo uma ação imediata.

Assim, partimos da noção que as dinâmicas da escravidão discutida podem estar elucidadas na cultura material também de maneira dinâmica, principalmente se pensarmos que a produção, a decoração e o uso não necessariamente eram realizados de maneira deliberada ou aleatória. Considerar as intenções intrínsecas nos traços presentes na cultura material é o fio norteador para o entendimento de que a decoração analisada nesta pesquisa poderia ser, pouquíssimas vezes, produzida de maneira mecânica. Lembrando que da mesma forma que o universo escravista não pode ser reduzido a uma massa homogênea, os símbolos produzidos por este contingente também devem ser analisados com cautela e individualidades. Assim, a decoração é funcional, sendo, raras vezes, uma “obra do acaso”.

1.1.2 Aspectos tecnológicos e funcionais da cultura material

O desenrolar deste trabalho não se afasta, em momento algum, da relação entre historiografia e cultura material. Assim, antes de mais nada, vale destacar que estamos entendendo por cultura material objetos que possuem valor, finalidade ou sentido para determinado povo e sua cultura. Dentro de um cenário onde a cultura ganha uma dinamicidade, os objetos materiais passam a ganhar status de agentes (BOURDIEU, 1994; SAHLINS, 2008).

Desta forma, “[...] os sujeitos se criam ao criar os objetos”, a materialidade tangível, que, mesmo assumindo vida própria, não deixa de marcar as relações que os constituíram. Devemos pensá-los não como simples “matéria”, separada das pessoas que o circundam, mas como cristalizações do entrelaçamento de intencionalidades que possibilitaram sua existência (ARONI, 2010, p. 5).

A Arqueologia materialista defende a perspectiva dos artefatos enquanto criados, com uma vida útil definida e então descartados. Jones (2002) contrapõe a essa noção de “vida útil

dos artefatos” à de “biografia das coisas”, que inclui a ideia de que os objetos são usados como forma de dar significado à vida das pessoas, construindo e mantendo identidades sociais (JONES, 2002, p.84).

Neste sentido, a cultura material é entendida aqui com base no que Julian Thomas (1999) chamou de ação social do objeto, ou seja, sua agência, sendo estes não apenas um produto ou um reflexo da sociedade, mas parte integrante. Destarte, os artefatos são mais que apenas testemunhos de uma sociedade extinta, são ainda uma parte dela.

De acordo com Fagundes (2004, 2007), o artefato é parte constitutivo das totalidades sociais, trazendo valiosas informações acerca da cultura e comportamento das sociedades humanas, pelo qual seu uso social, além de sua função, está centrado nas representações sociais e com o universo simbólico, ou seja, manifestações da cultura, religiosidade e relações sociais. Hodder (1992), seguindo este caminho, entende que a cultura deve ser analisada enquanto linguagem, pois se trata de um sistema construído de símbolos, podendo ser considerada como um texto.

Uma das principais preocupações dos arqueólogos é justamente compreender o significado da variabilidade artefactual encontrada em sítios arqueológicos. Esta se refere às propriedades físicas dos artefatos e a análise deve levar em consideração características como espessura, peso, tamanho, textura, cor e consistência. Segundo Schiffer e Skibo (1997), são as escolhas tecnológicas do artesão durante o processo produtivo que resultarão na variabilidade dos artefatos (SILVA, 2000).

Por esse motivo, embora os questionamentos desta pesquisa tenham iniciado em torno dos padrões dos motivos da cultura material, a análise completa não pode ser descartada. Informações como facilidade ou dificuldade de acesso a matéria prima, os mecanismos de transporte, uso, descarte, as diferenças no conhecimento tecnológico e outras variáveis também observáveis na análise arqueográfica devem ser levadas em consideração (SILVA, 2000).

Os procedimentos para a análise das cerâmicas devem partir do princípio de que estas podem trazer informações importantes sobre o contexto de cada sítio. Por ser carregada de significado, a cultura material cerâmica é uma fonte valiosa no entendimento dos modos de vidas das populações ágrafas e subalternizadas. Os atributos e variações como morfologia, tamanho, tipo de pasta e decoração, têm sido utilizados para reconstrução de aspectos políticos, sociais e religiosos.

Dessa forma, acreditamos que os diferentes motivos decorativos, a distribuição espacial em sítio, os ritos e as escolhas dos artesãos possam estar evidenciados nos variáveis padrões de estilos tecnológicos. As diferentes correntes metodológicas apresentam noções peculiares acerca do conceito de estilo. Por esta razão, vale ressaltar que o estilo é compreendido aqui enquanto uma unidade interpretativa que, em certa medida, deve possibilitar a reflexão e compreensão de fenômenos observativos (FAGUNDES, 2007).

Segundo Hegmon *et al.* (2000), o estilo tecnológico, ou a forma como um pote é finalizado, pode até ser decorativo, mas não está dissociado da tecnologia de confecção, bem como as escolhas de produção e a matéria prima. Assim, acreditamos que as organizações das categorias analíticas podem oferecer informações sobre os comportamentos culturais. Pois parte-se do princípio de que a cultura material, como produto de determinada atividade, poderá “[...] refletir e indicar vários aspectos do comportamento social, atrás de cada artefato estão os padrões de cultura que dão forma à ideia, bem como as técnicas para sua confecção e utilização” (OLIVEIRA, 2000, p.13).

A compreensão do conceito de estilo pelos arqueólogos foi acompanhada por uma maior compreensão também da tecnologia. Esta não era mais vista apenas como um meio para o fim ou uma forma de adaptação cultural. Em vez disso, Lechtman (1977) argumenta que a tecnologia tinha um estilo próprio que só poderia ser compreendida dentro de um contexto social e cultural. O estilo tecnológico, dessa forma, envolve ativamente estruturas simbólicas, desempenhando um papel na perpetuação e mudança de status e conceitos ideológicos básicos (*apud.* HEGMON, 1998).

Um ponto chave, ao estudar o conceito de estilo tecnológico é, segundo Hegmon (1998), não se concentrar apenas e unicamente na tecnologia, pois dessa forma, corre-se o risco de objetificá-la transformando-a em um objeto separado da ação humana. Como salienta Sackett (1977), as escolhas tecnológicas, assim como a decoração, podem ter estilo e fornecer aos arqueólogos informações sobre limites sociais.

Compreender como se deu a confecção de determinado instrumento e a funcionalidade exercida por ele em cada sociedade é um dos temas mais debatidos entre os arqueólogos, haja vista que, a partir destes códigos, é possível visualizar uma abordagem sistêmica resultando em artefatos com uso social e simbólico determinados (FAGUNDES, 2004, 2007; LEMONNIER, 1992). No entanto, sobre o conceito de estilo e sua aplicabilidade para a interpretação da variabilidade do registro arqueológico, os pesquisadores estão longe de alcançarem um consenso (BINFORD, 1989; SACKETT, 1977, 1991; WIESSNER, 1991). Não obstante, trata-

se de um conceito fundamental, uma vez que nos interessa o porquê das escolhas tecnológicas nos estudos da cadeia operatória dos fragmentos cerâmicos.

O famoso debate entre Binford (1989) e Sackett (1977, 1991) diz respeito à dicotomia ou à unidade entre estilo e função. Enquanto o primeiro é adepto da dicotomia e entende o estilo como acessório e adjunto, Sackett defende a unidade, compreendendo estilo como inerente aos aspectos técnicos da produção. Estes dois conceitos foram definidos em estilo iconológico e estilo isocréstico (SACKETT, 1982).

A escola iconológica, assim como Binford, possui características descendentes do processualismo, a partir do foco em aspectos simbólicos com o objetivo de criar uma certa identidade grupal, porém sem valor utilitário e funcional. Os aspectos funcionais são, para este autor, fundamentais nas discussões sobre variabilidade, diferente dos aspectos estilísticos, pois estes são vistos como adjuntos (BINFORD, 1989).

Segundo James Sackett (1917), precursor da ideia de estilo enquanto o modo de fazer algo em um determinado tempo e lugar, estilo e função são aspectos indissociáveis e complementares. Assim, estilo reside nas escolhas envolvidas em uma determinada forma, destinada a uma função específica, que vão além dos atributos decorativos. No modelo isocréstico, estilo seria passivo, inerente a todas as escolhas tecnológicas feitas no decorrer do processo produtivo, não podendo ser visto como dicotômico em relação à função. A variação isocréstica seria encarada como diagnóstica de etnicidade, já que a probabilidade de grupos não relacionados realizarem escolhas similares é muito remota, tendo em vista o grande número de possibilidades potenciais disponíveis (SACKETT, 1977, 1986).

Portanto, estilo e função são aspectos complementares que determinam a morfologia dos artefatos e as características das cadeias operatórias que lhes dão origem. O aspecto funcional de um artefato reside em sua utilidade para um fim específico e o aspecto estilístico reside na variante étnica ou escolha isocréstica em que esta forma surge (SACKETT, 1977).

No que concerne ao modelo iconológico defendido por Binford, vale lembrar que este autor enfatiza que a variabilidade só é apreendida a partir dos aspectos adaptativos e não a partir de escolhas culturais. Isto ocorre, entre outros motivos, pelo próprio conceito de cultura entendido por Binford (1986, p. 62), segundo o autor: “[...] cultura significa o extrassomático ou adaptação”. Assim, fica clara sua visão em torno da dinâmica cultural relacionada a visão extrassomática ao ambiente, inclusive no aspecto cultural.

Para Sackett (1986), no entanto, a variabilidade estilística não tem a ver apenas com o caráter morfológico dos artefatos, mas está presente em todas as etapas do processo, desde a escolha da matéria prima, as técnicas, na gama de opções e possibilidades e, por fim, o descarte e reciclagem das peças. Assim, segundo este autor, a variabilidade isocréstica está carregada de etnicidade, pois todas as escolhas estão relacionadas com a cultura de determinado grupo.

No estudo da cerâmica afro-brasileira, foco desta pesquisa, é preciso atentar para a supervalorização dos atributos decorativos. Segundo Sackett (1991), a decoração é o elemento que apresenta maior gama de escolhas e estas escolhas estão envolvidas em todo processo de produção dos artefatos, sendo determinada culturalmente. Assim, a intencionalidade do artesão em construir o estilo também vem gerando embates.

Neste trabalho, pretendemos discutir o conceito de estilo partindo do pressuposto que os sistemas tecnológicos se relacionam diretamente com os sistemas de representação social. Assim, a tecnologia pode ser entendida como signo, carregada de significados próprios. De forma que permite compreender elementos próprios da vida dos fabricantes da cultura material (SILVA, 2000).

Nas palavras de Fagundes (2004):

Ao indicarmos ou referirmos sobre ‘estilo’, isto significa que temos em mãos categorias ímpares que levaram em conta questões do processo histórico (diacronia), social (sincronia) e físico-psicológico (cognição) que envolvem as sequências operacionais de produção, uso e abandono, sobretudo porque estamos convictos que a tecnologia é um fato social total (MAUSS, 1974), integrada aos sistemas sociais, não podendo ser compreendida como separada das estruturas de uma sociedade como um todo ou como único fato responsável pelo ‘desenvolvimento’ dessa sociedade.

Portanto, a análise estilística dos cachimbos e dos fragmentos em cerâmica, partem do pressuposto que estilo estaria ligado à noção de escolha. Para entender de que forma os sentimentos e estratégias dos cativos poderiam estar impressos na cultura material, é necessário compreender que estas marcas possuía o intuito também funcional, sendo esta função, indissociável do estilo. Pois a função comunicativa do estilo é o seu aspecto central. “O estilo é um meio de comunicação baseado no modo de se fazer algo. [...] O estilo, como meio de comunicação, é utilizado para expressar identidade” (WIESSNER, 1991).

Não obstante, os materiais não são entendidos enquanto objetos “soltos no espaço” e sim, contextualizados tanto no universo escravista (macro), quanto em um sítio arqueológico

(micro). Pois, segundo Mageste (2015), um artefato nunca é puramente estilístico ou funcional, sendo necessário contextualizá-lo dentro de um contexto histórico amplo. Assim, um atributo inicialmente considerado estilístico pode muito bem se tornar funcional e vice-versa. Isto porque é fundamentalmente teórica a dicotomia entre estilo e função.

Além disso, como ressalta Clifford Geertz (1998), toda ação humana está intimamente relacionada ao seu tempo e meio, sendo impossível ser analisada sem levar em consideração tais fatores. As atividades sociais e individuais se realizam em coexistência com os modos do ambiente em que se constituem. Neste sentido, o estilo tem função e pode residir em atributos funcionais.

Dessa forma, pensar nos artefatos aqui analisados como forma de expressão cultural é entender a decoração como mais do que “arte pela arte”, tendo em vista que os traços nos vasilhames representam mais do que caráter estético, fazendo valer reforços de ordem social (DAVID et al., 1988). Por fim, partimos do pressuposto que “os traços no barro” poderiam ser canais de transmissão de valores simbólicos (HEGEMON, 1992; LIMA, 2018).

1.2 Aportes Metodológicos

Embora fabricados a partir da mesma matéria prima, as duas classes de artefatos analisados aqui possuem características, atributos e funcionalidades distintas. Optamos por dividir os aportes metodológicos e, conseqüentemente, as fichas de análises a partir das especificidades dos materiais. Neste tópico faremos uma discussão em torno das metodologias de análise da cerâmica, enquanto nos deteremos apenas aos cachimbos no tópico seguinte.

A escavação do Quintal da casa de Chica da Silva (sítio QCC) trouxe à tona um universo material cerâmico composto por 3.400 fragmentos, escavados dos setores 4 e 6. Como nosso foco, desde o início, se pautou nos padrões decorativos e nas características físicas, funcionais e simbólicas da cerâmica, não nos preocupamos com as outras classes de artefatos. No entanto, com o objetivo de otimizar nosso tempo, optamos por analisar apenas os fragmentos de bojo, base e borda. Os artefatos menores de 20mm foram excluídos das análises pela lacuna interpretativa que poderiam gerar, bem como os materiais construtivos. Dessa forma, analisamos um total de 1.974 fragmentos cerâmicos.

A análise da referida cerâmica pretende dialogar com o contexto de vida e sociabilidade dos seus produtores e usuários. Acreditamos que o estudo da variabilidade na cultura material pode ser um caminho no entendimento acerca da diversidade cultural e rede de relações dos

grupos escravizados, através da análise das escolhas que perpassam a confecção e o uso dos artefatos.

O foco na forma ou decoração como indicadores diretos de etnicidade foi se transformando, pouco a pouco na Arqueologia, em uma abordagem que leva em consideração todo o seu processo de confecção, uso e descarte. Existe ainda uma discussão em torno do quanto a variabilidade das cerâmicas pode estar relacionada a uma diferenciação entre os próprios grupos escravizados, além dos processos que seriam intencionais ou não. E ainda o que dessa variabilidade estaria sendo considerado como estilo para demarcar essas diferenças.

Assim, compreendemos a tecnologia empregada na fabricação destes artefatos como produção social e compondo sistemas culturais e simbólicos. Pois, de acordo com Marcel Mauss (2003), a técnica pode ser entendida como um encadeamento de etapas de transformação da matéria, podendo ser observada em diversos momentos da fabricação de um artefato.

O comportamento técnico do homem foi abordado por Leroi-Gourham (1965) em três níveis: o específico, o sócio-étnico e o individual. Segundo este autor, a noção de cadeia operatória é fundamental, pois não é possível estudar e descrever o instrumento isoladamente, e sim a partir dos gestos empregados que dão forma e utilidade a ele.

Isto posto, tentamos identificar os elementos tecnológicos específicos dos fragmentos deste sítio para que fosse possível a definição do perfil técnico. O nosso interesse ao traçar o perfil técnico tem a ver com a percepção das escolhas tecnológicas ao longo do tempo, observadas a partir das propriedades formais dos artefatos. A metodologia de análise tem o intuito de reconstruir as etapas da produção da cerâmica, desde a aquisição da matéria prima até a produção e uso do artefato (SCHIFFER; SKIBO, 1992).

Acreditamos, dessa forma, que a partir da análise da cadeia operatória dos artefatos cerâmicos que compõem a coleção, é possível perceber continuidades e mudanças técnicas com base na variabilidade das técnicas de manufatura e conforme a mudança dos traços (SOUZA; LOPES, 2014). Uma vez que a técnica é, antes de tudo, uma questão social, ela se associa a uma tradição que estabelece práticas culturais (LEMONNIER, 1993).

Para isso, procurou-se mapear os elementos técnicos, morfológicos, e funcionais para caracterizar o perfil cerâmico do sítio estudado, ou seja, a análise dos elementos técnicos que compõe as diversas fases da confecção do artefato cerâmico. Para estabelecer este perfil, são considerados como elementos técnicos: (i) matéria prima, (ii) os instrumentos usados na

manufatura, (iii) as técnicas de manufatura, (iv) a queima, (v) todas as demais técnicas de produção do artefato (ALVES, 1991; OLIVEIRA, 2000, 2003).

No que concerne aos elementos morfológicos, nos preocupamos em identificar a forma e o tamanho dos artefatos. Os elementos funcionais dizem respeito a finalidade dos objetos, enquanto os elementos decorativos estão associados às técnicas decorativas empregadas nos vasilhames, a qualidade da pigmentação, a combinação das cores, entre outros (OLIVEIRA, 2003).

A coleção do sítio QCC é, como veremos no capítulo 03, bastante fragmentada. Fato que prejudicou nossas inferências em relação a forma e finalidade dos artefatos. Poucos foram os fragmentos de bordas possíveis de desenhos no ábaco e, por esse motivo, nosso foco não foi a reconstrução da vasilha, embora consideremos todos os fragmentos como pertencentes a uma.

Segundo Oliveira (2000), o perfil técnico cerâmico distingue-se por uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos, organizados a partir de uma hierarquia (Figura 2):

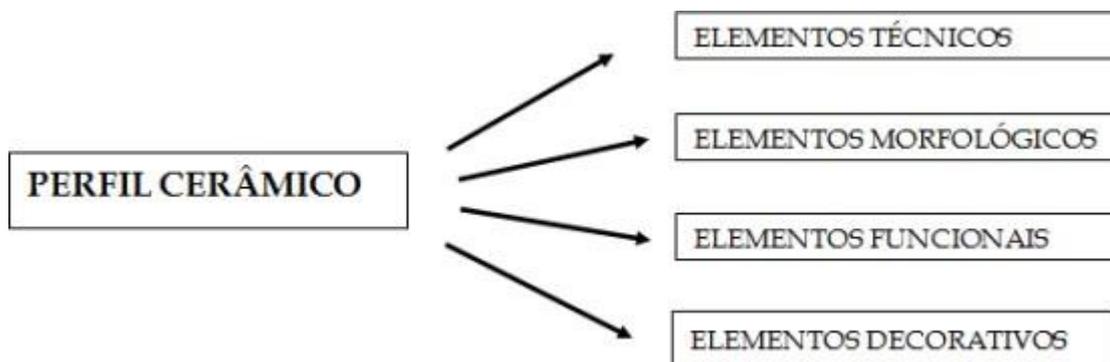


Figura 2- Representação do perfil cerâmico segundo Oliveira (2000)

Fonte: OLIVEIRA, 2002.

Muitos autores têm demonstrado a importância de entender sobre as características de performance dos artefatos cerâmicos. Ou seja, as escolhas realizadas pelos artesãos nas etapas de produção e manufatura dos vasilhames. Em outras palavras, indica as restrições e possibilidades dentro da cadeia comportamental dos artefatos (SCHIFFER; SKIBO, 1997; FAGUNDES, 2004).

As diferentes formas e funções que os artefatos cerâmicos exercem nas sociedades remete ao que Ribeiro (1989) chama de “personalidade cultural”. Segundo a autora, cada grupo humano imprimiu sua própria personalidade na produção cerâmica, e esta pode estar visível nas formas, usos, decorações, tamanhos e acabamentos de superfícies. Como o sistema tecnológico está associado a outros fenômenos sociais, faz parte do estudo se perguntar por que as sociedades adotam certas características tecnológicas e rejeitam outras, compreendendo tudo como parte de um sistema simbólico (SUZE, 2014).

A cultura material desempenha um papel ativo nas relações dos homens entre si, com o mundo natural e sobrenatural. Assim, a análise da cerâmica é entendida aqui como o estudo de uma forma de expressão cultural. Segundo Sanchez (1996), existe uma identificação entre o grupo e sua produção cultural.

De acordo com Posnansky (2001), as cerâmicas africanas apresentam técnicas rudimentares, tais como a simplicidade estilística, formas básicas e queima em fornos abertos com baixa temperatura. No entanto, as características que diferem estas cerâmicas serão entendidas aqui conforme a clássica orientação de Brochado e La Salvia (1989), observando os atributos da pasta, a técnica de produção, o processo de produção, a forma e a decoração utilizada.

O termo decoração, muito usado na bibliografia clássica, diz respeito aqui aos acabamentos em superfícies. Pois, como já visto anteriormente, entendemos os traços, os desenhos e os motivos na cerâmica como para além de funções unicamente decorativas.

Quanto aos acabamentos de superfície, La Salvia e Brochado (1989, p. 42), falam da intencionalidade do oleiro na produção:

Nem sempre o que caracterizamos como decoração realmente o é. Por vezes não passa de um acabamento produtivo, por uma técnica ou uma ação sem a qual a artesã não alcança seu objetivo que é uma intenção de acabamento artístico com aquilo que é prático.

Levaremos em consideração o “perfil técnico” dos materiais arqueológicos analisados, com base na proposta desenvolvida por Alves (1990). De acordo com a autora, a cultura deve ser abordada em uma perspectiva sistêmica, entendendo cada elemento identificador dos diversos processos técnicos.

Vale ressaltar que no perfil cerâmico, os elementos técnicos são: os instrumentos utilizados, as técnicas de elaboração, a matéria prima, a queima e todas as técnicas de produção do artefato. E embora o sistema cultural seja composto por variáveis como meio ambiente, religião e tecnologia, é através da reconstituição desta última que o arqueólogo pode traçar questionamentos (ALVES, 1990; OLIVEIRA, 2000. p.106).

Neste sentido, adotaremos a proposta que a cultura material cerâmica deve ser estudada a partir de uma leitura holística e diacrônica, onde todas as etapas do processo técnico e produtivo serão interpretadas. Assim, usaremos o método da cadeia operatória, para melhor visualizar todas as fases envolvidas na produção destes artefatos, pois acreditamos que todas as etapas estão interligadas. A escolha de determinada técnica de acabamento de superfície pode estar ligada a finalidade do objeto, por exemplo (COSTA, 2010; GOSSELAIN, 1999; FAGUNDES, 2004).

Um ponto de grande destaque se concentra nos motivos. Como já dito anteriormente, evitamos usar o termo “decoração” por compreender que os traços presentes no barro são atributos, sobretudo, funcionais. Assim, procuramos compreender as intencionalidades e as razões por trás dos desenhos, fazendo agrupamentos e comparações inter-sítios. Entre os termos usados para referir-se as unidades analíticas da decoração, a que melhor se aplica aqui é a definida por Runcio (2015) como “motivo”.

Segundo a referida autora, os motivos são a combinação de elementos usados para formar componentes amplos. Estes são, geralmente, grandes e complexos o suficiente para preencher a maior parte do espaço decorativo e, na maior parte das vezes, aparecem em grupos. Nossa principal escolha metodológica ao utilizar “motivo”, diz respeito ao cuidado em não relacionar os traços como unicamente decorativos, e sim como possíveis veículos de informações. (RUNCIO, 2015).

Dessa forma, agruparemos os motivos conforme o formato dos traços, formando padrões específicos. Partindo dessa questão, corroboramos com a tese que não é possível focar na análise de apenas um traço do artefato, como a forma ou a decoração, para os estudos de variabilidade cultural. E, por essa razão, nossa metodologia engloba as variáveis presentes em estilo, função, tecnologia e significado (SUZE, 2014).

1.2.1 Parâmetros para o estudo da cerâmica

Detalhar a metodologia de análise é uma etapa extremamente importante no entendimento da relação entre pesquisador e acervo. Os dois anos destinados ao mestrado não nos possibilitaria exaurir as hipóteses interpretativas da cerâmica, então, mais uma vez, tivemos que recorrer às nossas escolhas. Por esse motivo, desenvolvemos um parâmetro de análise que pudesse delimitar o perfil técnico da referida cerâmica e nos auxiliasse em questões simbólicas, uma vez que este é o primeiro estudo sistemático sobre os artefatos em questão.

Dessa forma, todos os fragmentos de cerâmica foram analisados no Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LAEP/UFVJM). Os materiais se encontram sob salvaguarda do referido laboratório, armazenados na reserva técnica e organizados em caixas por setor, quadrícula e nível.

Com o intuito de analisar a cadeia operatória do sítio QCC e seus possíveis padrões de produção, desenvolvemos uma ficha de análise no Excel (apêndice 1) com base em diversos manuais cerâmicos consultados e estudos de caso, tais como Shepard (1956), Moraes (2006), La Salvia e Brochado (1989), Robrahn-González (1989), Lima e Souza (2016), Skibo (1992), Symanski (2010) e Suze (2014).

Além disso, realizamos pesquisas arqueométricas em parceria com a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e o professor Dr. Carlos Roberto Appoloni. No entanto, os resultados não ficaram prontos a tempo de integrar esta dissertação e serão divulgados em outro momento oportuno.

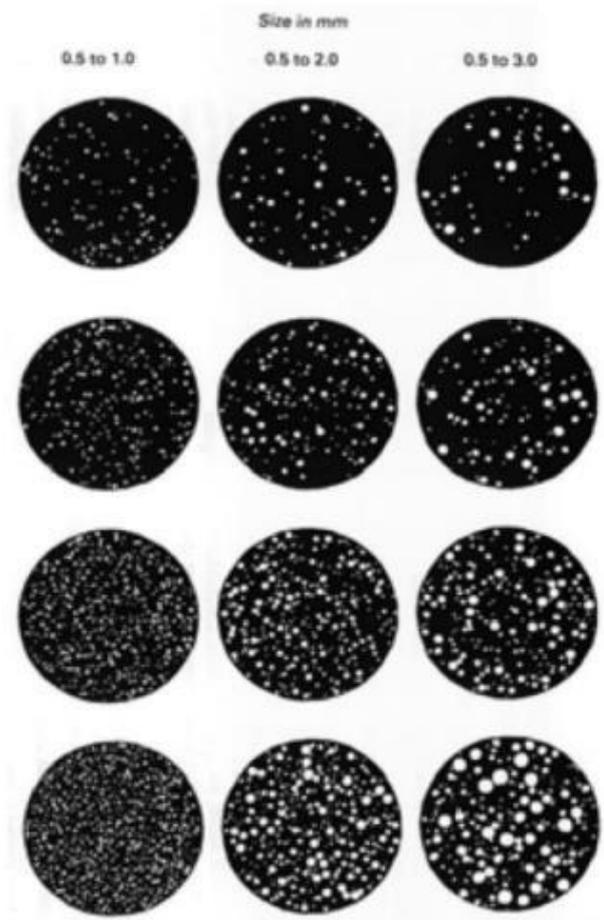
O primeiro passo em relação a nossa ficha de análise foi localizar a peça a partir do setor, quadrícula e nível que foi escavada. Assim, pudemos visualizar estratigraficamente toda a coleção e, ainda, confeccionar gráficos de densidade de artefatos, a partir dos locais do sítio com maior procedência de materiais cerâmicos.

Logo nos preocupamos em identificar qual parte da peça estava sendo analisada, classificando em bojo, base ou borda. Em seguida, partimos para as características formais dos fragmentos e, com o auxílio de um paquímetro, inferimos tamanho máximo e tamanho mínimo, além da espessura, medindo sempre a partir da parte mais espessa da peça.

Para a composição da pasta, além da presença de areia, consideraremos os antiplásticos de origem mineral, classificando quanto a nomenclatura com o auxílio de uma lupa digital (quartzo, hematita, mica, feldspato...). Sobre a frequência dos antiplástico, usamos como

referência a imagem (Figura 3) de Orton *et al.* (1997), classificando em pouco antiplástico (10% ou menos), médio (entre 10% e 30%) e abundante em antiplástico (mais que 30%).

Figura 3 - Frequência de antiplásticos.



Fonte: (ORTON *et al.*, 1997)

Com o intuito de avançar nas discussões, produzimos lâminas delgadas a partir do corte transversal em 10 fragmentos selecionados, com pastas macroscopicamente distintas. Assim, pudemos observar no microscópio as características dos antiplásticos, entendendo quais os minerais mais recorrentes na produção cerâmica do referido sítio.

No que concerne as técnicas de manufatura, ou seja, aquelas que se referem a construção da vasilha, dividimos em acordeladas, modeladas, moldadas e torneadas. O acordelado consiste na sobreposição de cordões (roletes) de argila produzindo fragmentos com formato retangular, quadrangular e triangular quando a quebra ocorre nas terminações dos roletes. A técnica modelada ocorre quando a peça é confeccionada a partir da manipulação de uma peça de argila com os dedos e cuja quebra produz fragmentos disformes. Por moldada

entendemos as peças fabricadas a partir de um molde já pré-definido, enquanto as cerâmicas torneadas são feitas com o auxílio de um torno.

Sobre os acabamentos de superfície, observamos tanto a superfície interna quanto externa, a partir das seguintes classificações construídas com base nas Normas de Inventário da Cerâmica Utilitária (2007):

- Banho: revestimento superficial com espessura menor que 1mm (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

- Engobo: banho com coloração diferente da pasta (engobo vermelho ou branco, interno ou externo). Entendemos engobo como a aplicação de pigmentos em toda a superfície da vasilha, muitas vezes são utilizados como base para aplicação da pintura. A pintura é a aplicação de pigmentos diretamente sobre a superfície ou sobre o engobo, e se diferencia deste por formar motivos e padrões. Enquanto o engobo recobre toda a superfície, a pintura preenche espaços e áreas delimitadas.

- Alisado: O alisamento é executado após a confecção da peça com a argila ainda úmida. Pode ser grosseiro (presença de rugosidades, porosidades e irregularidades na superfície), médio (superfície porosa, porém regular) e fino (textura lisa e homogênea). Brunidura (tratamento feito por meio de queima e esfumaçamento dando um efeito vítreo enegrecido) e Lustro (apresenta uma superfície vítrea, mas a cor da argila é preservada).

- Escovado: Resulta de uma raspagem na pasta ainda úmida pela aplicação de um instrumento mais ou menos flexíveis, resultando num aspecto rugoso da superfície dos recipientes, com a presença de sulcos. O aspecto geral é de traços superficiais que se cruzam numa trama sem organização definida.

- Polido: Após o alisamento da superfície, já com a pasta seca, mas antes da cozedura, fricciona-se a superfície com um objeto macio de modo a criar uma superfície ligeiramente brilhante. A designação polimento deve ser usada como referência ao processo de acabamento, pois a mesma técnica, mas usada como decorativa e resultando em um brilho muito intenso é denominada “brunidura”.

Para o engobo, realizamos ainda uma amostragem separada, diferenciando a porcentagem entre os fragmentos com presença ou ausência de engobo. Ainda sobre as técnicas de acabamento, embora nos tratamentos de superfície seja feita a diferenciação entre esta etapa e a etapa da decoração (LA SALVIA; BROCHADO, 1989), aqui compreendemos que esta pode ser uma escolha tanto estética quanto funcional.

A cerâmica do sítio QCC apresenta uma pequena amostra de fragmentos pintados, como veremos detalhadamente no capítulo 03. No entanto, sobre esta categoria, nos preocupamos apenas em quantificar as cerâmicas com ausência ou presença de decoração cromática, levando em consideração que nosso foco interpretativo são os traços incisivos presentes no tratamento plástico.

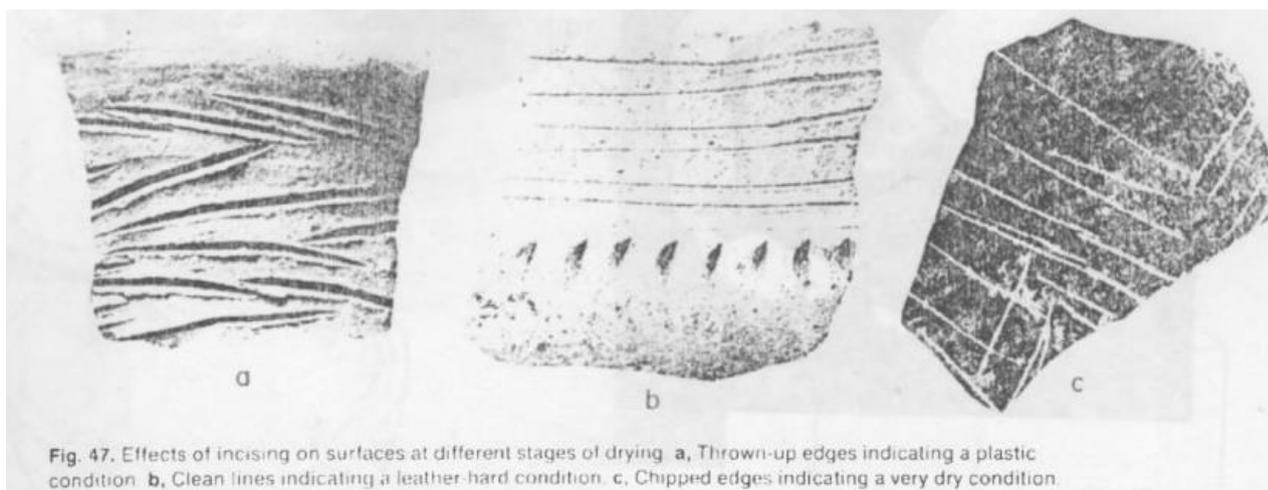
O tratamento plástico consiste na modificação tridimensional da superfície da vasilha com a argila ainda mole, antes da queima. De acordo com La Salvia e Brochado (1989), este pode ser encontrado em toda a superfície externa do fragmento ou apenas em uma porção. Em um primeiro momento, agrupamos todos os fragmentos com tratamento plástico. Os tratamentos plásticos (inciso, exciso, acanalado, apliques) formam motivos e padrões de desenhos. Os motivos são formados por elementos ou traços que podem ser decorativos e/ou funcionais. Quando os motivos se repetem, formam-se padrões. Assim, identificamos 21 padrões distintos para os fragmentos cerâmicos analisados.

- 1- Incisões curvilíneas multidimensionais;
- 2- Incisões em formato de círculos formando sequências de esferas;
- 3 – Incisões longas em diagonal – tipo pente;
- 4 – Incisões que se cruzam de forma geométrica como um losango;
- 5- Incisões curtas paralelas;
- 6 - Aplique redondo;
- 7 – Incisões paralelas que se cruzam em formato de X;
- 8 – Asas com incisões entalhadas;
- 9- Incisões com carimbo;
- 10- Incisões curvas paralelas em formato de parábola;
- 11- Incisões multidimensionais que se cruzam;
- 12- Incisões em formato de ziguezague;
- 13- Incisões com pequenos furos formando sulcos;
- 14- Incisões fundas como espatulado;
- 15- Traços incisivos em formato de árvore;

- 16- Incisões com impressão;
- 17- Pequeno alisamento – tipo rodo;
- 18 – Incisões ponteadas;
- 19- Incisões com marcas de dedos;
- 20- Incisões paralelas rasas como escovado;
- 21- Incisões em formato de coração;

O momento de inserção da incisão também foi analisado, podendo ser classificado em antes da secagem, depois da secagem ou depois da queima, conforme exemplo a seguir (RYE, 1981).

Figura 4- Momento de inserção das incisões



Fonte: RYE, 1981.

Sobre a queima, sabe-se que esta altera a dureza e a cor da pasta. No entanto, a identificação da queima é um processo complexo da análise, pois os elementos identificadores não são completamente seguros e são visualizados a partir de uma simples observação direta dos vestígios (OLIVEIRA, 2000). Analisamos a queima através da coloração dos fragmentos: quanto mais oxidante é a queima, mais claros são os núcleos e quanto mais o ambiente é redutor, mais escura é a tonalidade da cerâmica (SUZE, 2014).

Neste item, construímos os resultados com base na representação gráfica proposta por Moraes (2007), onde a autora divide em 8 queimas distintas, conforme imagem a seguir (Figura 5). Não obstante, vale lembrar que a coloração da pasta também pode ser alterada por fatores

como a composição da argila, quantidade e qualidade dos antiplástico, a localização da cerâmica na fogueira e fatores pós-deposicionais.

Figura 5- Processos de queima da cerâmica



Fonte: MORAES, 2007.

Sobre os fatores pós deposicionais, observamos com cuidado as alterações tafonômicas sofridas pela cerâmica, classificando-as em desgaste pelo uso, marcas de fuligem ou ausência de alterações.

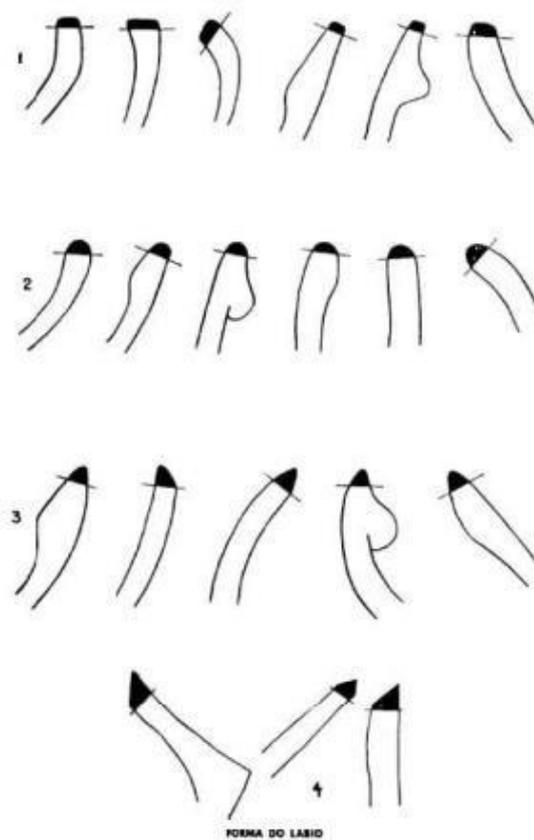
Com relação à morfologia da borda (Figura 6) usamos a classificação de Chmyz (1976), dividindo-as em: direta, expandida, entrovertida, reforçada internamente, dobrada, reforçada externamente. O tipo de lábio (Figura 7) classificaremos com referência também na prancha de Chmyz (1976) em plano, arredondado, apontado, biselado, serrilhado ou dentado.

Figura 6- Formas das bordas



Fonte: MORAES, 2007.

Figura 7- Forma dos lábios



Fonte: CHMYZ, 1976.

Os poucos fragmentos correspondentes as bases não nos permitiram avançar em discussões acerca dos tipos e diâmetros de base. O caráter fragmentado da coleção também não nos permitiu inferir o local onde os artefatos receberam o tratamento plástico, fato que nos ajudaria a compreender os traços deliberados e/ou intencionais, se pensarmos que os intencionais estariam mais visíveis e em locais estratégicos dos vasilhames. Não obstante, é possível visualizar que alguns fragmentos apresentam concomitância entre tratamentos de superfície, tais como engobo + tratamento plástico, decoração cromática + tratamento plástico, ou ainda mais de um padrão de motivos na mesma superfície.

1.2.2 Cachimbos arqueológicos: caminhos e perspectivas

Os cachimbos são artefatos privilegiados na Arqueologia brasileira. Pelo pequeno tamanho e fácil transporte, diversidade de matéria-prima, congregam questões sociais e simbólicas e, de maneira especial, representam uma prática ainda familiar como o ato de fumar, enchem os olhos da maioria dos arqueólogos. Embora tenhamos separado este único tópico protagonizado pelos cachimbos, estes são extremamente elucidativos no entendimento do contexto estudado. O sítio em questão chama atenção por permitir um estudo sistemático de cachimbos, a partir da noção de análise quantitativa intersítio (HISSA, 2022).

Como dito anteriormente, os 104 fragmentos de cachimbos tornam o sítio QCC uma referência nacional, pois em pouquíssimos sítios históricos os mesmos aparecem em tamanha proporção. Explicar este montante em um quintal de uma residência urbana se mostrou uma tarefa metodológica sinuosa e delicada, principalmente pela falta de estudos sistemáticos sobre o tema.

Não encontramos nenhum outro sítio histórico escavado em Minas Gerais que apresentasse um número tão significativo de cachimbos. Reduzindo a amostra, não há nenhum outro sítio arqueológico em Diamantina com presença de cachimbos em barro. No entanto, distritos próximos a referida cidade, como Milho Verde e São Gonçalo, apresentam coleções de cachimbos encontrados aleatoriamente por moradores da região. A maioria destes cachimbos são em madeira, mas também é possível encontrar cachimbos de barro vermelho entre os exemplares. A falta de estudos sobre o tema e a lacuna de distribuição dos cachimbos não nos permitem avançar em discussões.

Sendo assim, quais as variáveis que contribuíram para termos encontrado 104 fragmentos no quintal da casa de Chica da Silva? É esta uma característica da cidade de Diamantina? Ou ainda, seria este montante uma especificidade do quintal da ex cativa? É difícil tecer grandes hipóteses justamente pela falta de outros mapeamentos na região. Poderíamos apresentar o quintal da residência como um local peculiar na procedência de cachimbos – o que de fato é – mas, ao mesmo tempo, não temos registros de nenhum outro quintal que tenha sido escavado na região.

Em pesquisa nos bancos de dados das reservas técnicas da UFVJM e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), não encontramos procedência de cachimbos em outros sítios históricos da cidade. Dessa forma, lançamos questões convidativas para pesquisas futuras e, a partir do relatório de campo, tecemos a hipótese que o sítio QCC poderia ser um aterro, o que explicaria o relevo e o montante material do quintal, ou ainda um local de produção dos cachimbos, levando em conta os artefatos encontrados na região.

Em meio aos materiais escavados de sítios históricos no país, poucos podem ser entendidos como pertencentes a escravizados. Tais demonstrações sociais e simbólicas materializadas relacionadas aos cativos são encontradas em meio à tralha doméstica do branco. Objetos como contas de colar, amuletos em metal, cerâmicas e cachimbos são os exemplos mais recorrentes. Segundo Agostini (1998), os cachimbos cerâmicos e as contas de colar são constantes nos sítios históricos que tiveram os grupos escravizados dentro da sua rede de relações sociais.

Para compreender o uso do cachimbo na sociedade mineira em questão, faz-se necessário entender a trajetória deste elemento desde a sua origem até as ressignificações que sofreu. A utilização do tabaco e do cachimbo foi amplamente disseminada por diferentes regiões, desde suas propriedades medicinais até aspectos ritualísticos (HISSA, 2020).

Ao perpetuar o hábito de fumar entre os africanos no Novo Mundo, os cachimbos guardavam lembranças e transmitiam informações importantes na trama social que se formava. Estes foram escolhidos para as análises por sua significativa carga simbólica, formas e “motivos”, as quais podem estar relacionadas a mensagens inteligíveis, expressas por seus usuários e/ou fabricantes.

Desse modo, pretende-se entender a significância dos cachimbos em sítios como o estudado nesta pesquisa, seus modos de produção e uso e, principalmente, as intencionalidades

e sentimentos que podem estar incisivos em suas decorações. Vale ressaltar que o termo “decoreção”, mais uma vez, não faz referência à traços puramente estéticos e sim funcionais.

Os aspectos relacionados às discussões de estilo e função trazidos no tópico anterior, muito dialogam com os estudos dos cachimbos. Pois, como salienta Agostini (1998), para compreender como os cachimbos produzidos por africanos e descendentes no Brasil colonial podem ter servido como suportes para manifestação de etnicidade, é preciso considerá-los como veículos de informação que pode ser transmitida através de estilos específicos. Hegmon (1992), destaca que a associação entre cultura material e etnicidade não pode ser automática e que o estilo é um componente ativo na definição de grupos.

Os estudos de cachimbos e cerâmicas no Brasil têm crescido nos últimos anos aliado a própria noção da Diáspora Africana². No entanto, ainda são pouco expressivos quando comparados aos outros materiais. Diferentes dos cachimbos em caulim encontrados majoritariamente no litoral do país, os cachimbos em barro fazem parte da defesa e reprodução de identidades, servindo como mecanismo para perpetuar hábitos nativos (HISSA, 2020).

Estes usos associados aos grupos escravizados se mantêm reiterado pelas iconografias dos séculos XVIII e XIX, como as de Rugendas e Debret, por exemplo. Estas, recorrentemente, apresentam o uso de cachimbos por escravizados, tanto homens quanto mulheres, em situações de vida cotidiana e desempenhando diversas atividades. No entanto, vale salientar que os cachimbos em barro também foram usados por segmentos sociais livres, mas sempre de baixa condição econômica, diferente dos cachimbos em caulim, amplamente utilizado por europeus e a elite brasileira (HISSA, 2020; SOUZA; LIMA, 2022).

Os cachimbos em cerâmica foram amplamente estudados na Arqueologia brasileira, durante algum tempo, em uma tentativa de vinculação a grupos étnicos a partir das suas características decorativas, estilísticas e técnicas. Atualmente, a partir de novos enfoques, esta questão vem sendo relativizada, como vimos, levando em consideração a própria noção de etnicidade como maleável e auto declaratória (BARTH, 1998; SOUZA; AGOSTINI, 2012; COELHO, 2012; AGOSTINI, 2009; LIMA et al., 1993).

Com os novos estudos sobre o tema, os cachimbos estão sendo revisitados com novas metodologias, tais como análises arqueométricas, análises químicas, comparações de DNA,

² Imigração forçada de africanos rumo às Américas, Oriente Médio e Europa, em função dos diferentes itinerários empregados pelo tráfico de escravos. Esta imigração, essencialmente consumada contra a vontade dos participantes, durou séculos e deixou, de modo generalizado na Europa, no Oriente Médio e nas Américas, comunidades residuais de proporções diversas (DAVID, 1970).

congruências ritualísticas do tabaco, entre outras. Dessa forma, apesar da nossa análise aqui ser pautada em aspectos tecno-morfológico e estilístico, estamos interessados em compreender as dinâmicas do fumo no período colonial e de como os cachimbos se integraram ao universo dos grupos que fizeram do espaço do quintal da casa de Chica da Silva um espaço de sociabilidade.

Em sua obra “Trapeiros pobres de Minas”, Debret retrata como os cachimbos circulavam visíveis pelo interior de Minas Gerais, sendo possível perceber a sua comercialização em uma pequena venda ilustrada pelo pintor (Figura 8). Outro ponto relevante diz respeito a significativa carga simbólica destes artefatos, muitas vezes desempenhando papel de adorno e/ou amuleto, em uma dinâmica intrínseca entre artefato e usuário.

Figura 8 - "Trapeiros pobres de Minas", aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1823.

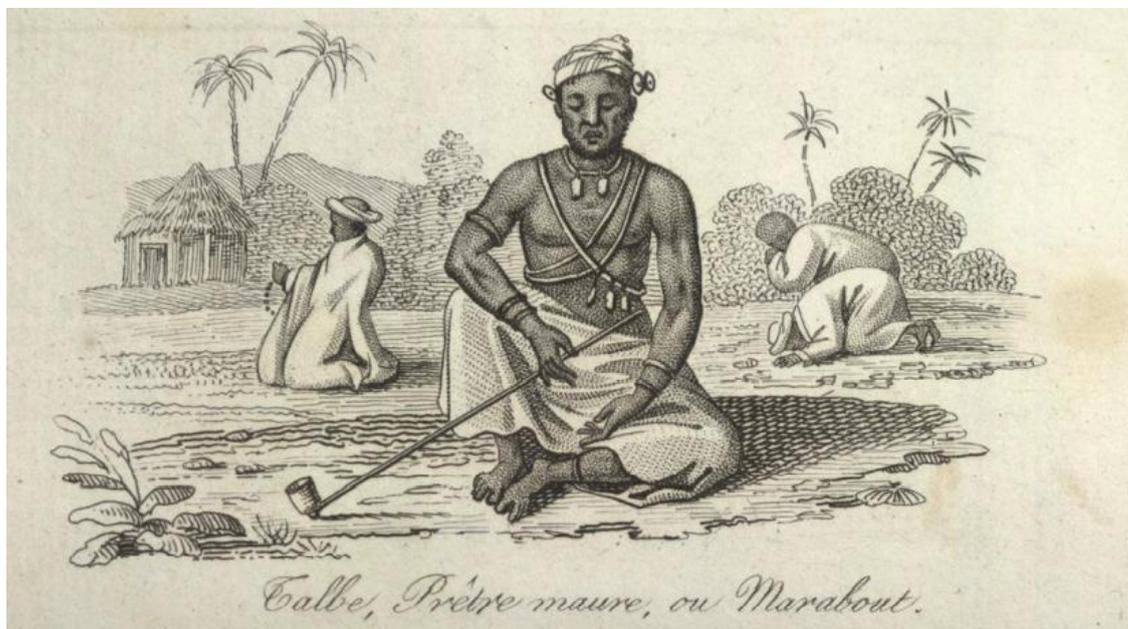


Fonte: BANDEIRA; LAGO, 2009.

A iconografia auxilia no entendimento de como o hábito de fumar e, mais especificamente, os cachimbos, circulavam entre diversas pessoas em diversos lugares e circunstâncias (Figuras 9 a 14). Estes são aqui entendidos como muito mais que um instrumento

para o fumo, podendo congregiar questões sociais, transmitir informações, participar ativamente de cultos e cerimônias, evocar ao sagrado e carregar questões simbólicas.

Figura 9- Marabu, o chefe religioso senegalês. Gravura de Claude Geoffrey de Villeneuve, provavelmente datada da segunda metade do século XVIII.



Calbe, Prêtre maure, ou Marabout.

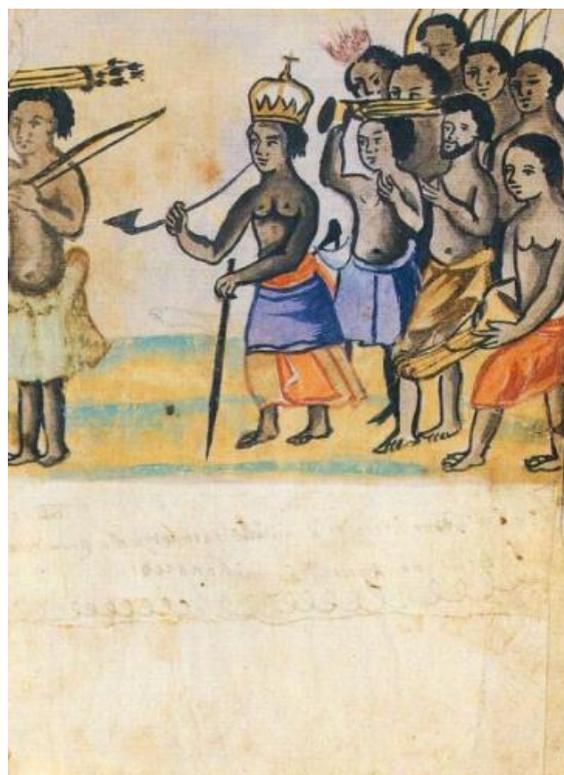
Fonte: HANDLER, 2008.

Figura 10- Rainha Ndeté-Yalla, do Reino de Wolof. Gravura feita por P. David Boilat, Senegal, 1850.



Fonte: HANDLER, 2008.

Figura 11- Rainha Nzinga, Reino do Congo. Bassani, 1670.



Fonte: HANDLER, 2008.

Figura 12 - Mulher escrava fumando um cachimbo, no Suriname. Gravura feita por John Stedman entre os anos de 1772-1777.



Fonte: HANDLER, 2008.

Figura 14 - Gravura de Rugendas, 1835.



Figura 13- Gravura de Rugendas, 1835.



Fonte: DIENER; COSTA, 2002.

Oliveira (2000) conceitua o perfil cerâmico dos cachimbos em elementos técnicos, morfológicos, funcionais e decorativos, onde cada elemento deve ser compreendido dentro de sua relação com outros elementos e as formas com quais se organizam entre si. Os elementos técnicos remetem a sua forma de produção como tratamentos de superfície, decoração, manufatura e queima. Os elementos morfológicos são referentes a forma e tamanho de produto, enquanto os elementos funcionais são entendidos enquanto a funcionalidade e finalidade de cada objeto.

Cachimbo é um instrumento utilizado, entre outras coisas, para fumar tabaco ou uma infinidade de outras ervas e substâncias, geralmente são construídos a partir de madeira, osso, argila ou pedra e são constituídos de corpo do forninho, forninho, porta-boquilha e boquilha. Alguns ainda apresentam pedúnculo, orifício na extremidade inferior, utilizado para pendurar o cachimbo (Figura 15). Dos cachimbos encontrados no sítio QCC tem-se: inteiros, somente

com o fornilho, somente com a porta-boquilha e com mais de duas partes (fornilho, corpo, porta-boquilha e pedúnculo), contabilizados conforme tabela a seguir.

Tabela 1- Total de peças relacionadas aos cachimbos

Parte da peça	Com decoração	Sem decoração	Total parcial
Fornilho	56	3	59
Porta-boquilha	29	4	33
Inteiros	5	0	5
Sem identificação	0	7	7
Total geral	85	14	104

Fonte: PAIVA, 2015.

Figura 15- Representação de cachimbos de barro



Fonte: PAIVA, 2015

Acerca da tipologia, os cachimbos foram inicialmente divididos em três grandes grupos: geométricos, antropomorfos e sem decoração. As cores variam entre avermelhadas, amareladas e escurecidas. Agostini (2009) levanta a possibilidade de os cachimbos enegrecidos (figura 16) serem indício de um amplo contato entre África e Brasil, uma vez que o fim do tráfico e comércio entre os dois continentes aparentemente resulta numa diminuição desse tipo de

cachimbo no contexto brasileiro. Vale ressaltar que, embora concordemos com a teoria da autora, os aspectos de pasta e queima também podem influenciar na coloração dos cachimbos.

Figura 16- Cachimbo enegrecido escavado do sítio QCC.



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Agostini (1998) comparou os traços entre os cachimbos provenientes de Minas Gerais e os encontrados nas escavações do Cais do Valongo no Rio de Janeiro. Neste último foi identificado um padrão de maior frequência, com sequência de linhas e semi-esferas nas extremidades do forninho e do porta-boquilha, e com duas concentrações de linhas onduladas no meio da peça, que foram encontradas em contextos rurais e semi-rurais.

Em Minas Gerais, encontrou-se uma decoração específica, comprovando a teoria de Agostini (1998) acerca de um certo regionalismo. Segundo a autora, as características dos cachimbos mineiros se assemelham ao que Brancante (1981) classificou como barrocas, por constituírem formas rebuscadas, provavelmente influenciadas pela produção artística da região. Estes eram caracterizados por perolados, máscaras, estrias e traços geométricos, cujas decorações teriam sido construídas por incisões e/ou relevo alto. De acordo com Hissa (2022), as características barrocas exibem movimentos cíclicos, instáveis e suportes tridimensionais. Há uma preferência por diagonais, como curvas e contracurvas, além do uso de diversas técnicas e materiais em uma mesma confecção.

Os valores plásticos do barroco (Panofsky, 1995) e a plasticidade da argila são características que tornam o barro e, conseqüentemente, os cachimbos, suporte privilegiado para criações e decorações bem elaboradas (*apud* HISSA, 2022). No que concerne à coleção de cachimbos analisados aqui, fica clara a presença de elementos barrocos não apenas nos perolados rebuscados, mas ainda em traços antropomorfos muito comuns no acervo do quintal da casa de Chica da Silva (Figuras 16 e 17).

Figura 17- Fragmento de cachimbo escavado do sítio QCC com traços geométricos



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 18- Cachimbo do sítio QCC com motivo antropomorfo



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Estes cachimbos, denominados aqui como antropomorfos, foram encontrados em outros sítios brasileiros, representados por rostos nas superfícies (ALVES, 2015; OTT, 1944). Sobre motivos antropomórficos e geométricos, Meyer (1994) menciona que em Camarões:

A ornamentação (...) era regida por um código cuidadosamente respeitado: o homem comum não tinha direitos além dos motivos geométricos. As figuras antropomórficas eram reservadas aos chefes de alta patente e outros membros da família real, e os dignatários de confrarias podiam vangloriar-se de imagens zoomorfas, sobretudo daquelas com ligação com o seu animal totêmico (MEYER, 1994 *apud* AGOSTINI, 1998, p. 165).

Bracante (1981), aponta que tal motivo, denominado pelo autor como máscaras, poderia ser uma produção de influências africanas e barrocas. Em contrapartida, em sua dissertação sobre os cachimbos da Casa da Chica, Paiva (2015) associou estes cachimbos à irmandade Rosário dos Pretos, muito comum como espaço de sociabilidade dos cativos na cidade de Diamantina no século XVIII.

Ainda sobre o contexto do quintal da Casa da Chica, vale ressaltar a presença de um cachimbo em formato fálico (Figura 19). Este formato também foi descrito pela pesquisadora Camilla

Agostini, ao estudar os cabos de frigideira de panelas cerâmicas (Figura 20) também em forma de falo no sítio São Francisco, em uma fazenda litorânea no estado de São Paulo (AGOSTINI, 2011).

Figura 19- Cachimbo do sítio QCC em formato fálico



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP)

Figura 20 - Cabos de panelas coletados no Sítio São Francisco com representação fálica.



Fonte: AGOSTINI, 2011.

De acordo com Agostini (2011), as interpretações acerca dos cabos de panelas são variadas, podendo ser desde uma provocação ao grupo dominante ou ainda uma possibilidade desses elementos fálicos estarem relacionados a São Gonçalo, santo detentor de um aspecto ligado, sobretudo, a fertilidade, ressaltando assim um apego erótico e sensual, como descrito em relatos históricos e análises de alguns autores.

Segundo Brandão (1953), “[...] inconscientemente o culto fálico é uma ameaça que se faz ao santo, ameaça de castração, para que ele atenda o devoto” (*apud* AGOSTINI, 2011, p. 158). A perspectiva de castração e a possível intencionalidade na quebra dos cabos pode ter uma relação, reforçando a hipótese do culto a São Gonçalo com os cabos fálicos encontrados no sítio São Francisco. Segundo a referida autora, a representação fálica pode indicar a forma diferenciada com a qual os africanos e afrodescendentes lidavam com o corpo.

Assim, a classificação dos cachimbos analisados nesta pesquisa como afro-brasileiros, mais uma vez, existe numa relação entre seus produtores e/ou usuários, ou seja, os grupos afro-brasileiros que viveram em Diamantina. A associação dos cachimbos em barro com grupos escravizados, no entanto, é uma estratégia metodológica muito utilizada por outros arqueólogos brasileiros. Alguns contextos arqueológicos bem definidos permitem a associação e diferenciação entre cachimbos europeus, indígenas e africanos.

É o caso, por exemplo, dos cachimbos em caulim analisados por Hissa (2020), onde a autora mapeia a relação destes com o contexto europeu, trazidos para o Brasil por colonizadores e marinheiros e encontrados, majoritariamente, no litoral do país. Em contrapartida, os cachimbos em barro, associados a grupos abastados, foram amplamente escavados em regiões interioranas. Outros autores, empenhados em estudar contextos diaspóricos, associam os cachimbos em barro a grupos africanos (COELHO, 2012; AGOSTINI, 1998, 2018; SYMANSKI, 2006).

Entre, por exemplo, os Mbyá, o fabrico do cachimbo consiste na fabricação de sua escultura em uma madeira, diferentemente dos que tratamos aqui nesse trabalho e utilizados pelos africanos e afro-descendentes no contexto da diáspora, os quais são feitos de barro. Esse fato desperta a importância da matéria-prima, chamada por Marques (2009) de “agência”, as quais interferem sobremaneira no produto dessa ação e produzem efeitos distintos (MARQUES, 2009).

Os cachimbos em barro, geralmente curtos, também foram citados por Handler (2008), como utilizados para comércio e consumo entre os escravizados. Segundo o autor, a descrição

da carga de um navio negreiro holandês do século XVII, continha: “30 dúzias de cachimbos longos e 90 dúzias de cachimbos de escravos”, reiterando a diferença morfológica entre ambos (HANDLER, 2008, p. 5). Há, ainda, os estudos referentes aos cachimbos indígenas, fabricados em diversas matérias primas como pedra, madeira e cerâmica (SOARES; AQUINO, 2012).

Todos os cachimbos resgatados do sítio estudado aqui são fabricados a partir do barro, embora com técnicas de manufatura distintas. Distintas também poderiam ser os diversos usos e significados atribuídos a eles. Segundo Borba (2014),

Esses artefatos poderiam igualmente ter sido reutilizados com diferentes possibilidades, transformando-se em contas (de búzios), apitos ou brinquedos, ou mesmo em usos “pitorescos”, como enema, colher para mistura de líquidos, suporte para fotografia, pesca, fogos de artifício, em jogos, instrumentos de agressão e dança (BORBA, 2014, p. 14).

Em relação às pesquisas referentes a utilização de cachimbos em cerimônias religiosas e ritualísticas, Victor Turner (1957, p. 26) indaga como é que “um antropólogo pode justificar sua pretensão de interpretar os símbolos rituais de uma sociedade mais profunda e compreensivelmente que os próprios atores”. Entre as várias razões para isso, Turner considera que o ator circunscreve sua visão segundo o papel que desempenha no ritual e perde objetividade na medida em que “tende a considerar como axiomáticos e primários os ideais, valores e normas que são abertamente expressos ou simbolizados no ritual” (*apud* RIBEIRO, 1986, p. 84).

O rito é desempenhado para marcar situações de liminaridade - passagem de um estágio do ciclo vital a outro (nascimento, puberdade, casamento, morte) - ou a mudança de atividade econômica (plantio, colheita) relacionada à alteração do ciclo climático (verão, inverno). Ou ainda, ritos de caráter propiciatório, divinatório e de cura (TURNER, 1977 *apud* RIBEIRO, 1986, p. 84).

Assim, a dificuldade em compreender e analisar ritos e/ou objetos simbólicos referentes a eles, podem estar relacionados a “personificação de seus participantes”. Levando em consideração que os mitos narram a origem, aparência e o modo de uso dos artefatos utilizados no desempenho do rito. Cabe ao pesquisador, a partir das suas perguntas, leituras e análises, inferir o significado do objeto ritual, observando o modo como é manipulado e encontrando a relação entre o veículo do símbolo (objeto ritual) e a sua mensagem. “Assim, pelo estudo do mito e a observação do rito, pode-se chegar à fundamentação mítica dos objetos rituais” (RIBEIRO, 1986, p. 23).

Geertz (1978) enfatiza a importância do símbolo - principalmente sagrado - como expressão de fatos e de valores. No sentido que a materialização de identidades, sentimentos e representações religiosas são frequentemente utilizadas por estas culturas. Nesse contexto, Otten (1971, p. 14) comenta:

Nas culturas pré-letradas ou proto-letradas, o símbolo artístico se torna o fato; isto é, ele representa, define e manifesta, simultaneamente, seus referentes. Nessas culturas, os objetos de arte e os eventos são os meios de resgatar a informação, no lugar dos livros” (OTTEN, 1971 *apud* RIBEIRO, 1986, p. 14).

Contudo, sabemos que os estudos de identidades a partir da cultura material ainda apresentam muitas armadilhas, cabendo ao pesquisador assegurar-se bem de um conjunto informativo que lhe permita uma discussão fundamentada. A autora complementa:

A possível correlação deste motivo com mais de um grupo indica que a comparação entre escarificações e decorações nas cerâmicas não pode ser monolítica, em uma relação objetiva de identificação um a um. A reinterpretação por africanos de signos de outros africanos deve ser considerada. (AGOSTINI, 2011, p. 147)

Por serem, entre os africanos, objetos com tamanha carga simbólica, os cachimbos eram de uso pessoal e um exemplo da conotação de propriedade que tem essa peça está, por exemplo, na passagem em que Agostinho de Nação Moçambique, ao sugerir que seu parceiro Valentim era o responsável pela morte de uma pessoa, “[...] por ter sido achado perto do cadáver à bainha da faca e o cachimbo pertencente a Valentim [...]” (AGOSTINI, 1998).

Este caráter identitário e pessoal dos cachimbos corroboram com nossa noção de carga simbólica inerente a estes artefatos. Assim, é comum esperarmos de pesquisas respostas claras e objetivas sobre os significados por trás dos motivos analisados, no entanto, ao compararmos os cachimbos estudados com outros artefatos de diversos contextos, não temos a intenção de realizar relações diacríticas, e sim, demonstrar os diversos usos e formas atribuídos a estes artefatos.

1.2.3 Parâmetros para o estudo dos cachimbos

Os cachimbos escavados do quintal da casa de Chica da Silva já foram analisados em outros momentos em uma perspectiva estilística (LIMA, 2018; PAIVA, 2015). Faltava, então,

uma análise sistemática tecnológica, que nos permitisse compreender aspectos relacionados às técnicas de manufatura, tratamentos plásticos, queimas, matérias-primas e motivos decorativos.

Para isso, optamos por uma ficha de análise (Apêndice 2) que nos auxiliasse em questões tecno-morfológica, abordando cada um dos atributos de forma individual (SCHIFFER, 2010). As análises foram realizadas no Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/UFVJM), onde os cachimbos estão armazenados. Assim, nosso primeiro passo foi identificar a localização destes artefatos em sítio, a partir do número da quadrícula, setor e nível estratigráfico.

Identificamos, em seguida, de qual parte da peça se tratava cada um dos fragmentos, sendo elas: boquilha, porta boquilha, corpo, corpo do forninho, forninho e indeterminado. Também inferimos a integridade da peça em maior ou menor que 50%. Para a altura e o comprimento, medimos em milímetros a partir da parte mais extrema da peça, identificando o tamanho máximo e o tamanho mínimo. Pelo caráter fragmentado da coleção, não avançamos em discussões acerca do volume.

Sobre a manufatura, classificamos os cachimbos em moldados – fabricados a partir de um molde pré-definido – ou modelados – fabricados com o auxílio das mãos, modelando o barro antes da queima. Para a queima, analisamos através da coloração dos fragmentos: quanto mais oxidante é a queima, mais claros são os núcleos e quanto mais o ambiente é redutor, mais escura é a tonalidade do barro (SUZE, 2014).

No que concerne ao tratamento de superfície, constatamos que a grande maioria de cachimbos apresentam tratamento plástico, então separamos em dois tipos de tratamento de superfície: alisamento, tratamento plástico e não identificável. No entanto, vale ressaltar que os cachimbos com tratamento plástico receberam alisamento anteriormente, mostrando que ambas as técnicas coexistem.

Por fim, identificamos qual parte da peça recebia a decoração e agrupamos os motivos com base no quadro a seguir (quadro 2). Usamos como referência o modelo proposto pelo Cataloging Manual: Tabacco Pipes (DAACS, 2013), todavia, como o referido quadro diz respeito a cachimbos encontrados na Inglaterra, adaptamos para os motivos recorrentes no sítio QCC (Grillo; Aultman; Harper, 2013).

Quadro 2 – Referências para motivos decorativos em cachimbos	
Motivos decorativos	Descrição
Antropomórfico	Qualquer imagem que mostre uma figura humana ou qualquer parte do corpo humano. Os exemplos incluem rosto, mão, busto, braço e/ou perna
Geométrico	Qualquer desenho geométrico abstrato. Os exemplos incluem faixas simples, esferas e linhas paralelas.
Zoomórfico	Qualquer imagem que mostre um animal, real ou mitológico.
Outro; pictórico	Representação gráfica não classificada em nenhuma outra categoria. Os exemplos incluem coração, cruz e arcos.
Não identificável	Usado sempre que uma decoração é muito pequena ou fragmentada para ser identificada
Fonte: elaborado pela autora, 2022.	

CAPÍTULO 2 – PANORAMA GERAL DA PESQUISA

Com o objetivo de situar o leitor no tempo e no espaço, torna-se fundamental a contextualização histórica e geográfica do sítio arqueológico em questão. Para isso, do ponto de vista macro, este capítulo tratará da formação da cidade de Diamantina, a partir das fontes selecionadas. Por conseguinte, do ponto de vista micro, nos preocuparemos em desvendar as pessoas que formaram a mão de obra da cidade e, de maneira especial, as pessoas que ocuparam o sítio Quintal da Casa de Chica da Silva.

Pois, a Arqueologia, antes de tratar de artefatos, trata de pessoas. Indivíduos que deram significado à materialidade. Embora nos pareça imprescindível a análise das características físicas dos artefatos – o que de fato é – não podemos esquecer dos protagonistas que os produziram e/ou os utilizaram. O capítulo seguinte pretende abordar o universo das pessoas, não às comuns, mas um grupo carregado de singularidade e simbolismo.

2.1 Contextualização Histórica

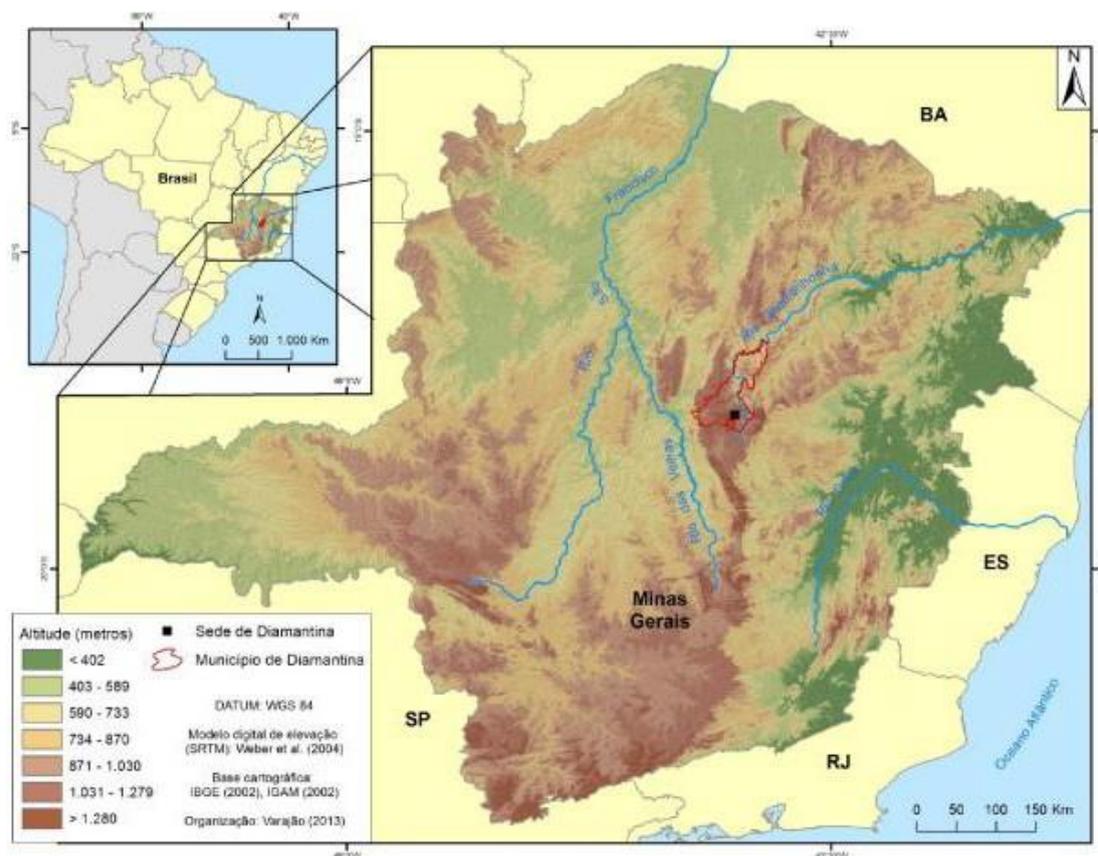
Diamantina é fruto dos sonhos dos diamantes. Os mineradores consumidos pela “máquina” do garimpo foram peças fundamentais na formação do seu espaço urbano. Populações diversas, casas coloridas, escravizados nas minas e música pelos cantos estão entre as observações mais citadas por viajantes que passaram por ali entre os séculos XVIII e XIX. Segundo Martins (2014), Diamantina foi vista por alguns como a cidade mais portuguesa das Minas Gerais, enquanto outros a consideravam a mais africana das vilas mineradoras. É justamente nesta dicotomia que mora a característica pluriétnica na referida cidade.

Localizada na região nordeste de Minas Gerais, fazia parte da comarca do Serro Frio, cuja sede foi estabelecida na Vila do Príncipe, atual cidade do Serro. Embora muito se fale sobre a descoberta oficial dos diamantes na década de 1720, a história de Diamantina inicia muito antes, em meados de 1678, quando chega ao rio Jequitinhonha a bandeira de Fernão Dias Paes na busca por pedras preciosas. A partir do século XVIII, a fama do ouro se espalhou, atraindo aventureiros de todos os cantos (MATA MACHADO FILHO, 1944).

Na região do Serro Frio apareceram inúmeros núcleos mineradores que com o tempo se tornaram arraiais, como por exemplo, o Arraial do Tijucu, atual Diamantina. Do ponto de vista geográfico, a cidade, localizada no limite entre o centro e o norte mineiro, contava com poucos e precários caminhos. Apesar de sua localização central (Figura 21), a precariedade dos caminhos percorridos até Diamantina, a dificuldade do acesso de mercadorias, as difíceis estradas por onde exportavam as pedras preciosas e a longa permanência de circulação de tropas

de animais, são características notáveis da história da região do Alto do Jequitinhonha (MARTINS, 2014).

Figura 21- Mapa geográfico de Minas Gerais, ressaltando a cidade de Diamantina



Fonte: VARJÃO, 2015.

Grande parte das estradas foram abertas por tropas de muares e braços escravizados no período colonial. Caminhos sinuosos, estreitos, sem pavimentação que cortavam o relevo da Serra do Espinhaço e permaneceram ativos até meados do século XX. O Caminho dos Escravos, por exemplo, foi, no século XVIII, uma das principais vias de ligação entre Norte de Minas e Sul da Bahia. Era a trilha para animais e tropeiros, além de rota para os diamantes do Arraial do Tijuco. Leva o nome de Caminho dos Escravos por ter sido calçado por cativos no século XIX (de 1807 a 1823), facilitando o percurso entre Diamantina e o Distrito Minerador de Mendanha (SOUZA, 1993).

Muitos são os lugares formados por mão de obra escrava na cidade em questão. Com o advento da mineração, a população precisou se reinventar e tirar do sistema de exploração seu sustento. A classe média do Tijuco passou a compor a guarda responsável pelo patrulhamento do distrito. A classe dominante, composta de portugueses e descendentes, passou a ocupar os cargos da Real Extração. Os escravizados, que antes trabalhavam para os contratadores, foram

alugados para a real Extração, que pagava aos seus senhores diárias pelo serviço (BORSAGLI, 2014).

A mão de obra escrava se tornou, então, peça fundamental no desenrolar da economia da cidade. O deslocamento populacional devido a descoberta do ouro e do diamante se consolidou de tal forma que “[...] naquela vila, trocava-se uma casa por um freio de cavalo, ou vendiam-se todas as posses para comprar escravos, com os quais se exploravam as lavras das preciosas pedras” (FURTADO, 2003, p. 29).

O tráfico atlântico de pessoas teve a região de Minas Gerais como foco durante grande parte do período de extração. Em 1808, Minas tinha 148.772 escravizados, contingente este que cresceu para 168.543 em 1819, constituindo a maior população cativa do Brasil. O rápido crescimento dos grupos escravizados entre 1819 e 1872, fez com que Minas Gerais tivesse mais escravizados que as dez províncias ao norte da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Paraná reunidas (PAIVA, 2001).

O estado mineiro, no entanto, nada mais é do que o retrato do Brasil neste contexto. Pois, o Brasil não foi só o último a abolir essa perversa forma de mão de obra nas Américas, como também o país que mais recebeu africanos saídos de seu continente de maneira compulsória. Com as primeiras levas em 1550 e as últimas na década de 1860, estima-se que 4,8 milhões de africanos tenham desembarcado no Brasil para o trabalho compulsório (SCHWARCZ; GOMES, 2018).

É fato que estes grupos não só foram a principal mão de obra da cidade, como também contribuíram para toda a formação social, cultural e material da região. Saint-Hilaire, por exemplo, em sua passagem pela cidade em 1817, observou:

A compra de escravos é também para grande número dos habitantes de Tijuco [sic], um meio fácil de valorizar seus capitais; eles alugam à administração dos diamantes os escravos de que se tornam proprietários, e por esse meio retiram de seu capital juros de cerca de 16%. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 19).

O Regimento Diamantino destinou 13 de seus artigos para a regulamentação dos escravizados no Distrito Diamantino, o que nos faz compreender a importância dessa força de trabalho para o serviço de mineração dos diamantes, assim como sua relevância dentro da sociedade diamantífera. Os cativos desempenharam papel significativo na formação da cidade, construindo e delimitando os seus lugares de memória (MARIANO, 2013; NORA, 1984).

Ao nos debruçarmos sobre a história da cidade, nos deparamos com diversos outros lugares de memória. Lugares que registram a sociabilidade escrava da Diamantina oitocentista. Vale ressaltar que este é um conceito que nos acompanha ao entender o sítio arqueológico estudado como um destes lugares. Pois, os lugares de memória são, antes de tudo, lugares de identidades. Compreender a paisagem enquanto memória é buscar um sentido identitário do sujeito com a paisagem, entendendo que os indivíduos transformam os lugares que habitam ao mesmo tempo em que se deixam transformar por eles (POLLAK, 1992).

Neste sentido, a formação da cidade de Diamantina se entrelaça com as histórias de vida das pessoas que a formaram. A população mestiça e as características demográficas e urbanas fizeram da região um ponto de grande destaque no cenário provincial mineiro (vide Tabela 2). A renda gerada pela economia regional na primeira metade do século XIX permitiu a entrada líquida de escravizados na região, tornando esta a principal mão de obra nos garimpos. Conforme o censo provincial de 1832, cerca de 40% dos domicílios da cidade possuíam cativos (MARTINS, 2014).

Tabela 2- População escrava de Diamantina (1832-1884)

Ano	N. de escravos	% da população total
1832	6.617	53,6
1872	7.510	37,2
1884	6.702	15,8
1887	2.605	6,1

Fonte: Martins, 2014.

Ainda sobre este dado, é fato que a maior parte dos escravizados estavam diretamente relacionados ao serviço de mineração, seguindo do serviço de comércio e de fazenda. A mineração é a atividade de destaque na economia brasileira desde o início do século XVIII, grande responsável pelo processo de expansão populacional no interior (PRADO JR, 1971).

No século XIX, a maior parte dos grupos escravizados eram compostos por cativos nascidos no Brasil, ao contrário do século anterior, onde a maioria era majoritariamente africanos. Desvendar a origem destes cativos se mostrou, desde o início, um ponto de grande destaque. Levando em consideração que a partir deste mapeamento conseguiríamos entender a

sociedade que se formara em Diamantina no período colonial, fomos em busca de fontes que fizessem um levantamento dos países de origem dos cativos. No entanto, revelar a origem de escravizados não é uma tarefa fácil, se pensarmos que os registros eram feitos, muitas vezes, por comerciantes e traficantes em portos.

Segundo Julita Scarano (1978), em seu livro “Devoção e Escravidão”, os grupos que chegavam em Diamantina logo se juntavam a confrarias. A Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, confraria estudada pela autora, reuniu centenas de cativos vindos de diferentes regiões do continente africano. A irmandade era majoritariamente composta por africanos e afro-americanos, reiterando a ausência do escravo indígena na região.

No distrito diamantino, os indígenas não foram encontrados com demasiada frequência em vilas e arraiais, nem participaram com contingente significativo das associações. Nas zonas de mineração, conforme assinala Caio Prado Júnior (1962), de uma maneira geral, os indígenas não foram muito empregados.

Assim, os grupos africanos pertencentes a Confraria do Rosário, pertenciam a todas as “nações” africanas que forneceram contingentes para o Brasil. À região das minas dirigiam-se escravizados dos grupos mais diversos, levando em consideração que vinham também de outros territórios do país, e mesmo os que eram importados diretamente partiram de diversos portos da África. A variedade de “nações” dentro da irmandade, representa uma amostra da complexidade da população de Diamantina (SCARANO, 1978).

Como, entretanto, as listas foram feitas por pessoas diferentes, também é muito variada a classificação. De acordo com Scarano (1978), é conhecida a preferência que os mineradores tinham pelos escravizados vindos da Costa da Mina pois, os consideravam mais fortes e resistentes às doenças e com um certo dom para encontrar ouro. Em tais listas a referida autora notou que os “minas” são os mais numerosos, e cabe aqui a explicação de Boxer (1963):

"o grosso dos escravos classificados como minas era, evidentemente, do grupo lingüístico ioruba, sendo gegês ou nagôs. O termo, porém, incluía também os fanti-achantis, de dialeto Tshi, radicados no oeste mais remoto e os calabares ou iefiques, do leste mais remoto" (BOXER, 1963, p. 162).

Também se informa na mesma fonte que apenas eles, os mais fortes entre os africanos, eram capazes de resistir a um trabalho tão extenuante como a mineração. O comércio com a vasta e vaga "Costa da Mina", foi intenso em todo o decorrer dos séculos. Nas listas de membros

da irmandade do Rosário dos Pretos, logo a baixo dos Minas, encontra-se os chamados benguelas e os nagôs (SCARANO, 1978). De acordo com Boxer (1963), entre 1580 e 1836, cerca de um milhão e meio de africanos saíram de Angola e Luanda, sobretudo para a região de Minas Gerais.

É fato, contudo, que estes estudos acerca da procedência de escravizados devem ser relativizados, principalmente se pensarmos que os grupos africanos possuíam culturas e dialetos distintos mesmo dentro dos mesmos países de origem. Angola, ainda era, um anteposto de africanos de diversas origens. Além disso, como se vê no âmbito da referida Irmandade, há um universo de escravizados de lugares bem diferentes, com costumes e tradições diversas que ajudaram a formar a Diamantina colonial (SCARANO, 1978).

Em um antigo quilombo estudado por Aires da Mata Machado, por exemplo, no distrito de São João da Chapada, bem próximo a Diamantina, foram registrados aspectos da música e do folclore dos grupos bantos. Esta mistura de grupos e, conseqüentemente, de tradições específicas, faz parte da mescla de grupos antagônicos e culturalmente distintos que chegaram em Minas Gerais para o trabalho compulsório nas minas.

2.2 O sítio arqueológico QCC

Antes mesmo de apresentar o sítio arqueológico e todo o processo de escavação e salvaguarda do material, é preciso compreender o contexto da casa de Chica da Silva. Para isso, segue alguns questionamentos: quem, afinal, foi Chica da Silva? Como a vida da ex escravizada se entrelaça com os artefatos resgatados? Quais outros papéis assumiu a residência? No intuito de tentar responder tais questões, nos debruçamos na vida da ex escravizada mais famosa dos livros de História do Brasil.

Francisca da Silva de Oliveira, nascida entre 1731 e 1735³, era filha de Maria da Costa, escrava negra e de Antônio Caetano de Sá, homem branco. Também conhecida como bruxa, sedutora, rainha e escrava, Chica conta com dezenas de obras sobre sua vida e desempenha diversos papéis no imaginário popular. Por causa da formação do povoamento mineiro, onde a presença de mulheres brancas era escassa, o concubinato se generalizou e muitos senhores brancos alforriavam suas companheiras escravas, geralmente no leito de morte. No entanto, ao

³ As testemunhas mencionam que Chica da Silva teria entre 34 e 37 anos em 1768. O que significa que ela teria nascido entre 1731 e 1735. Era comum as pessoas não saberem a idade uma das outras, conhecia-se apenas a idade aproximada (FURTADO, 2003).

se casar com João Fernandes, importante contratador de diamantes, Chica foi alforriada em vida e se tornou uma ex cativa famosa pela sua ascensão na elite mineira.

Alforriar um escravo logo após sua compra não era atitude comum entre os proprietários mineiros. Teria João Fernandes comprado Chica já com a intenção de torna-la sua companheira? Provável. A jovem, que ao se casar teria entre 18 e 22 anos, possuía a beleza das mulheres oriundas da Costa da Mina, elogiada frequentemente pelos europeus (FURTADO, 2003).

Os registros de batismo do Tijuco demonstram que o casamento entre eles foi estável e duradouro. Todos os filhos do casal foram batizados na igreja matriz da cidade e em 1754, já livre, Chica era dona de escravizados e imóveis. A casa em que morou, na rua Lalau Pires, cujo quintal se tornou o sítio arqueológico estudado nesta pesquisa, pertencia a Chica e não ao desembargador (FURTADO, 2003).

Dona Francisca da Silva de Oliveira, como muitas vezes foi chamada nos documentos oficiais, era proprietária também de um número significativo de escravizados, comportamento comum entre os ex cativos do Brasil colonial, a partir do pecúlio. Acredita-se que alguns destes escravizados transitavam pelo quintal da sua residência, usado também como local de cuidados médicos e horta para o abastecimento familiar (FURTADO, 2003).

A residência não sofreu grandes modificações com o passar dos anos. Trata-se de uma construção ampla e arejada, constituída de dois pavimentos e um grande quintal. A falta de documentação impossibilita o conhecimento da data precisa da construção inicial, no entanto, pertenceu aos referidos moradores entre os anos de 1763 e 1771 (MEDAGLIA, 2012, p.20).

A casa é erguida em um sítio íngreme, entre ruas estreitas e com calçamento de pedras característicos das cidades coloniais mineiras. O casario possui esquadrias, paredes brancas e portas verdes. Sua arquitetura apresenta características coloniais como a simetria entre portas e janelas, colunas grandes e treliças. A construção é em formato geométrico, formada por sessões retangulares e os vãos possuem acabamento em madeira (Figura 22).

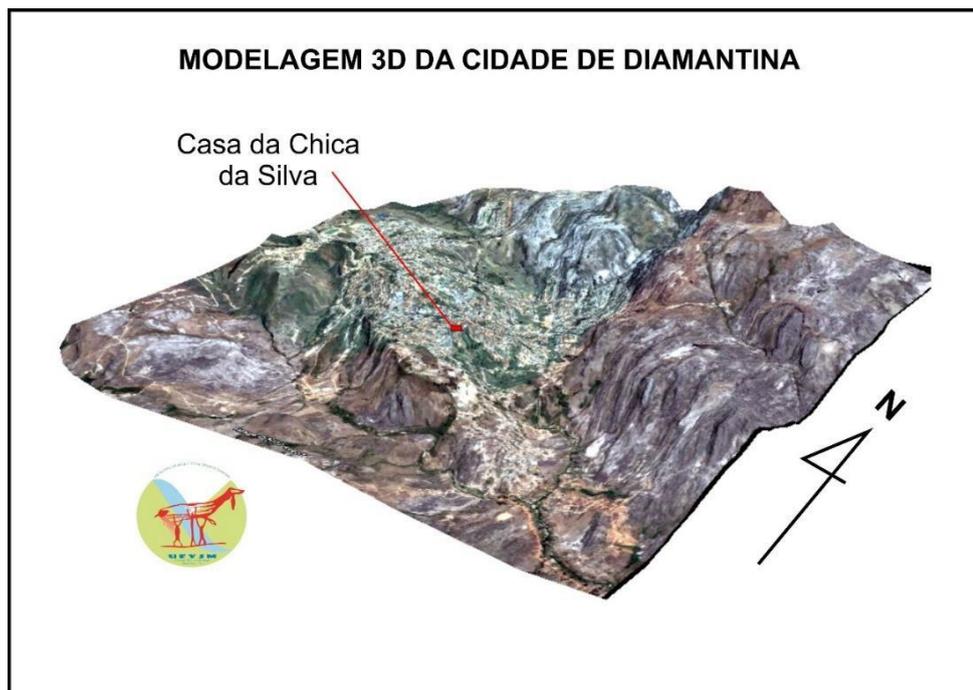
Figura 22- Fotografia na área interna da casa de Chica da Silva



Fonte: LIMA, 2022.

Localizada no centro da cidade (Figura 23), a residência teve a família Mata Machado como seus últimos moradores, de quem o IPHAN a comprou em 1984. Devido a carência de documentação, não se sabe exatamente quantas e quais famílias ocuparam a residência que foi tombada em 1950 e hoje abriga a sede do IPHAN, recebendo visitantes todos os dias,

Figura 23- Modelagem 3D da cidade de Diamantina, ressaltando a casa de Chica da Silva.



Fonte: LAEP, 2014.

No que concerne a estrutura, como visto anteriormente, a casa não sofreu grandes modificações. Uma vez que o quintal passaria por reforma para a construção de um jardim, surgiu o projeto de escavação do Quintal da Casa da Chica da Silva, uma iniciativa do IPHAN, em parceria com o Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP), coordenado pelo professor Dr. Marcelo Fagundes, entre os anos de 2011 e 2014.

Além das escavações, realizamos toda a curadoria do material em laboratório. Estes foram limpos, receberam um número de tombo e foram organizados em caixas (Figura 24). Todo o acervo encontra-se na reserva técnica do LAEP e vem sendo estudado por alunos de diferentes instituições. Ainda durante o processo de intervenção do sítio, foram feitas sessões de Educação Patrimonial em escolas públicas de Diamantina.

Figura 24- Caixas organizadas na reserva técnica do LAEP/UFVJM



Fonte: LIMA, 2022.

Os questionamentos acerca do sítio foram se moldando com o passar dos dias de escavação. O objetivo geral do projeto, no entanto, nos acompanhou durante todo o processo, sendo ele: compreender o cotidiano de uma casa do Tijuco por meio da escavação sistemática do seu quintal. Iniciamos as escavações preocupados em entender a origem do depósito sedimentar, ou melhor, como os patamares do quintal foram criados e como o depósito cultural se estabeleceu.

Assim, a partir das escavações sistemáticas, o estudo da documentação, entrevistas com moradores e, a análise do material em laboratório inferimos que, provavelmente, o quintal da casa de Chica da Silva foi formado a partir de um aterro. As escavações não evidenciaram materiais construtivos recentes (entulhos), o que delimita o uso cotidiano da casa.

Sobre as escavações, o quintal foi dividido em 12 setores (prancha 1) e as quadrículas foram nomeadas por sistema alfanumérico e escavadas por sistema de decapagem, em níveis artificiais, de 10 em 10 centímetros. Para tanto, foram empregadas duas técnicas de escavação:

1. A primeira centrada na dimensão vertical com a evidenciação de depósitos profundos tendo como preocupação a estratificação do sítio arqueológico, por meio da leitura acurada dos perfis estratigráficos mantidos em muros testemunhos. Aqui, a maior preocupação era entender o processo deposicional dos setores.
2. A outra privilegiava a dimensão horizontal, onde foi aberta uma ampla área no intuito de relacionar as relações espaciais entre os conjuntos artefatuais e estruturas evidenciadas. Nosso principal objetivo era a evidenciação de vestígios materiais de modo que fosse possível compreender a natureza da cultura material resgatada.

Entender o processo de formação do quintal, bem como identificar os seus diferentes tipos de ocupação, a partir da estratigrafia (Figura 24), se mostrou, desde o início, um ponto de extrema relevância. Ao nos debruçarmos sob o relatório de campo da escavação e os outros estudos sobre o sítio, nos deparamos com valiosas informações acerca do contexto de uso e sociabilidade do quintal, e ainda, com informações que muito podem contribuir para o entendimento dos artefatos cerâmicos aqui analisados.

Figura 25- Perfil estratigráfico da escavação do sítio QCC



Fonte: LAEP, 2014.

Para Paiva (2015), o quintal passou por diferentes intervenções ao longo de pouco mais de dois séculos e meio da construção da residência, embora não tenhamos encontrado documentação que registre tais mudanças na estrutura. Não se sabe exatamente como se deu a engenharia de modificação do quintal, contudo, as intervenções são claras. Houve camadas de aterro e há um controle estratigráfico nos dois setores, onde a cultura material corrobora para a compreensão dos depósitos culturais. Para os dois setores, grosso modo, pode-se indicar a presença de diferentes pacotes ocupacionais (FAGUNDES, 2013; PAIVA, 2015).

A camada superficial é caracterizada pela maior densidade de matéria orgânica e demonstra estar associada ao uso da residência no século XX. Fragmentos de louças mais recentes, vidros, metais, cerâmicas, além de materiais construtivos fazem parte do repertório cultural evidenciado. Segundo Martins (2016), grande parte da cultura material evidenciada neste pacote cultural remete ao uso da casa a partir de 1970 como um “centro de caridade”, gerenciado por Maria Ormindá Matta Machado, última proprietária. Neste período a casa foi um misto de orfanato, atendimento às pessoas carentes, escola de datilografia e reforço escolar

e, de maneira muito coerente, os vestígios demonstram esse uso, com presença de frascos de remédios, peças de máquina de escrever, além daqueles de uso cotidiano.

A camada intermediária pode-se inferir que se trata de um pacote cultural associado ao século XIX, sobretudo a partir da segunda metade, uma vez que, apesar da perturbação, há a maior concentração de louças e cachimbos. Também está evidenciada a presença de material construtivo, como a pedra sabão e seixos, fator associado à construção dos muros atuais que subdividem o quintal (FAGUNDES, 2013).

A camada mais profunda, por sua vez, indica o piso de ocupação mais antigo do uso do quintal. Sua característica principal é baixa densidade de cultura material, representada principalmente por alguns vidros e pela cerâmica utilitária, da qual trataremos no capítulo seguinte.

Sobre o universo da cultura material, segundo o livro de tombo, foram resgatados um total de 15.330 fragmentos, entre louças, vidros, metais e cerâmicas como consta na tabela a seguir:

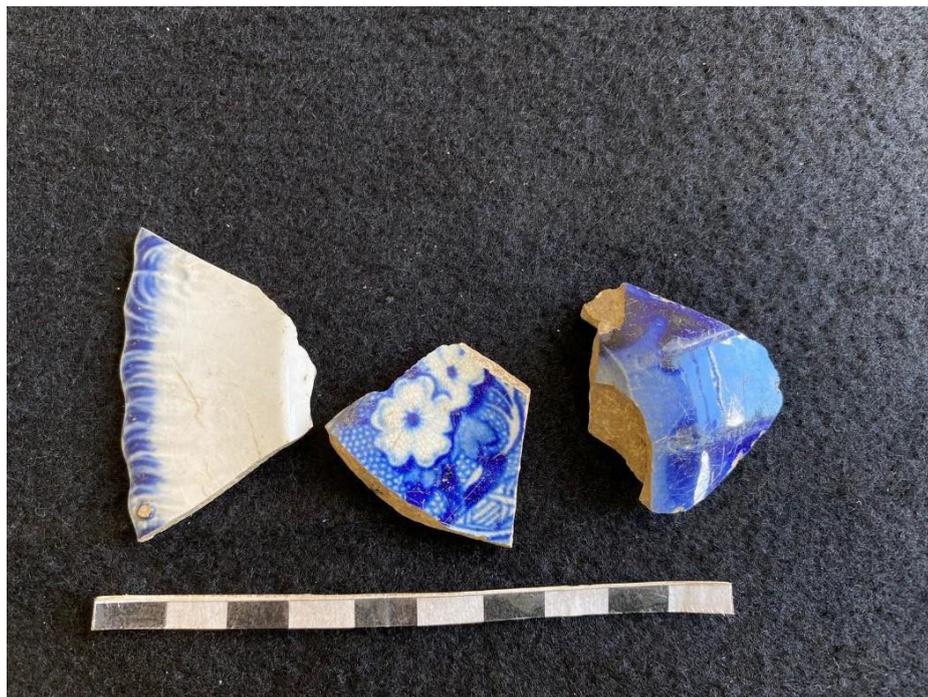
Tabela 3- Universo da cultura material escavada do quintal da casa de Chica da Silva

Cerâmica	3.430
Vidro	2.295
Louça	5.714
Cachimbo	104
Ossos	705
Metal	1.498
Material construtivo	1.459

Fonte: LAEP, 2014.

De acordo com Martins (2013), a partir das análises das louças foi possível constatar que os tipos de pastas evidenciadas correspondem à faiança fina, faiança, porcelana e *ironstone*. A faiança fina foi predominante, com 90% dos fragmentos e um número mínimo de 88 peças. O tipo de esmalte mais comum identificado foi o *whiteware* ou *pearlware* (Figura 26).

Figura 26- Louças do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Segundo dados levantados pela referida autora e a aplicação da fórmula de *South*, foi possível tecer discussões sobre a data em que o sítio foi intensamente ocupado. Segundo Lima (1985), a Fórmula de South foi criada na década de 1970 por Stanley South, elaborada com o objetivo de estabelecer uma “fórmula para datação média das louças”, construída a partir da data média de manufatura dos vários tipos de louças evidenciadas em um sítio e documentadas na literatura. Nesse sentido, a fórmula foi usada seguindo a proposta de evidenciar qual a data que o sítio foi mais intensamente ocupado e não a data média de ocupação do sítio.

A fórmula foi aplicada por fragmentos e por NMP para toda a amostra (fragmentos de louças referentes ao setor 6), e ambos trouxeram datas bem próximas. A aplicação da fórmula por fragmentos gerou a data de 1835 e por NMP a data encontrada foi 1838. Além da fórmula foi utilizado um gráfico de barras, também proposto por Stanley South na década de 1970. Enquanto a fórmula fornece uma data média de ocupação do sítio, o gráfico fornece um período médio em que o sítio foi mais intensamente ocupado. A partir dos dados coletados foi possível inferir que o sítio foi mais intensamente ocupado entre os anos de 1820 e 1875 (MARTINS, 2013).

É importante salientar que a fórmula vem angariando discussões acerca da sua aplicabilidade em sítios de diferentes contextos e, ainda, que diz respeito apenas às louças. Embora nosso foco de pesquisa sejam as cerâmicas, o universo de cultura material resgatado

engloba louças, vidros, metais, ossos e plásticos. Foi ainda realizada uma análise de cerca de 85 fragmentos ósseos da fauna resgatada do setor 06, revelando tratar-se de uma assembleia composta exclusivamente de ossos de animais domésticos, tais como porcos, cavalos, bois e gatos (Figura 27). Os ossos de porcos e bois apresentam marcas evidentes de descarte e são caracterizados por um elevado grau de fragmentação, indicando um intenso processamento da fauna, muito provavelmente para consumo (FAGUNDES, 2013).

Sobre os metais, chama atenção a presença de adornos, amuletos, cruzes e correntes (Figura 28). O tempo em laboratório não nos permitiu uma análise sistemática acerca destes artefatos, mas acreditamos que ambos possam estar relacionados ao contingente escravista que circulou pelo quintal da residência. Vale destacar, desta forma, a importância dos quintais para as Minas setecentista, sendo este um local de sociabilidade e abastecimento familiar.

Figura 27- Fragmentos ósseos do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 28- Fragmentos de metal do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Os estudos realizados pelo professor Marcos Lobato Martins são referência sobre o uso dos quintais em Diamantina e demonstram como a produção de “gêneros do país” ao redor do núcleo urbano ocupou diversas propriedades e expressivos números de braços nos tempos coloniais. O papel desempenhado pelas chácaras e quintais, nestes contextos, foi fundamental para o abastecimento local ao longo dos séculos XIX e início do XX (MARTINS, 2006; PAIVA, 1996).

O conhecido livro de Alice Dyrell, cujo pseudônimo é Helena Morley, traz a tona importantes referências sobre os quintais e chácaras em Diamantina, destacando a produção de hortaliças, frutas e quitandas realizadas nestes lugares e encabeçadas por moradores, sem esquecer, é claro, da mão de obra escrava. Segundo a autora, Helena ia quase diariamente à chácara da sua avó, onde havia jardim, horta e pomar, cuidados por “[...] negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei de 13 de Maio” (MORLEY, 1988, p. 33).

É fato, também, que quintais eram locais de escravizados. Na parte de trás das casas eles dormiam, se alimentavam, produziam e descartavam materiais. Acreditamos que o quintal da casa da Chica da Silva, além de ser um local para abastecimento familiar e criação de animais,

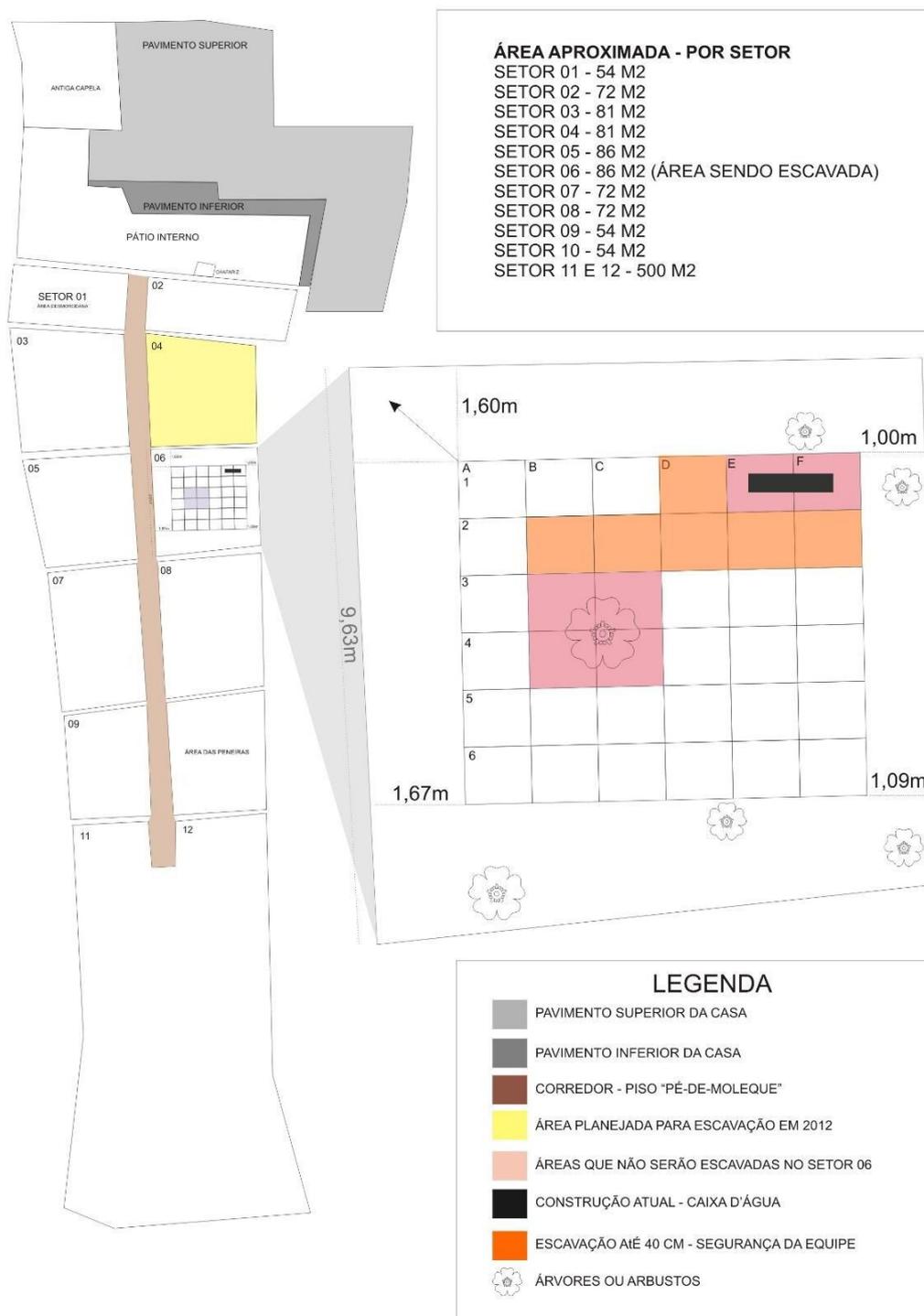
era ainda local de sociabilidade escrava. A quantidade de artefatos cerâmicos e cachimbos foi o fio norteador para investigarmos tal hipótese.

Ainda segundo Fagundes (2013), o início do século XIX apresentou um uso intenso da residência. As escavações do setor 04 demonstraram uma quantidade significativa de artefatos, sobretudo cerâmicas de diferentes tipologias e cachimbos, muitos destes relacionados aos grupos afro-brasileiros (PAIVA, 2015; LIMA, 2018).

Sobre a cerâmica, as análises demonstraram o uso destas associadas ao fogo. É significativa a quantidade de fragmentos com marca de fuligem. No que concerne aos cachimbos, acreditamos que o sítio QCC era uma área produtora de cachimbos ou se situava próxima a uma, principalmente pela quantidade de cachimbos moldados resgatados.

Prancha 1: croqui da escavação do quintal da casa de Chica da Silva

PROJETO DE ESCAVAÇÃO DO QUINTAL DA CASA DA CHICA (2011) CROQUI DE SITUAÇÃO - SETOR 06



2.3 O tabaco

Ao nos depararmos com a significativa quantidade de cachimbos no quintal da casa de Chica da Silva, um dos nossos questionamentos se configurou em o que os usuários estariam fumando na Diamantina oitocentista. Apesar de entendermos tais artefatos como para além de instrumento para fumo e, também, as variadas formas de ingerir o tabaco como a mastigação, além do uso costumeiro do rapé na região, não pudemos deixar de relacioná-los às dinâmicas do fumo no período colonial.

O casamento destas perspectivas fornece uma visão holística da variedade de papéis assumidos pelos cachimbos e pelo tabaco em diversas sociedades. Entre a infinidade de plantas e vegetais oriundos da América que foram difundidos pelo mundo após o contato, talvez nenhuma tenha alcançado tanto prestígio como o tabaco. Após ter sido levada para o Velho Mundo por viajantes, colonos e enviados oficiais, a “erva santa” não tardou para ser consumida por europeus de distintas classes sociais, tanto na forma de rapé, de mascar a planta e pelo fumo (ACIOLI, 2005).

Assim, nesta relação entre os cachimbos analisados e o fumo, surgiu a necessidade de compreender como se deu a relação entre os grupos escravizados no interior do país e o consumo do tabaco, visto que este foi considerado durante muito tempo na historiografia como o primo pobre da economia colonial. É fato, no entanto, que parafraseando Lapa (1968), pobre foi, durante muito tempo, a literatura sobre o tema.

Foi justamente na falta de literatura, principalmente para a região de Diamantina que nos esbarramos. Sabe-se que o cachimbo era o principal meio de ingestão de substâncias na América pré-colonial. O tabaco é uma planta nativa americana que ganhou o mundo a partir do hábito de fumar. Após a chegada dos europeus na América, o hábito de fumar tabaco em cachimbos atravessou o atlântico e se tornou um grande protagonista das rodas de conversas, rituais, métodos de cura e momentos de contemplação em diversos outros países.

Mergulhando em estudos sobre o tráfico atlântico e o tabaco, percebemos que ambos estão ligados não apenas no que diz respeito a economia. Dessa forma, é preciso compreender o contexto histórico que estava inserido o tabaco e como ocorreu sua dispersão entre as sociedades africanas. A incorporação do hábito de fumar entre os africanos e os afro-americanos em rituais religiosos ou no próprio cotidiano, demonstra como a planta foi incorporada no universo destas comunidades (PAIVA, 1995).

Com o avanço da colonização europeia houve uma maior comunicação entre África e Europa, o que facilitava a inserção de pontos de apoio europeu no continente africano com o intuito de otimizar o tráfico de escravizados. A travessia do atlântico durava entre dois e três meses e foi um grande responsável pela morte de africanos que embarcavam para o Novo Mundo. É fato que o tabaco esteve intrinsecamente ligado ao tráfico negreiro (ALENCASTRO, 2000).

Esta visão simplista e triangular entre Europa, África e América perpassou durante muito tempo pelos estudiosos brasileiros. Foi preciso pensar o Brasil para além de um prolongamento da Europa, para compreender a comunicação bilateral entre América Portuguesa e África na formação de intercâmbios culturais e trocas comerciais de grande relevância (ALENCASTRO, 2000).

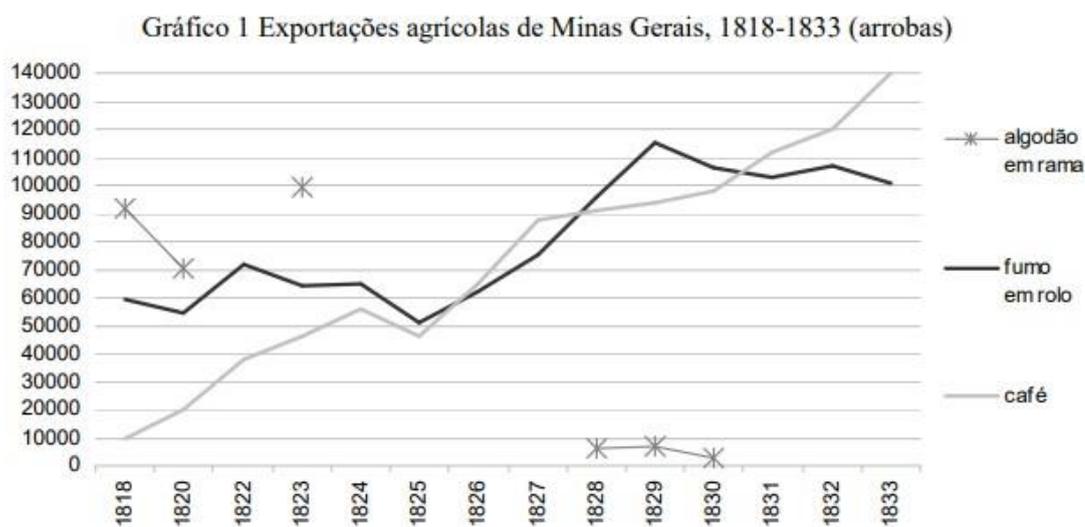
O que aqui nos interessa é o diferencial dessa trama no conjunto de mercadorias que eram trocadas por escravizados africanos, tais como a cachaça, a mandioca e o tabaco. Segundo Alencastro (2000), 48% dos 2.027.000 escravizados chegado na América Portuguesa entre 1701 e 1810 foram obtidos na troca por tabaco e cachaça. Dessa forma, enquanto a aguardente foi produto de troca entre Brasil e Angola, o tabaco encabeçou o comércio com a África Ocidental, principalmente a Costa da Mina, no Golfo da Guiné. O que não quer dizer que o tabaco já não era também cultivado por nativos americanos, sobretudo relacionado a aspectos místicos.

Diferente do açúcar, produzido na América Portuguesa em larga escala, o fumo era cultivado por colonos em pequenas propriedades, sobretudo nos atuais estados da Bahia e Pernambuco. Sabe-se que boa parte da produção era exportada para a Europa, enquanto os de menor qualidade eram utilizados na troca por cativos africanos. Apesar de realizada em pequenas unidades fundiárias, a produção fumageira não deixou de ser escravista, levando em consideração que não dispensava o uso de escravizados em todas as etapas de produção (ACCIOLI, 2005).

Em todo o Brasil, a planta do tabaco era cultivada em pequenas propriedades com o intuito de compor o excedente comercializável. Em Minas Gerais, a cultura do tabaco foi introduzida por volta de 1709, e encontrou condições propícias nos contrafortes da Serra da Mantiqueira e nascentes do rio Grande, região de Baependi. O solo e o clima da região influenciaram na qualidade do produto final e, além disso, Baependi estava em uma das principais rotas com o Rio de Janeiro, favorecendo a comercialização. Desenvolveu-se, assim,

uma variedade de fumo negro, preparado em rolo (ou tabaco de corda), de superior qualidade e bem visto em mercados distantes (NARDI, 1996; RESTITUTTI, 2008).

O fumo em rolo integrou de maneira significativa as exportações agrícolas em Minas Gerais, em conjunto com o algodão de Minas Novas e o café, a partir da década de 1820, conforme o gráfico a seguir (RESTITUTTI, 2008):



Fontes: APM/PP 1/6 c.1 d.18 e 1/48, c.14, d.sn; ANRJ/CC 450-1, 455-6, 458, 461-2, 471, 464-70, 476-80, 688, 729, 732-3, 745-52, 755, 1660, 2906-9, 2961-2, 3252-3, 3675, 4058-62, 4103, 4111, 4120-4, 4123, 4125-7; JORNAL DO COMMERCIO (RJ), n.119 (08/01/1831), p.2; O UNIVERSAL (Ouro Preto), n. 622 (20/07/1831), p.3; MARTINS, 1873, p. 42; ESCHWEGE, 1899, pp. 748-9; CARVALHO, 1916, pp. 19-20.

Fonte: RESTITUTTI, 2008.

A partir do gráfico é possível visualizar como o estado de Minas Gerais foi um importante produtor e exportador de tabaco. Além de toda relação simbólica do fumo com as sociedades africanas e afro-americanas, o fato de privilegiar a mão e obra escrava nas lavouras de tabaco poderia aproximar ainda mais este contingente do hábito de fumar. Tais variáveis podem ser indicativas da relação intrínseca entre cativos e tabaco e, conseqüentemente, entre cativos e cachimbos.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISES E DISCUSSÕES

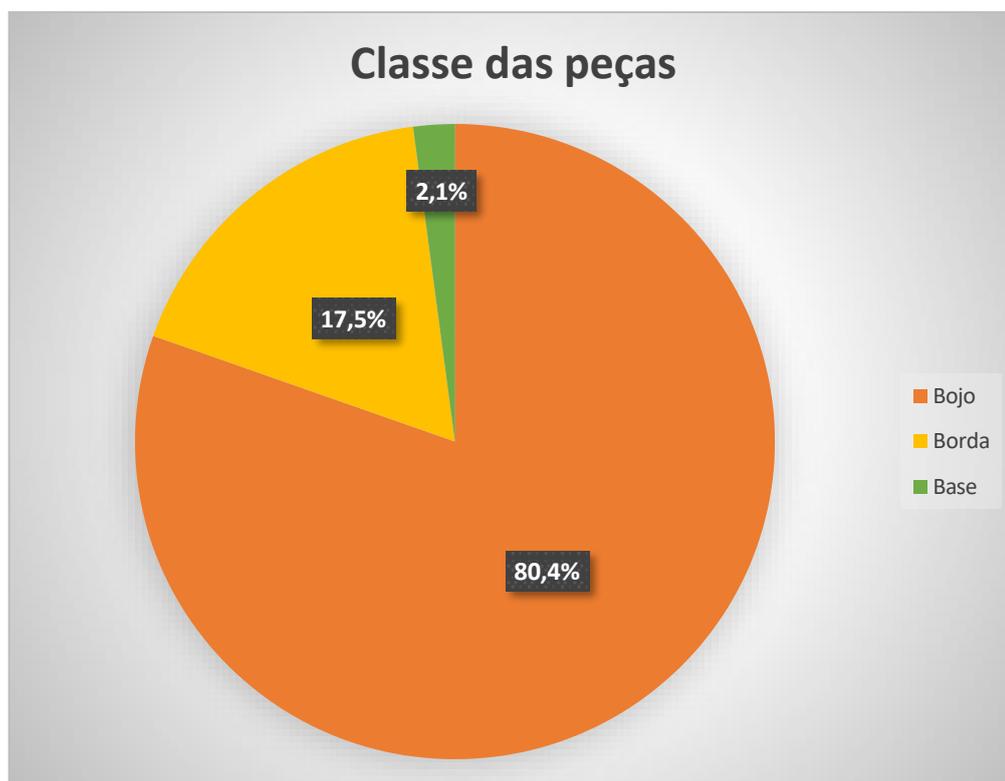
Conforme detalhado no capítulo 01, diversos atributos de análise foram levados em consideração no intuito de compreender a variabilidade artefactual das cerâmicas e cachimbos encontrados no quintal da casa de Chica da Silva. Pois, como dito anteriormente, nosso objetivo perpassa aspectos tecnológicos, funcionais e simbólicos. Assim, seguindo os passos metodológicos propostos, foram analisados todos os fragmentos de bojo, borda e base registrados. Com exceção das cerâmicas menores de 20mm e os materiais construtivos, analisamos um total de 1.974 fragmentos de cerâmicas. Enquanto para os cachimbos, com exceção dos fragmentos menores de 20mm, analisamos um total de 87 peças.

3.1 Dados obtidos para a cerâmica

Para uma melhor visualização dos resultados, iniciaremos com a caracterização da cerâmica no que concerne à sua morfologia e tecnologia e, para tal, abordaremos cada um dos atributos de forma individual (SCHIFFER, 2010). Em seguida, avançaremos em questões simbólicas relacionadas aos traços incisos em superfície e, por fim, traçaremos paralelos com outros sítios também históricos da cidade.

Dentre a totalidade das peças analisadas, os fragmentos de bojo foram os mais recorrentes, representando 80,4% da amostra, enquanto as bordas representam 17,5% e as bases 2,1% da totalidade. Sobre este tópico, é importante salientar o aspecto fragmentado da cerâmica em questão, o que dificulta a identificação. Não encontramos, por exemplo, nenhuma peça inteira na coleção. Optamos por trazer fotografias dos atributos analisados para uma melhor visualização do que estamos entendendo por cada uma das classes das peças (Figura 29).

Gráfico 1- Classe das peças



Fonte: elaborado pela autora

Figura 29- Classe das peças



Legenda: A: fragmento de bojo; B: fragmento de borda; C: fragmento de base;

Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Com o auxílio de um paquímetro, medimos todas as peças a partir do tamanho máximo e tamanho mínimo, dado que corroborou com o aspecto fragmentado da coleção, onde 60% dos

fragmentos apresentam entre 30 e 60mm. Sobre a espessura, notamos que as peças, de maneira geral, não sofriam variações e, por esse motivo, fizemos uma única medição a partir da parte mais espessa, quando houvesse. A caracterização da cerâmica em questão perpassa fragmentos com tamanhos reduzidos e pasta fina (figura 2).

Quadro 1- Espessura da cerâmica

1mm – 4mm	42
5mm – 7mm	749
8mm – 10mm	985
11mm – 13mm	167
14mm – 16 mm	27
>17mm	1

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Figura 30- Fragmentos cerâmicos com tamanhos reduzidos característicos do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Sobre a queima e com base nos modelos propostos por Moraes (2006) e Rye (1981), pudemos observar as variações na coloração pós queima, além da atmosfera de queima. Assim, 88,2% da amostra apresenta queima oxidante, com núcleos claros e temperatura acima de

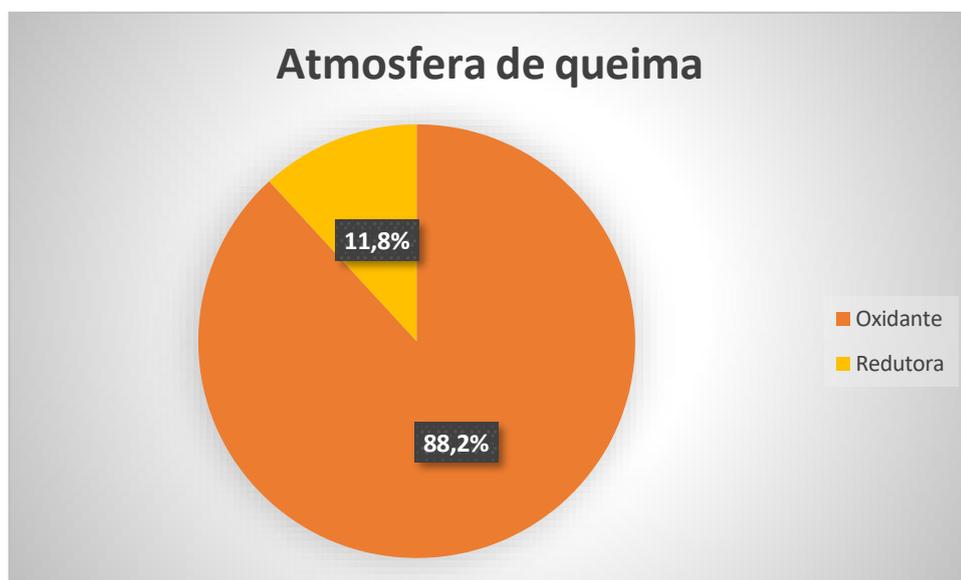
700°C. Enquanto 11,8% apresenta queima redutora, realizada em temperaturas mais baixas e gerando núcleos escuros e/ou heterogêneos. É importante salientar a variedade de coloração e processos de queima dos fragmentos analisados (Figura 31).

Quadro 2- Processos de queima de acordo com Moraes (2006)

1	7,7%
2	76,4%
3	3,6%
4	8,4%
5	0,7%
6	3,3%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Gráfico 2- Atmosfera de queima



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Figura 31- Exemplos de queimas distintas



A: fragmento correspondente ao item 3; B: Fragmento correspondente ao item 5; C: Fragmento correspondente ao item 4; D: Fragmento correspondente ao item 1; E: Fragmento correspondente ao item 6; F: fragmento correspondente ao item 2. Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

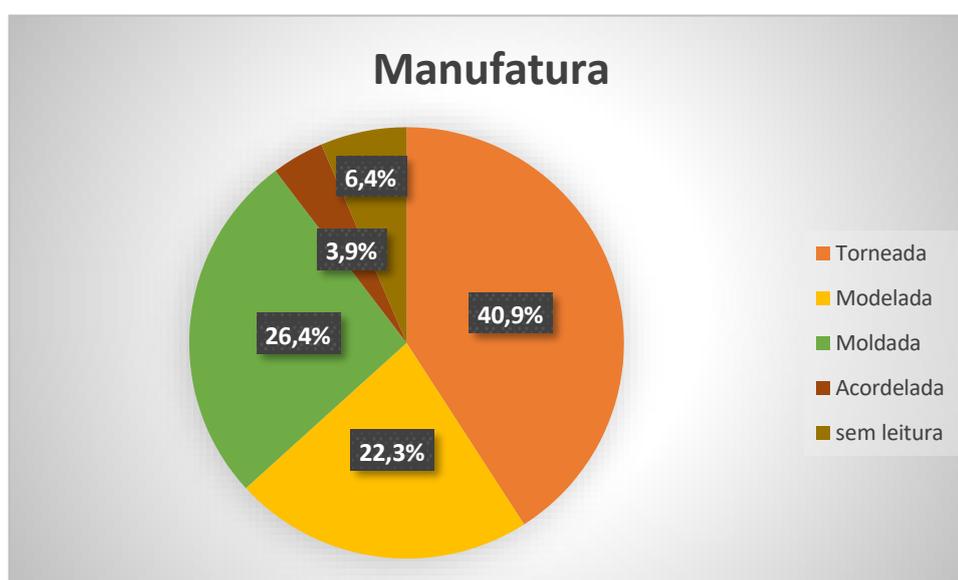
A cerâmica da casa da Chica apresenta técnicas de manufatura variadas. Parte significativa da amostra (40,9%), diz respeito a cerâmicas torneadas, produzidas a partir de um torno. Enquanto 26,4% foram classificadas como moldadas, 22,3% modeladas, 6,4% sem leitura e 3,9% como acordeladas. A presença de variadas técnicas de manufatura chama a atenção e corrobora com a ideia de um sítio arqueológico que congregava pessoas e culturas distintas. Esta é uma informação significativa na construção do perfil técnico da referida cerâmica.

A ausência de potes completos ou com boa parte da forma intacta não nos permitiu avançar em discussões acerca do uso de duas técnicas para o mesmo vasilhame, como já discutido por outros autores em contextos mineiros (MANFRINI, 2020). A superfície áspera e

com grãos de areia ao entrar em contato com o molde nos ajudou a identificar os artefatos moldados, além do uso de tecido entre a argila e o molde, deixando impressão na cerâmica (SOUZA, 2015; GOSSELAIN, 1999).

Outro ponto importante a destacar são as marcas de fuligem em 42,2% dos fragmentos, dado bastante significativo que pode indicar o uso dos artefatos para cocção de alimentos (Figura 32).

Gráfico 3- Manufatura da cerâmica



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Figura 32- Marcas de fuligem em fragmento cerâmico



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

No que concerne às características da pasta, como visto anteriormente, a cerâmica em questão é produzida a partir de uma pasta fina, com pouca visualização de antiplástico a olho nu. Por esse motivo, a partir de uma lupa digital e análises microscópicas, tentaremos avançar nas discussões acerca deste componente. Sobre a frequência, usando o exemplo proposto por Orton et al. (1997) e Moraes (2007), 88,7% dos fragmentos apresentam poucos antiplástico, 10,8% possuiu presença de antiplástico mediana e apenas 2% puderam ser classificados como abundante em antiplástico.

Quadro 3- Frequência de antiplástico

Pouco (10% ou menos)	87,2%
Médio (Entre 10% e 30%)	10,8%
Abundante (30% ou mais)	2,0%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

É possível inferir que há uma regularidade nos tipos de antiplástico utilizados na referida cerâmica, o que deve refletir o tipo de matéria prima utilizado na região de fabricação.

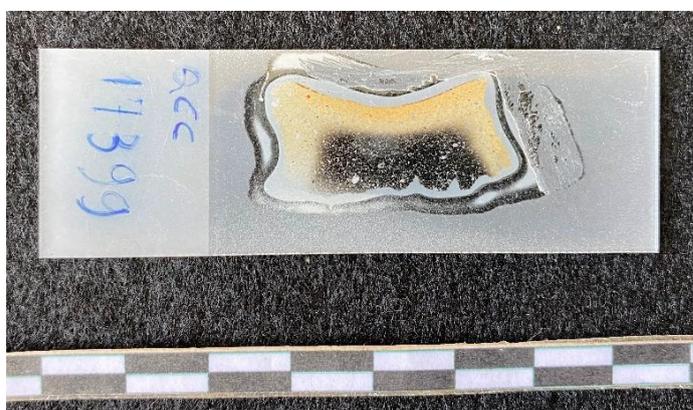
Identificamos majoritariamente a presença de quartzo, mica e feldspato. As lâminas delgadas⁴ e as fotomicrografias foram imprescindíveis na inferência da coloração dos minerais e sua granulometria. Pela visualização macroscópica da lâmina (Figuras 33, 34 e 35) já foi possível visualizar a pouca presença de antiplástico e a variação na coloração da cerâmica.

O tamanho dos antiplástico também foram observados com o objetivo de perceber mudanças e/ou continuidades. Assim, percebemos que a maior parte dos fragmentos apresentaram os minerais em tamanhos reduzidos, inferiores a 0,15mm.

Figura 33- Exemplo de pasta em lâmina delgada



Figura 34- Exemplo de pasta em lâmina delgada



⁴ As lâminas delgadas foram produzidas no Laboratório de Petrologia do CEGEO/UFVJM.

Figura 35- Exemplo de pasta em lâmina delgada



Fonte: elaborados pela autora

Optamos pela fotomicrografia⁵ no intuito de identificar os tipos e tamanhos dos antiplásticos. Realizamos duas fotos para cada lâmina, uma com polarizadores paralelos e outra com polarizadores ortogonais, assim pudemos corroborar com a variação de queima da argila e a predominância de quartzo entre os minerais, o que muito dialoga o tipo de solo encontrado na região de Diamantina (Figuras 36 a 39).

Figura 36- Lâmina com polarizadores paralelos

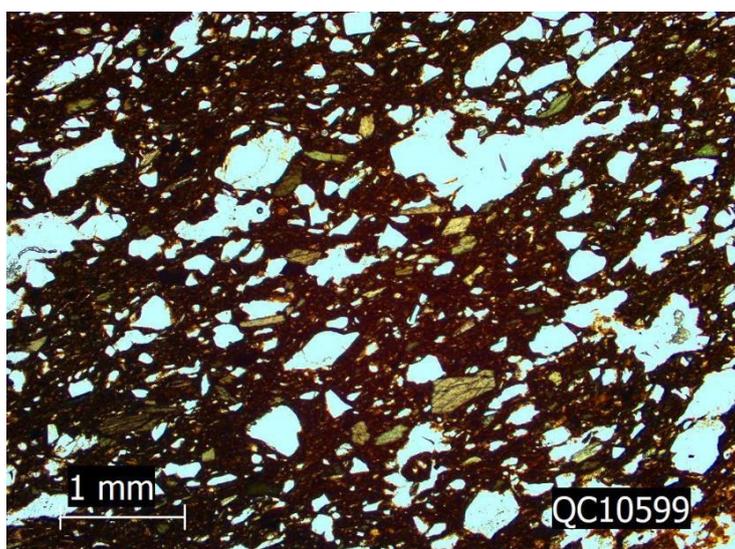
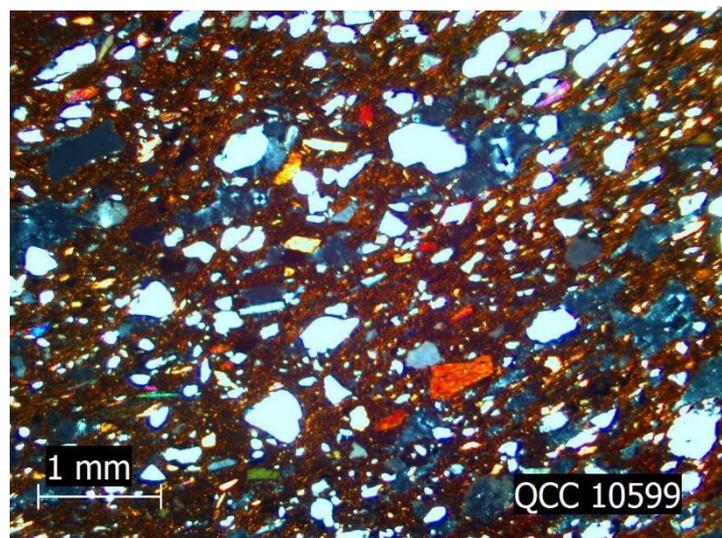


Figura 37- Lâminas com polarizadores ortogonais



⁵ As fotomicrografias foram realizadas no CEGEO/UFVJM, pelo Prof. Dr. Matheus Kunchenbecker, em 18 de março de 2022.

Figura 38- Lâminas com polarizadores paralelos

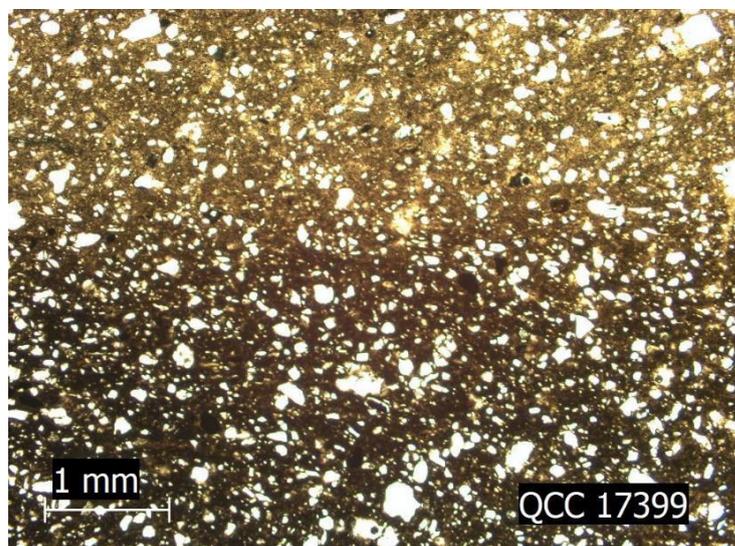


Figura 39- Lâmina com polarizadores ortogonais

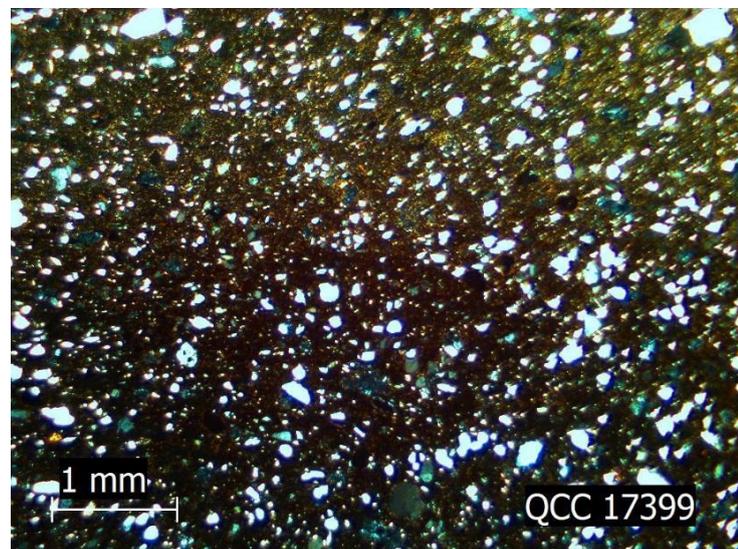


Figura 40- Lâmina com polarizadores paralelos

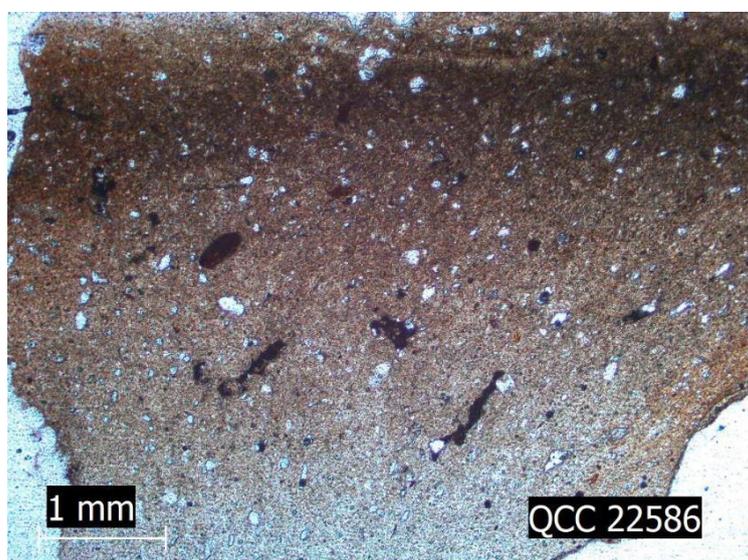
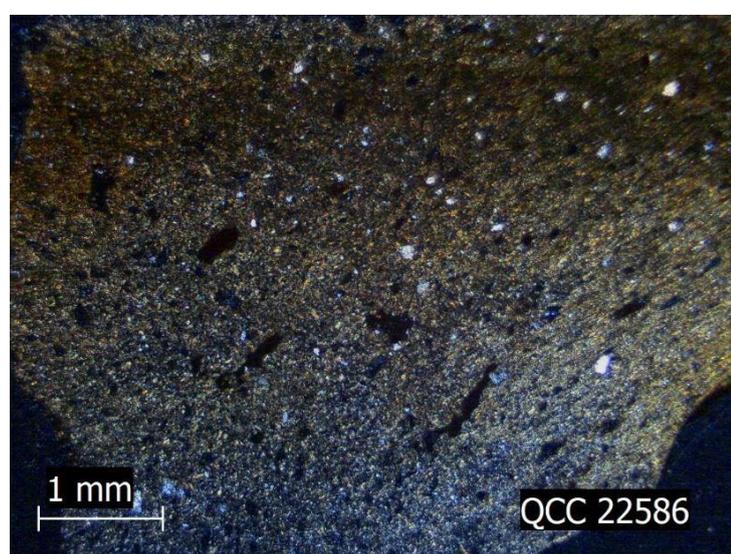


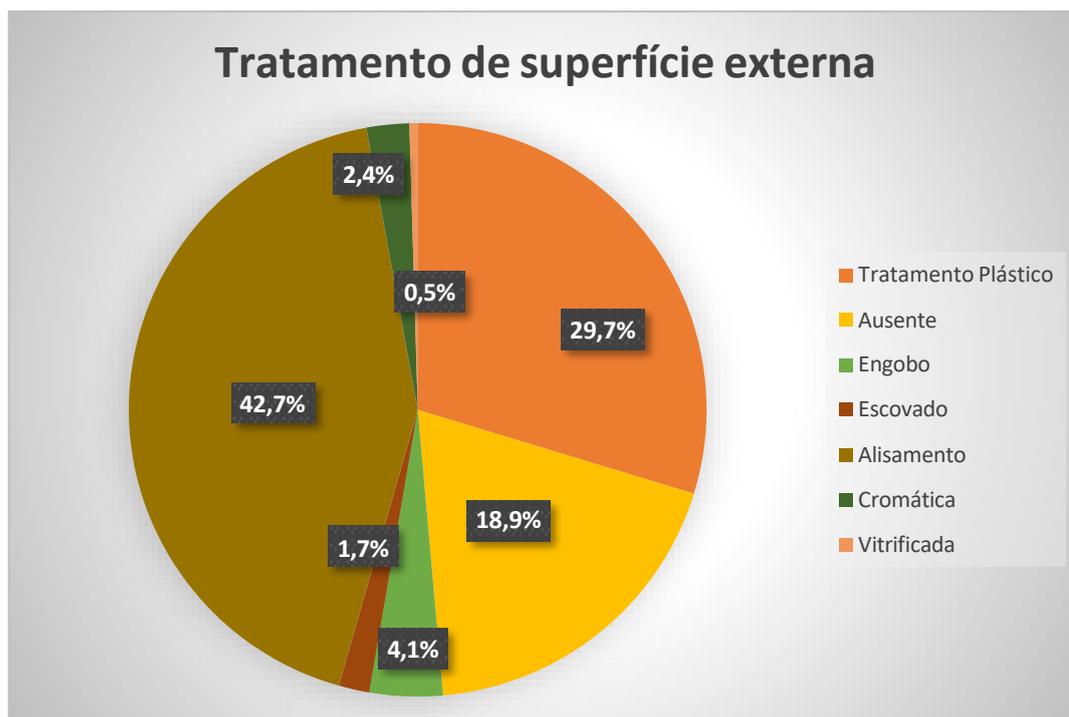
Figura 41- Lâmina com polarizadores ortogonais



No que concerne ao **tratamento de superfície externa**, nota-se a predominância da técnica alisada (42,7%), seguindo do tratamento plástico (29,7%), ausência de tratamento

(18,9%), engobo (4,1%), cromática (2,4%), escovado (1,7%) e vitrificada (0,5%). Observamos a baixa frequência de cerâmica pintada na coleção em contrapartida com a quantidade e variação do tratamento plástico que será detalhadamente abordado no tópico seguinte.

Gráfico 4- Tratamento de superfície externa



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 42- Diversos exemplos de tratamento plástico



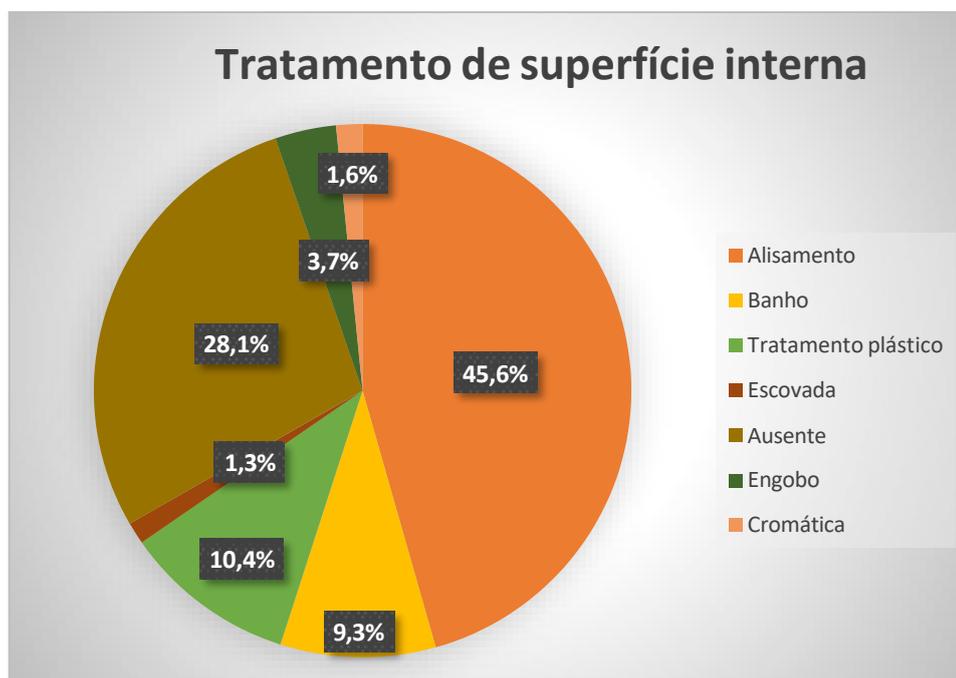
A: fragmento com tratamento plástico; B: fragmento com alisamento; C: fragmento vitrificado; D: fragmento com decoração cromática; E: fragmento escovado; F: fragmento com engobo.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

A análise do **tratamento de superfície da parte interna** da cerâmica apresentou a predominância da técnica alissada, compondo 45,6% da amostra. Em 28,1% do total não há tratamento de superfície; 10,4% apresenta tratamento plástico; 9,3% banho; 3,7% engobo; 1,6% decoração cromática e 1,3% escovada. Assim, pode-se notar que o alisamento é a técnica mais recorrente tanto na superfície externa quanto interna, seguindo do tratamento plástico.

Também foi possível identificar técnicas distintas em um mesmo fragmento. A maioria das peças com tratamento plástico na superfície externa apresentou alisamento na superfície interna (78,2%) e em alguns fragmentos (12,8%) as técnicas de engobo e tratamento plástico se subrepunham.

Gráfico 5- Tratamento de superfície interna



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

As peças com **engobo**, apesar de serem minoria na amostra, podem ser elucidativas na compreensão do contexto do sítio arqueológico em questão. Não foram identificadas outras colorações de engobo além do vermelho, representando 21,2% da amostra.

Quadro 4- Presença ou ausência de engobo vermelho

Engobo vermelho	21,2%
Sem engobo	89,8%

Elaborado pela autora, 2022.

Como visto anteriormente, por se tratar de uma coleção bastante fragmentada, não foi possível avançar em discussões acerca do formato e função dos vasilhames. Não obstante, no que concerne as **formas das bordas**, pudemos observar que a maior parte diz respeito a forma direta (78,1%), seguindo do formato infletido (19,9%) e contraída (10,0%). Não identificamos os formatos carambada nem carenada entre os fragmentos.

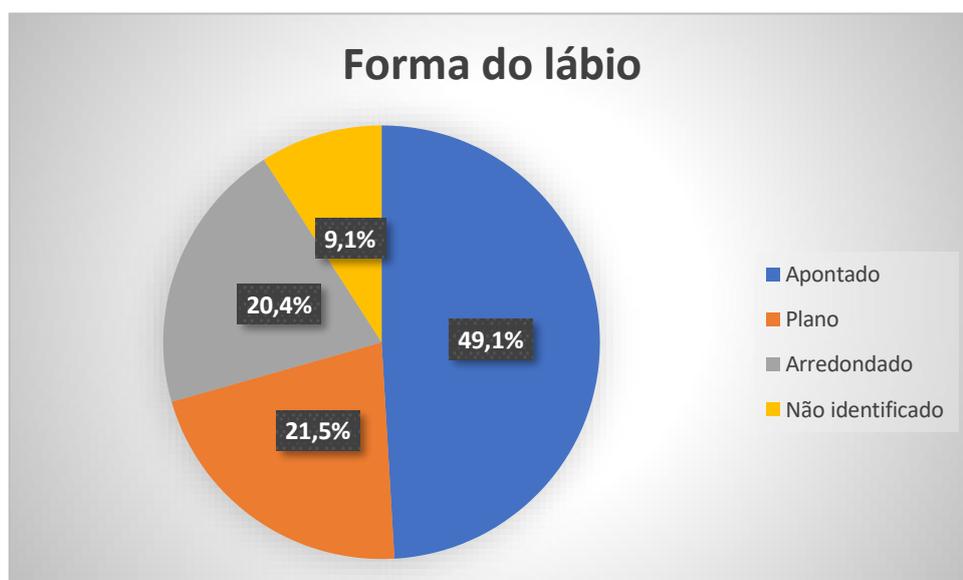
Quadro 5- Morfologia das bordas

Direta	78,1%
Infletida	19,9%
Contraída	10,0%
Carambada	0%
Carenada	0%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Sobre a **forma do lábio**, parte significativa da amostra apresenta lábio apontado (49,1%), seguido do lábio plano (21,5%), arredondado (20,4%) e não identificado (9,1%).

Gráfico 6- Forma do lábio



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Figura 44- Exemplo de lábio arredondado no sítio QCC



Figura 43- Exemplo de lábio plano no sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 45- Exemplo de lábio apontado no sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Sobre o uso, nossas inferências dizem respeito aos processos tafonômicos, classificados em sem marcas, com desgaste pelo uso ou com marcas de fuligem. Assim, identificamos que 60% do acervo não apresentam marcas evidentes, enquanto 30,7% possuem fuligem na superfície e 10,1% apresentam algum tipo de desgaste pelo uso dos artefatos.

Quadro 6- Processos tafonômicos

Desgaste pelo uso	10,1%
Marcas de fuligem	30,7%
Não identificado	60,2%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Sobre a estratigrafia da escavação, e a **localização** dos fragmentos *in situ*, foram resgatadas peças de todos os níveis, do 1 até o 14. Sobre a cerâmica, muito chamou atenção a predominância de fragmentos do nível 4, ou seja, 40cm de profundidade. Apenas neste nível, resgatamos a significativa quantidade de 392 fragmentos de cerâmica. Vale ressaltar que o N do gráfico corresponde ao nivelamento, enquanto o LS corresponde a limpeza de superfície.

Gráfico 7- Artefatos localizados estratigraficamente no sítio QCC

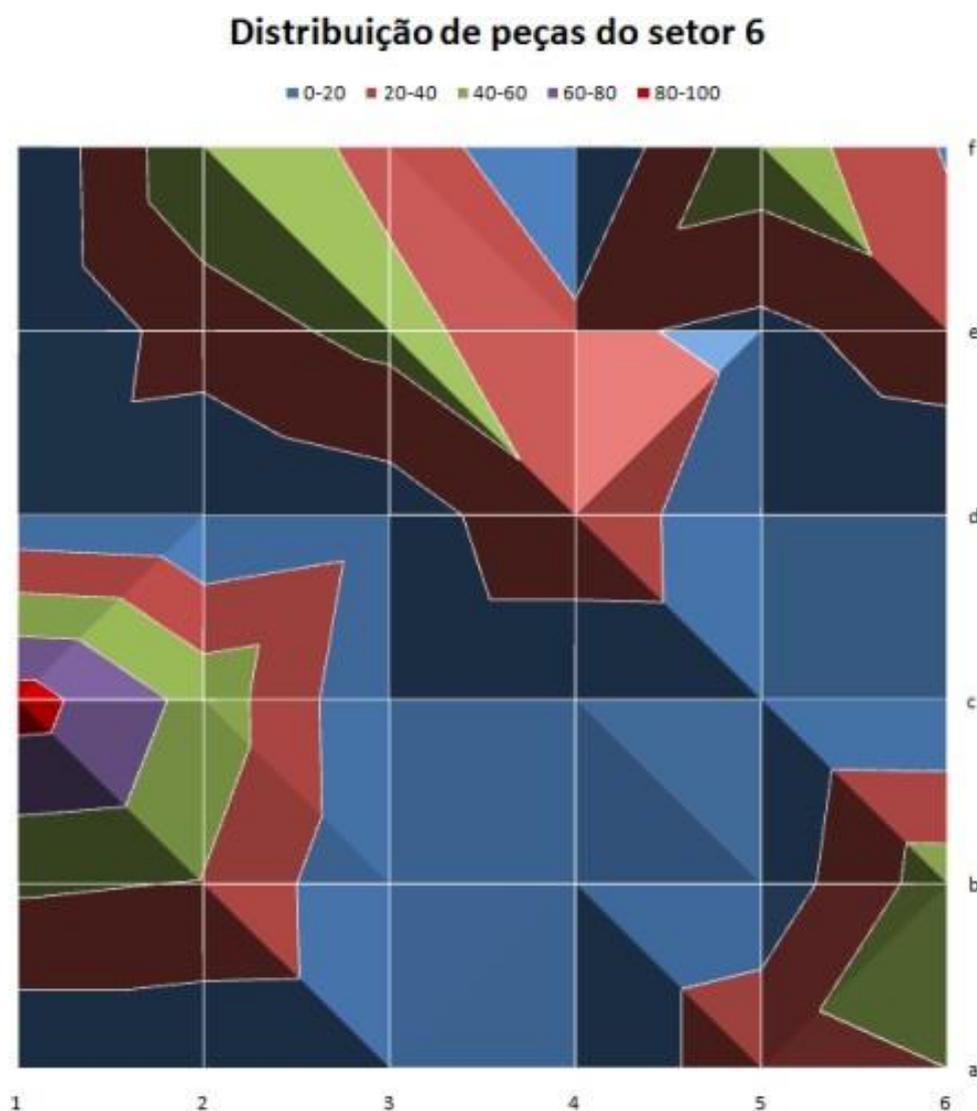


Fonte: ROCHA, 2022 (acervo do LAEP)

Para a localização espacial, optamos por um gráfico de calor representando a densidade dos artefatos cerâmicos nos dois setores escavados. As quadrículas foram enumeradas de 1 a 6 e com letras correspondentes do A até o F, como pode ser melhor identificado a partir do croqui da escavação (Prancha 1).

Os dados demonstram uma maior concentração de cerâmica no setor 6, com uma ampla distribuição entre as quadrículas. O setor 4, em contrapartida, apresenta sua maior concentração apenas na porção leste, representada pelas quadrículas b1 e c1.

Gráfico 8- Gráfico de densidade espacial dos artefatos



Fonte: ROCHA, 2022 (acervo do LAEP)

3.1.2 Tratamento Plástico

A cerâmica do sítio QCC apresenta 82,5% dos fragmentos com decoração simples – quando apenas um tipo de decoração foi aplicado na peça (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). A decoração sobreposta, contudo, apesar de ser só 17,5% da amostra, traz em sua maioria a combinação de tratamento plástico + apliques ou dois motivos distintos de tratamento plástico. O primeiro exemplo diz respeito a combinação do motivo “traços curvilíneos” e “apliques entalhados” (Figura 46). Enquanto a segunda imagem traz o exemplo da combinação de “traços incisos tipo pente” e “incisões curtas paralelas” (Figura 47).

Figura 46- Fragmentos com exemplo de tratamento plástico composto



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP)

Figura 47- Exemplo de fragmentos com tratamento plástico composto



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP)

Desde o início das análises, os traços incisos na cerâmica nos chamaram atenção. Em números, os fragmentos com tratamento plástico não são maioria (28,7% da amostra), mas os detalhes e variedades de motivos, além do caráter simbólico por trás dos traços nos encaminham para a realização de uma ficha separada para este item.

Dessa forma, agrupamos os motivos semelhantes, com o intuito de entender a quantidade de vezes que cada motivo apareceria. Embora os motivos pudessem variar em tamanho e forma, optamos por agrupá-los em grandes grupos, o que não significa que todos os fragmentos classificados como “curvilíneo”, por exemplo, apresentem traços idênticos. Além disso, acreditamos que as interpretações deste tópico podem variar a partir do olhar de cada pesquisador.

Tabela 4- Motivos decorativos para as cerâmicas do sítio QCC

Nome do motivo	Quantidade	Foto do fragmento
----------------	------------	-------------------

<p>1- Incisões curvilíneas multidimensionais;</p>	<p>81 peças (14,3%)</p>	
<p>2- Incisões em formato de círculos formando sequências de esferas;</p>	<p>48 peças (8,5%)</p>	
<p>3- Incisões longas em diagonal – tipo pente;</p>	<p>239 peças (42,1%)</p>	
<p>4- Incisões que se cruzam de forma geométrica como um losango;</p>	<p>27 peças (4,8%)</p>	
<p>5- Incisões curtas paralelas;</p>	<p>15 peças (2,6%)</p>	

6 - Aplique redondo;	7 peças (1,2%)	
7 – Incisões paralelas que se cruzam em formato de X;	25 peças (4,4%)	
8 – Asas com incisões entalhadas;	22 peças (3,9%)	
9- Incisões com carimbo;	10 peças (1,8%)	
10- Incisões curvas paralelas em formato de parábola;	9 peças (1,6%)	

<p>11-Incisões multidimensionais que se cruzam;</p>	<p>3 peças (0,5%)</p>	
<p>12- Incisões em formato de ziguezague;</p>	<p>22 peças (3,9%)</p>	
<p>13- Incisões com pequenos furos formando sulcos;</p>	<p>2 peças (0,4%)</p>	
<p>14- Incisões fundas como espatulado;</p>	<p>8 peças (1,4%)</p>	
<p>15- Traços incisos em formato de árvore;</p>	<p>2 peças (0,4%)</p>	

16- Incisões com impressão;	216 peças (38,0%)	
17- Pequeno alisamento – tipo rodo;	31 peças (5,5%)	
18 – Incisões ponteadas;	60 peças (10,6%)	
19- Incisões com marcas de dedos;	4 peças (0,7%)	
20- Incisões paralelas rasas como escovado;	86 peças (15,1%)	

21- Incisões em formato de coração;	2 peças (0,4%)	
-------------------------------------	---------------------------------	--

Assim, pudemos observar que o motivo mais recorrente na coleção foram as incisões em paralelo, possivelmente realizadas com o auxílio de um instrumento tipo pente. Muito comum em outros contextos de sítios históricos (SIMANSKY, 2010; MANFRINI, 2020), tais incisões se configuram em traços retos e idênticos. Outros motivos também são feitos a partir de instrumentos, no entanto, acreditamos que a materialidade destes não permita sua permanência no registro arqueológico.

É possível que as incisões curtas em paralelo, as incisões que se cruzam e as incisões em formato de losango também tenham sido feitas a partir de um instrumento tipo pente. Com o intuito de identificar traços parecidos e abarcar informações sobre os modos de fazer as incisões, optamos por contar os traços, ou melhor, os sulcos na cerâmica. Assim, identificamos padrões de incisões desde 1 traço até 28 traços (Figuras 48 e 49). A falta de instrumentos no registro e o caráter fragmentado da coleção não nos permite avançar em discussões.

Figura 48- Fragmento com incisões paralelas tipo pente com 16 traços



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 49- Fragmento com incisões paralelas tipo pente com 28 traços.



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Observando as duas figuras anteriores é possível perceber que se trata de dois instrumentos diferentes, levando em consideração a largura dos traços. No entanto, também é possível que o instrumento utilizado não tenha a quantidade de traços marcados, podendo ter sido passado pelo barro antes da queima por diversas vezes. Assim, as cerâmicas com 6 traços, por exemplo, podem ter sido feitas com um instrumento tipo um pente com três dentes, passando duas vezes pelo fragmento. Bem como os fragmentos com traços curvilíneos multidimensionais também podem ter sido feitos com um pente, onde o fabricante fazia movimentos com as mãos (Figura 50).

Figura 50- Fragmento com traços curvilíneos multidimensionais e pequenos alisamentos



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Há também, na coleção do sítio QCC, fragmentos com a junção de carimbos e traços incisos que formam pequenos quadrados, como um “jogo da velha” (Figura 51). O formato dos apliques/asas “entalhados” também nos chamou atenção pelo detalhe nos traços, possivelmente com o intuito de formar um motivo, congregando, mais uma vez, os conceitos de estilo e função (Figuras 52 a 55).

Figura 51- Fragmento com um carimbo tipo flor e traços incisivos formando pequenos quadrados



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 52- Fragmento com asa "entalhada"



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 53- Fragmento com exemplo de asa "entalhada"



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 54- Fragmento com exemplo de asa "entalhada"



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 55- Fragmentos com exemplos de asa "entalhada"



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Sobre os motivos em formato de X, percebe-se que alguns são linhas simples (Figura 56), e outros linhas paralelas que se cruzam (Figura 57). Estes padrões também foram encontrados em contexto de senzalas na região centro-oeste do país (SYMNASKI; HIROOKA, 2012).

Figura 56- Fragmento com incisões simples em formato de X



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 57- Fragmento com exemplo de incisões compostas formando um X



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Os motivos marcados como carimbados, são aqueles cujo motivo se assemelham à impressão realizada com algum tipo de molde, como um carimbo. Estes aparecem na amostra tanto em tamanhos significativos e com desenhos (Figuras 58 e 59), como também em traços abstratos e menores (Figura 60).

Figura 58- Fragmento com exemplo de motivo “carimbado”



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 59- Fragmento com exemplo do motivo “carimbado”



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 60- Fragmento com exemplo do motivo "carimbado"



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

3.1.3 Fragmentos impressos

Sobre a cerâmica moldada, vale ressaltar a técnica do tecido entre o molde e a argila (Figura 61), para que seja possível retirar a pré-forma posteriormente sem que a argila grude no molde. Tal técnica, muito utilizada em outros contextos mineiros (MACHADO, 2009), esteve presente em 73,2% dos fragmentos moldados. Com a recorrência de fragmentos com marca de tecido e por identificarmos que nem sempre se tratava de todo o pote, classificamos também como um tratamento plástico, a impressão. Entre as 568 peças com tratamento plástico, 216 apresentaram algum tipo de impressão com tecido, representando 38,0% da amostra.

Figura 61- Exemplo da utilização do tecido entre o molde e a argila



Fonte: MACHADO, 2009.

As discussões em torno destes fragmentos com impressão levam a um caminho onde técnica de manufatura e tratamento plástico se misturam pois, em alguns momentos, a impressão parecia ter um papel de motivo decorativo. Dessa forma, entendemos que ambos possam integrar concomitantemente a coleção, ora como técnica de manufatura, ora como tratamento de superfície.

Também recorrente em outros sítios históricos da cidade, como o sítio do Mercado Velho e da Copasa, a cerâmica impressa parece ser um traço regional comum no contexto estudado. A linha tênue entre técnica de manufatura e motivo decorativo se entrelaça com as discussões de estilo e função já vistas anteriormente (DIAS, 2002; SILVA, 2014).

Durante as escavações, encontramos no nível 4 um pedaço de tecido semelhante ao usado nas impressões (Figura 62). Realizamos análises em microscópio⁶ e em lupa de aumento no intuito de melhor visualizar a trama do tecido e compará-la com as impressões na argila.

⁶ Análises realizadas no Laboratório de Paleontologia do CEGEO/UFVJM com auxílio da Profa. Dra. Evelyn Sanchez Bizan, em março de 2022.

Além disso, pudemos identificar e comparar os minerais encontrados no pano, os minerais encontrados no sedimento do sítio e os minerais recorrentes na cerâmica analisada.

Figura 62- Tecido resgatado do nível 4 e porção do sedimento do nível 4 do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP)

A recorrência dos mesmos minerais como a predominância do quartzo pode significar que a cerâmica foi produzida no próprio sítio e, além disso, a forma dos grãos de quartzo em formato poligonal indica que possivelmente o mineral não foi transportado, pois não sofreu desgaste. Para corroborar com nossa hipótese que o tecido poderia ter sido utilizado nos fragmentos analisados, optamos por imprimir a trama em massinha de modelar, com o objetivo de comparar a impressão na massinha com a impressão na cerâmica.

Tentamos reproduzir na massinha os possíveis gestos de impressão na argila ainda maleável, antes da queima. Utilizamos um rolo para pressionar, plástico filme para não contaminar o tecido e massinha de diversas cores e tamanhos. O resultado foi uma impressão muito parecida com a impressão em algumas cerâmicas, não obstante, identificamos que o tamanho da trama variava, o que pode ser um indício do uso de variados tecidos pelos fabricantes (Figuras 63 e 64).

Figura 63- Massinha de modelar após impressão com tecido resgatado do nível 4 do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 64- Massinha de modelar após impressão e tecido resgatado do nível 4 do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo LAEP).

A partir de uma escala de 0,65mm, aumentamos em 10 vezes na lupa com o intuito de comparar as amostras. Identificamos que o tecido deixou impressões na massinha que variaram de 5cm a 8cm, enquanto as impressões na cerâmica giraram em torno de 3cm a 8cm. Objetivamente, o tecido em amostra pode ter sido utilizado na fabricação de artefatos

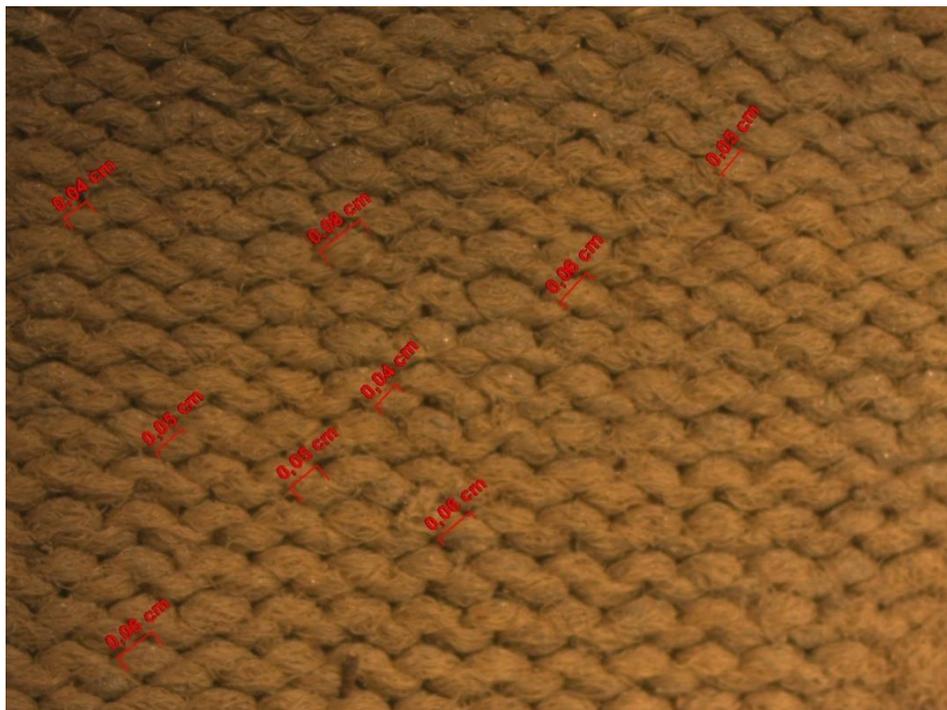
cerâmicos, mas os fabricantes não usavam apenas um único tipo de tecido (Figuras 65, 66 e 67).

Figura 65- Fragmento cerâmico na lupa de aumento com escala



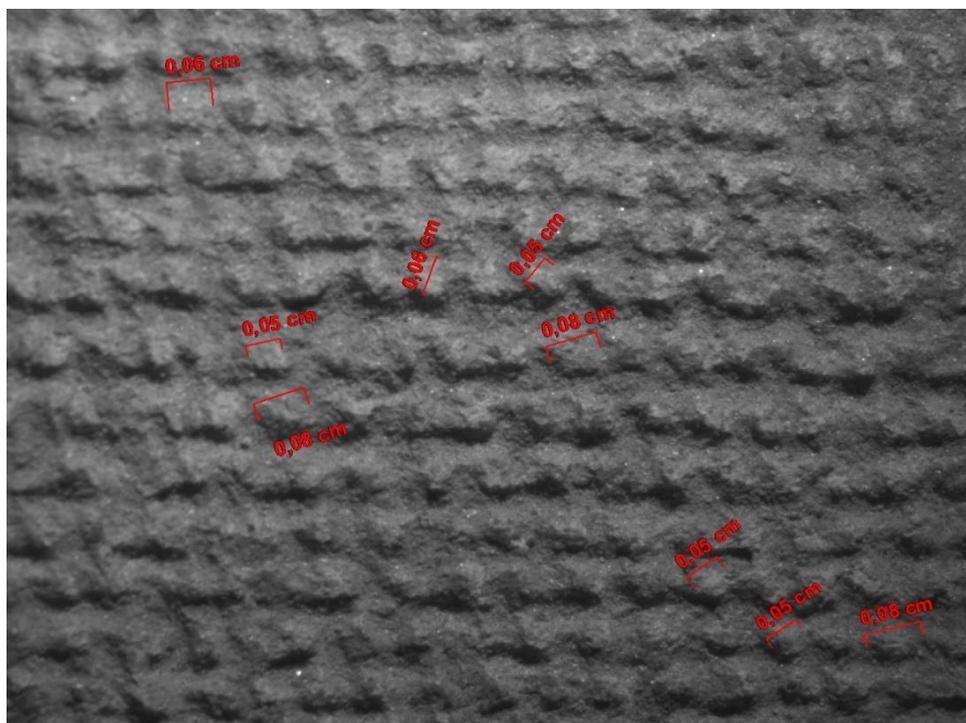
Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 66- Trama do tecido na lupa de aumento com escala



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 67- Trama da massinha pós impressão com tecido visualizada na lupa de aumento com escala



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

3.1.4 Comparação inter-sítios

Os artefatos escavados da praça do Mercado Velho e da praça do Largo Dom João (Copasa), ambos sítios históricos de Diamantina, também se encontram sob salvaguarda do LAEP. O tempo em laboratório não nos permitiu análises mais detalhadas do acervo, no entanto, pudemos observar traços semelhantes entre as cerâmicas destes contextos.

No que concerne aos artefatos do Mercado Velho, antigo ponto de encontro de tropeiros entre os séculos XVIII e XIX, por onde circulavam dezenas de escravizados todos os dias (MARTINS, 2014), trata-se de fragmentos em tamanhos maiores, com possível inferência de forma e uso. As escavações não foram realizadas por arqueólogos e os artefatos perderam o contexto estratigráfico, no entanto, trata-se de uma coleção ligada ao consumo de alimentos, com base de cuscuzeiro, panelas com fuligem e pratos (Figuras 68 e 69).

Figura 68- Fragmento de um prato escavado da praça do Mercado Velho, centro de Diamantina



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 69- Foco no motivo impresso do fragmento escavado do Mercado Velho, centro de Diamantina



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Os fragmentos procedentes da praça do Largo Dom João, escavado em 2011, também chamam atenção pela quantidade de peças com impressão. Neste caso, os fragmentos apresentam uma trama de tecido mais fina e, por se tratarem de peças com tamanhos maiores é

possível visualizar que o tecido não foi utilizado em toda peça, apenas em espaços específicos (Figuras 70 e 71).

Figura 70- Fragmento com motivo impresso escavado do Largo Dom João em Diamantina, MG.



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 71- Conjunto de fragmentos escavados do Largo Dom João em Diamantina, MG.



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Além dos dois sítios citados, o laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP), recebeu uma doação de cerâmicas produzidas por ceramistas da região. Trata-se de uma coleção etnográfica, muito comum em quilombos e festivais do Vale do Jequitinhonha. A coleção é composta por peças inteiras como potes e panelas e, ainda, bonecas de barro. Embora a falta de documentação não nos permita avançar nas discussões, os motivos decorativos presentes nestas cerâmicas muito se assemelham com os motivos da cerâmica do quintal da casa de Chica da Silva (Figura 72).

A coloração enegrecida, muito comum em ambos os sítios também chamou atenção. O contato com uma coleção recente e etnográfica muito pode contribuir no entendimento dos processos de fabricação e uso das cerâmicas escavadas na cidade de Diamantina. Acreditamos que traços tecnológicos e simbólicos presentes na cerâmica do sítio QCC podem ter continuidade nas fabricações recentes da região.

Figura 72- Vasilhame da cerâmica etnográfica presente no LAEP



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Os traços curvilíneos e as bordas extrovertidas presentes no referido artefato foram frequentemente encontrados no acervo escavado do sítio QCC. Além disso, no pote inteiro, é possível visualizar as marcas dos dedos do fabricante indicando o tipo de manufatura (Figura 73).

Figura 73- Vasilhame etnográfico com furos na parte inferior do pote e traços incisos



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Os furos no fundo da peça também pode estar relacionados ao artefato utilizado como cuscuzeiro, facilitando a entrada de vapor na cocção de alimentos. As marcas da argila escovada com o auxílio de algo parecido com um pente também se mostrou muito recorrente nos fragmentos aqui analisados (15,1% da amostra com tratamento plástico). Os motivos curvilíneos e a borda arredondada, como o exemplo da imagem a seguir, também faz parte dos fragmentos encontrados no acervo estudado, corroborando com a comparação para com a cerâmica etnográfica (Figura 74).

Figura 74- Vasilhame da coleção etnográfica com bordas arredondadas e motivos em ziguezague



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

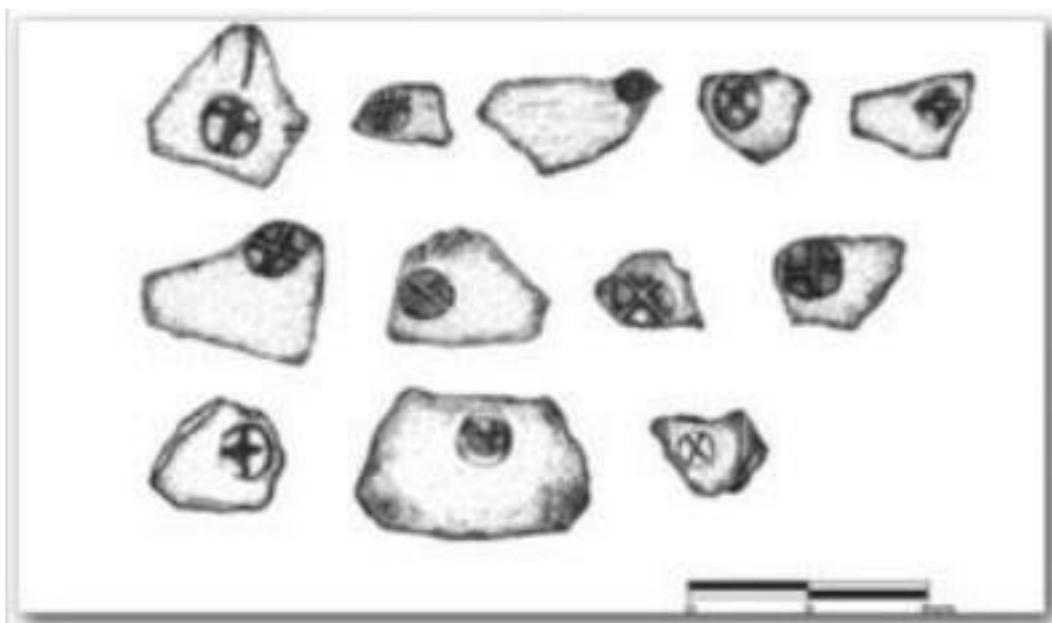
3.1.5 Motivos decorativos em outros contextos

Compreendemos a confluência de motivos decorativos entre as cerâmicas como prática de persistência e continuidades. Entendendo-a como veículo de informação, capaz de (re)produzir práticas simbólicas, podemos compará-la com outros contextos, bem como fazer relações entre os grupos produtores e/ou usuários escravizados em outros estados. A recorrência de motivos como incisos losangulares, curvilíneo, apliques com decorações, asas entalhadas, ziguezague e cruces, muito nos chamaram atenção. Os questionamento em torno dos traços incisos no barro giram em torno de identificar práticas associadas a estes motivos. São padrões recorrentes de cerâmicas portuguesas, indígenas e/ou africanas? Ou ainda, será a cerâmica da Casa da Chica um exemplo do hibridismo dos povos que formavam a Diamantina colonial?

O uso de motivos losangulares, por exemplo, é comumente associado a práticas africanas. Em sua pesquisa, Symanski (2007) afirma que para o caso do sítio estudado por ele, a mais clara evidência da manutenção de crenças de base africanas são os signos cruciformes incisos em apliques circulares presentes nos vasilhames cerâmicos (Figuras 75 e 76). Segundo o autor, essa representação de uma cruz e/ou um asterisco, dentro de um círculo tem sido associada com um cosmograma Bacongo por diversos arqueólogos que trabalham em contextos

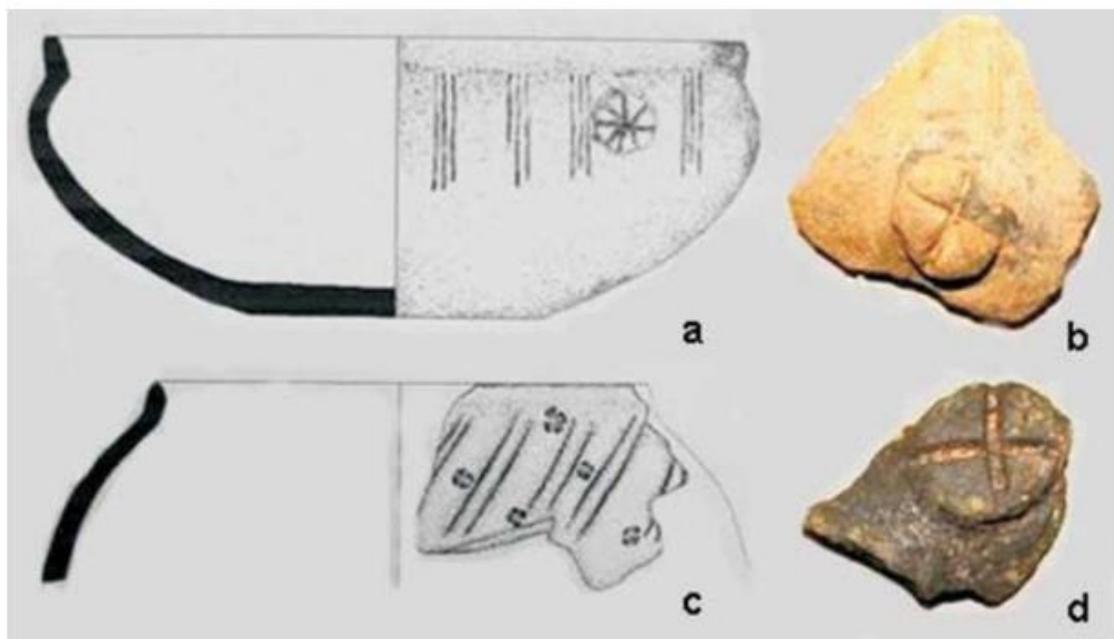
afro-americanos. Estes motivos, recorrente em outros sítios históricos do país associados ao contexto escravocrata (MANFRINI, 2020; AZEVEDO, 2019), estão presentes na amostra do Quintal da Casa de Chica da Silva (Figuras 77 à 79).

Figura 75- Apliques com cruz incisa, associadas a comunidades Bakongo



Fonte: SYMANSKI, 2007.

Figura 76- Representações do cosmograma bacongo na cerâmica localmente produzida na Chapada dos Guimarães: a) Engenho Rio da Casca (d.m. 1836); b) Engenho Água Fria (d.m. 1840); c) Engenho do Quilombo (d.m. 1853); d) Tapera do Pingador (terceiro quartel do século XII).



Fonte: SYMANSKI, 2007.

Figura 77- Fragmento escavado do sítio QCC com applique semelhante ao cosmograma Bacongo



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP)

Figura 78- Fragmento escavado do sítio QCC com applique semelhante ao cosmograma Bacongo



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP)

Figura 79- Fragmento escavado do sítio QCC com applique semelhante ao cosmograma Bacongo

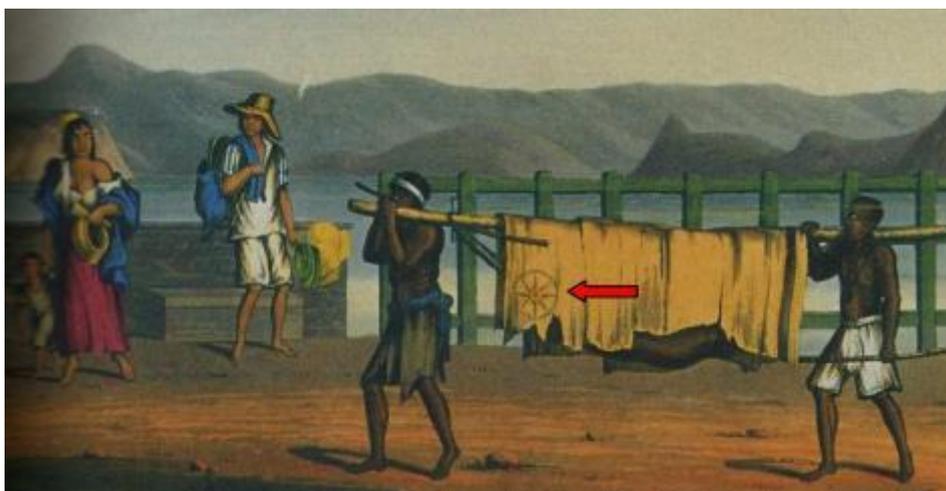


Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Outras associações destes signos como referenciais africanos ou afro-brasileiros podem ser feitas, como o motivo de estrela ou sol (Figura 80) que muito se assemelha ao

símbolo impresso no tecido que cobre um escravo morto, tal como retratado por Henry Chamberlain (AGOSTINI, 2011).

Figura 80- - O Funeral de um Negro de Henry Chamberlain, século XIX

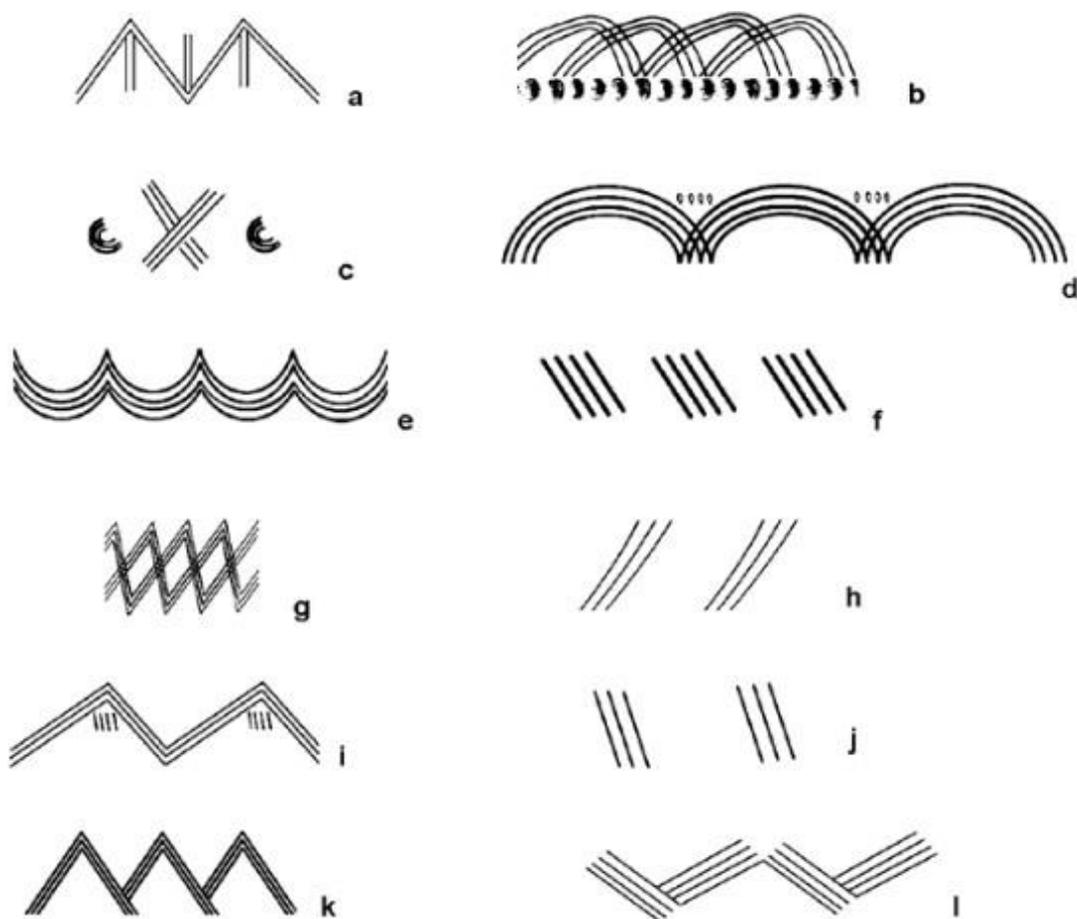


Fonte: AGOSTINI, 2011.

Seguindo este mesmo caminho, as cerâmicas analisadas por Symanski e Hirooka (2013), em uma comunidade escravizada no Mato Grosso, também predominaram os motivos em ziguezague, produzidos em incisões duplas, tripas e quadruplas, e ainda motivos ondulados em arco. Segundo estes autores, muitos desses padrões, também encontrados nos fragmentos analisados, são idênticos ou muito similares a padrões decorativos incisos registrados nos vasilhames cerâmicos das populações tradicionais da República Democrática do Congo. Tais inferências podem apontar para influências culturais entre os grupos africanos e a cultura material estudada.

Outro ponto em comum entre os artefatos analisados pelos referidos autores e a cerâmica da casa da Chica são os padrões semelhantes às escarificações. É o caso, por exemplo, do motivo denominado pelos autores como semi-círculos concêntricos (Figura 81C), identificado como um motivo comum entre os Macua de Moçambique, embora também ocorra entre os grupos Lunda do Leste de Angola. Agostini (2011), verificou ainda, a presença destes sinais em vasilhames cerâmicos do sítio São Francisco, uma unidade rural do século XIX localizada no interior de São Paulo (SYMANSKI; HIROOKA, 2013. AGOSTINI, 2011).

Figura 81- Motivos recorrentes na cerâmica de uma comunidade escravizada do Mato Grosso (SYMANSKI, 2013)



Fonte: SYMANSKI, 2013.

Na coleção cerâmica do quintal da casa de Chica da Silva é possível identificar padrões semelhantes em alguns dos fragmentos analisados, como os traços incisos paralelos e os traços que se cruzam em formato de X, conforme as seguintes figuras (Figuras 82, 83 e 84).

Figura 82- Traços incisos em diagonal em fragmento do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 83- Fragmentos com traços que se cruzam na cerâmica do sítio QCC



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 84- Fragmento com traços que se cruzam formando um X na cerâmica do sítio QCC, semelhante ao padrão visto na figura 80G



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 85- Fragmento com incisões paralelas triplas como a figura 80 J

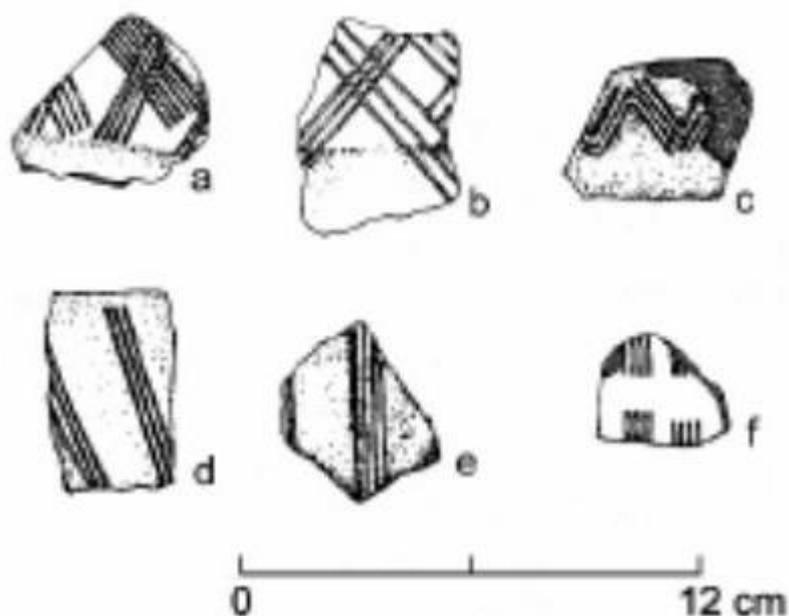


Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

É possível inferir, também, para a presente pesquisa, um contexto muito semelhante ao identificado por Souza (2000) para a região de Ouro Fino, em Goiás. Naquela região, o autor ressaltou a grande influência do barroco (como discutido para os cachimbos). A semelhança de Ouro Fino com a região de Diamantina, por ambas terem sido urbanizadas devido à atividade mineradora, nos permite estabelecer certas proximidades nos contextos social e cultural, tendo como foco a semelhança entre os cachimbos presentes nessas distintas áreas.

Souza (2000) identificou para o contexto goiano táticas usadas na reprodução de elementos decorativos associados a matrizes africanas. Analisando utensílios cerâmicos destinados para hábitos alimentares, o autor identificou possíveis reproduções de elementos africanos, os quais seriam representados nesses objetos com decoração incisa e de motivos geométricos. Para Souza (2000, p. 73): Os padrões de geométricos em ziguezague encontrados em Ouro Fino e que, muitas vezes, dão origem a losangos, são encontrados na cerâmica de Mali e, com algumas variações, na Nigéria Central. Padrões identificados pelo autor para a cerâmica utilitária no contexto de Ouro Fino pode ser visto na representação a seguir (Figura 86).

Figura 86- Padrões decorativos na cerâmica utilitária de Ouro Fino.

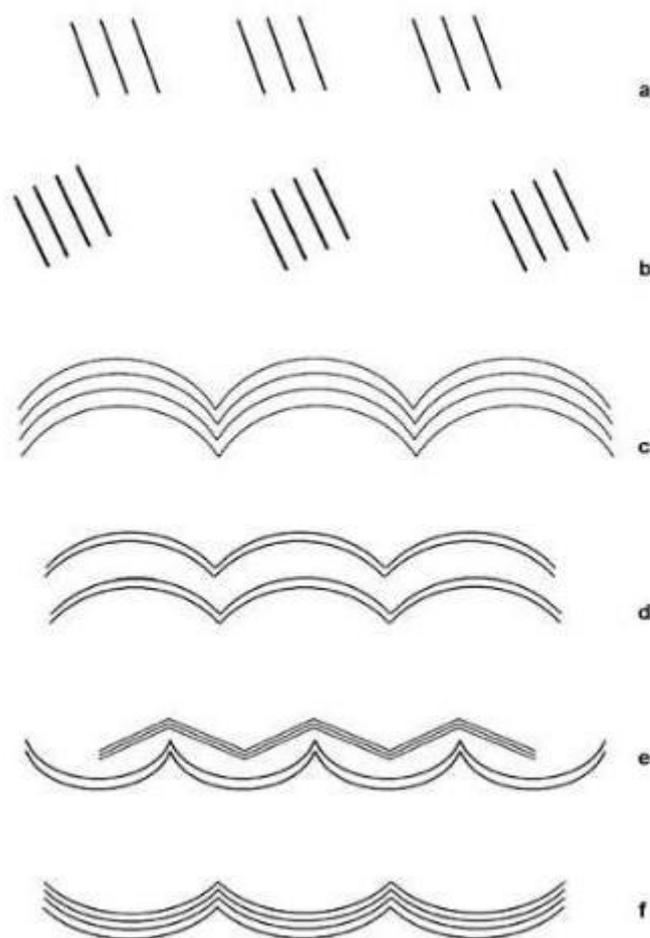


Fonte: SOUZA, 2000.

As incisões em linhas retas paralelas triplas e quadrúplas também são significativas, no sentido que se assemelham a padrões muito comuns entre os grupos Yoruba da Nigéria e do Benin (Figura 87). Estes foram traços, foram descritos por viajantes que visitaram o Brasil no

século XIX, como característicos dos escravizados Mina e Nagô. Vasilhames com esses padrões foram encontrados em diversos contextos como na Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, no Arraial de Ouro Fino, em Goiás, em sítios históricos em São Paulo e, agora, no quintal da casa de Chica da Silva, em Diamantina, Minas Gerais (Figura 88) (SOUZA; AGOSTINI, 2012. SYMANSKI; HIROOKA, 2013; MANFRINI, 2020; AGOSTINI, 2011).

Figura 87- Motivos encontrados na cerâmica de uma comunidade escrava em Mato Grosso (SYMANSKI; HIROOKA, 2013)



Fonte: SYMANSKI; HIROOKA, 2013.

Figura 88- Fragmento do sítio QCC com motivo semelhante ao da figura 82C



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

De acordo com Souza e Agostini (2012), a reprodução deste signo na cerâmica pode ter sido um forte apelo para africanos, atuando como reprodução de signos simbólicos, servindo para criar e reforçar novos laços culturais e sociais no contexto brasileiro. Estes traços também foram comparados com escarificações nos grupos Monjolos, que ocuparam a região Monsol, no reino Tio (KARASCH, 2000 *apud.* SYMANSKI; HIROOKA, 2013). Os Monjolos foram descritos no Rio de Janeiro por Charles Wilkes em 1838, retratados com escarificações em linhas paralelas nas bochechas e nas laterais da testa (Figura 89) (SYMANSKI; HIROOKA, 2013).

Figura 89- A imagem da esquerda representa um escravo da nação Monjolo retratado por Wilkes (1838) enquanto a imagem da direita é um fragmento cerâmico da canal roda da água



Fonte: SYMANSKI; HIROOKA, 2013.

Figura 90- Escravizado com marcas de escarificações na pele, foto de Cristiano Jr. Segunda metade do século XIX



Fonte: Acervo Nacional *apud* AGOSTINI, 2011.

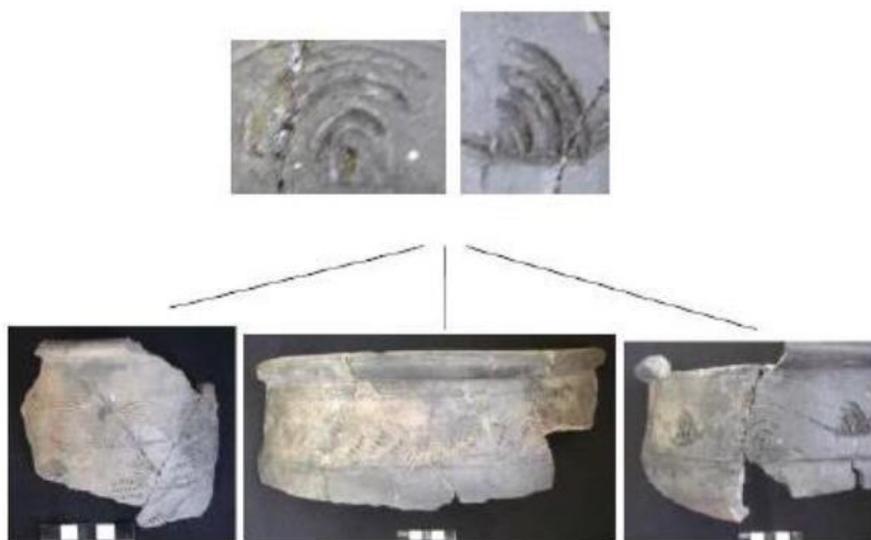
Estes desenhos na pele, as chamadas escarificações, compartilhados por muitos cativos, foram também encontrados marcados na cultura material, o que auxilia a hipótese das relações entre etnicidade, símbolos de identidade e os desenhos em cerâmicas e cachimbos (AGOSTINI, 2011). De acordo com Symanski e Hirooka(2013), a reprodução, nos vasilhames cerâmicos do sítio pesquisado por ele (Engenho Bom Jardim), de signos comuns entre grupos que mantinham referenciais culturais altamente diferenciados, pode ter atuado como um referencial de significação de identidades.

É fato que o contexto de engenho estudado pelo referido autor é diferente do quintal de uma residência urbana analisado nesta pesquisa. No entanto, é possível visualizar na cultura material marcas semelhantes em ambos, o que pode ser um indício de comunidades vindas do mesmo aporte cultural tanto no estado de Mato Grosso como em Minas Gerais. Um outro ponto relevante diz respeito à identificação conceitual dos vasilhames cerâmicos com os corpos humanos, visto que é comum em mitos africanos os seres humanos serem criados a partir de vasilhames cerâmicos. Assim, é possível visualizar os mesmos tipos de tratamentos dados aos

corpos humanos, nos vasilhames cerâmicos como, por exemplo, decorá-los com tatuagens e escarificações e, ainda, atribuir partes ao corpo humano visando especificar gênero, masculino e feminino, como veremos detalhadamente nos cachimbos do sítio QCC (DAVID *et al*, 1988; GOSSELAIN, 1999; SYMANSKI; HIROOKA, 2013).

Alguns tipos de escarificações também são comuns em contextos indígenas. Todavia, as comparações estão sendo feitas a partir de dois contextos de artefatos associados ao contingente escravista, como os sítios Engenho Bom Jardim e Chapada dos Guimarães (SYMANSKI, 2010; SYMANSKI; HIROOKA, 2013) e o sítio São Francisco, pesquisado pela arqueóloga Camilla Agostini em 2008 (Figura 91). Dessa forma, é possível inferir relação entre os artefatos analisados nos referidos sítios e os fragmentos cerâmicos do quintal da casa de Chica da Silva (Figura 92).

Figura 91- Decoração presente nos vasilhames cerâmicos do Sítio São Francisco associado a escarificações



Fonte: AGOSTINI, 2008.

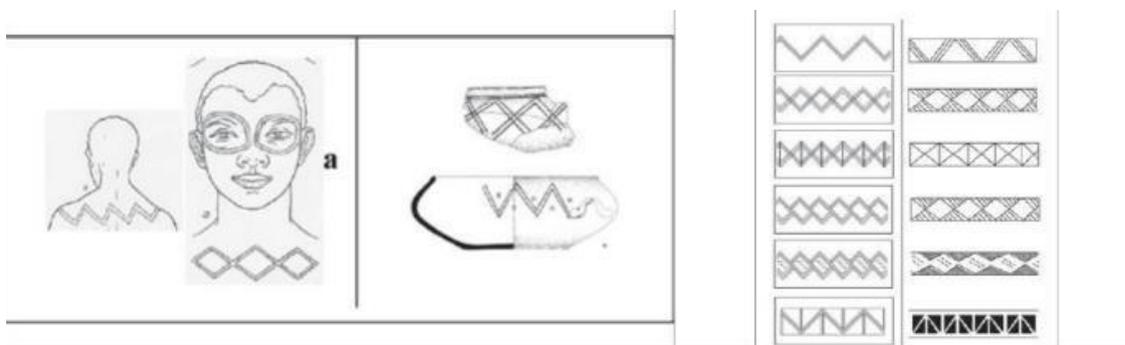
Figura 92- Fragmento do sítio QCC com motivos semelhantes às escarificações



Fonte: BECHELENI, 2022 (acervo do LAEP).

Outros motivos comparados com escarificações são os trazidos por Symanski (2010), a partir de traços losangulares tanto em marcas corporais de africanos como nas cerâmicas analisadas pelo autor (Figura 93). Motivos semelhantes também foram encontrados nos fragmentos de cerâmica do quintal da casa de Chica da Silva (sítio QCC), ressaltando, mais uma vez, o caráter de reprodução cultura da referida cerâmica (Figuras 94, 95 e 96).

Figura 93- Motivos losangulares em cerâmicas e escarificações corporais entre os Ovimbundu da África Central



Fonte: SYMANSKI, 2010

Figura 94- Fragmento do sítio QCC com traços losangulares semelhantes às escarificações



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 95- Fragmento do sítio QCC com traços losangulares semelhantes às escarificações



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 96- Fragmento do sítio QCC com traços curvilíneos semelhantes aos encontrados por Symanski (2010)



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Conforme discutido nos capítulos anteriores, acreditamos que tais motivos incisos na cerâmica são representativos da agência dos grupos que a produziram e/ou utilizaram. Neste sentido, os fragmentos cerâmicos atuaram como veículo de informações, construindo e (re)produzindo memórias, sistemas de crença e sentimentos.

Tais demonstrações simbólicas são um caráter convidativo que esta pesquisa não seja um fim em si mesma. A divulgação de estudos referentes a coleção cerâmica do sítio QCC tem o intuito de iniciar um caminho que não se encerra aqui. Todavia, a partir das análises realizadas, pudemos traçar e trazer os resultados do perfil técnico da referida cerâmica.

Trata-se, portanto, de uma cerâmica composta por técnicas de manufatura variadas, onde diferentes instrumentos foram utilizados e, conseqüentemente, diversos também seriam os usos destes vasilhames. Sobre a matéria-prima e, mais especificamente, os antiplásticos, notamos a prevalência do mineral quartzo. Os fragmentos apresentam uma pasta fina, composta por poucos antiplásticos observáveis a olho nu.

As bordas apresentam em sua maioria forma direta e lábios planos e arredondado, enquanto as cores da pasta variaram entre cinzas e enegrecidas. A atmosfera de queima é majoritariamente oxidante, representada por núcleos claros e homogêneos. Há a presença de

diversos tratamentos de superfície como engobo, alisamento, decoração cromática, banho e tratamento plástico. Sobre este último, impressiona a variedade e detalhamento dos motivos encontrados. Sobre o uso, não foi possível reconstruir os vasilhames, no entanto, a quantidade de fuligem entre os fragmentos pode indicar o uso relacionado a cocção de alimentos.

3.2 Análises e resultados para os cachimbos

A escavação do sítio QCC trouxe à tona 104 fragmentos de cachimbos. No entanto, excluímos das análises os fragmentos menores de 20mm, restando uma amostra de 87 fragmentos analisados. Optamos por este recorte pela dificuldade em identificar os motivos decorativos e as técnicas de manufatura em fragmentos menores de 20mm. No que concerne a estratigrafia, foram resgatados cachimbos de diversos níveis e quadrículas.

Sobre o processo de fabricação, pudemos observar que a maioria dos cachimbos (66,7%) foram moldados, enquanto 33,3% foram modelados (vide quadro 7). A costura entre as duas partes do molde e a quebra linear nos ajudou a visualizar a predominância dos cachimbos fabricados a partir de um molde. Dessa forma, predomina-se a técnica de manufatura moldada.

Quadro 7- Técnicas de manufatura dos cachimbos

Moldado	66,7%
Modelado	33,3%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Apesar do caráter fragmentado da coleção, foi possível identificar de qual parte de um cachimbo se tratava todas as peças analisadas. Assim, na escavação do quintal da casa da Chica da Silva foram resgatados 62,5% de forninhos; 3,1% de cachimbos completos; 17,2% de porta boquilha; 3,1% pedúnculo; 12,5% de porta boquilha e parte do pedúnculo e 1,6% de porta boquilha e parte do forninho (quadro 8). Acreditamos que a maioria das boquilhas eram feitas de madeira, por isso sua ausência no registro arqueológico.

Quadro 8 - Partes de um cachimbo

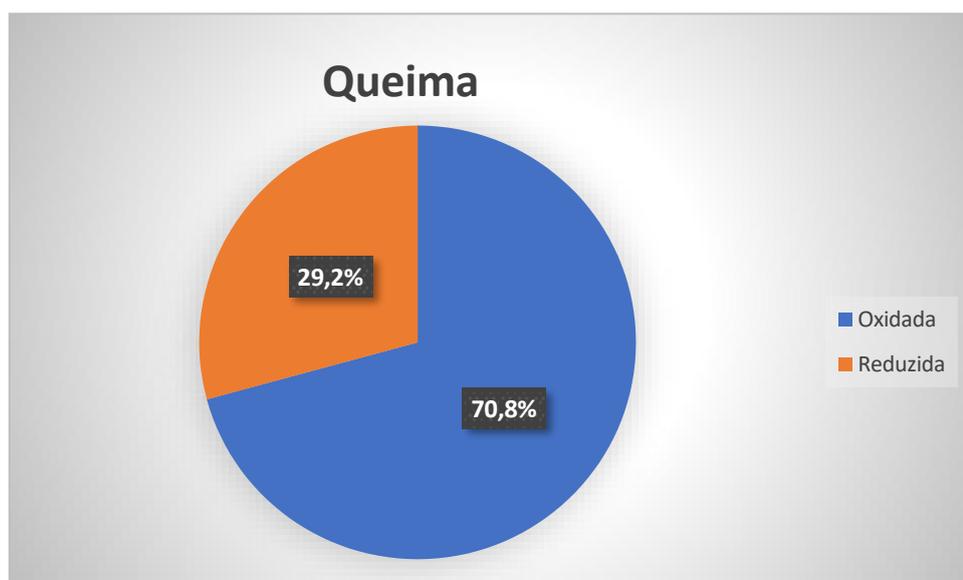
Completo	3,1%
-----------------	------

Fornilho	62,5%
Porta boquilha	17,2%
Pedúnculo	3,1%
Porta boquilha e parte do pedúnculo	12,5%
Porta boquilha e parte do fornilho	1,6%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Classificamos a atmosfera de queima para os cachimbos em oxidada e reduzida, conforme temperatura da queima. Assim, pudemos notar que 70,8% dos fragmentos de cachimbos apresentam queima oxidada, enquanto 29,2% apresentam queima reduzida.

Gráfico 9- Atmosfera de queima para os cachimbos



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Os fragmentos de cachimbos analisados tiveram o registro de um tamanho máximo e um tamanho mínimo com o auxílio de um paquímetro. Assim, pudemos observar o tamanho médio a partir da quantidade de fragmentos em cada escala de tamanho.

Quadro 9- Tamanho máximo e tamanho mínimo para os cachimbos

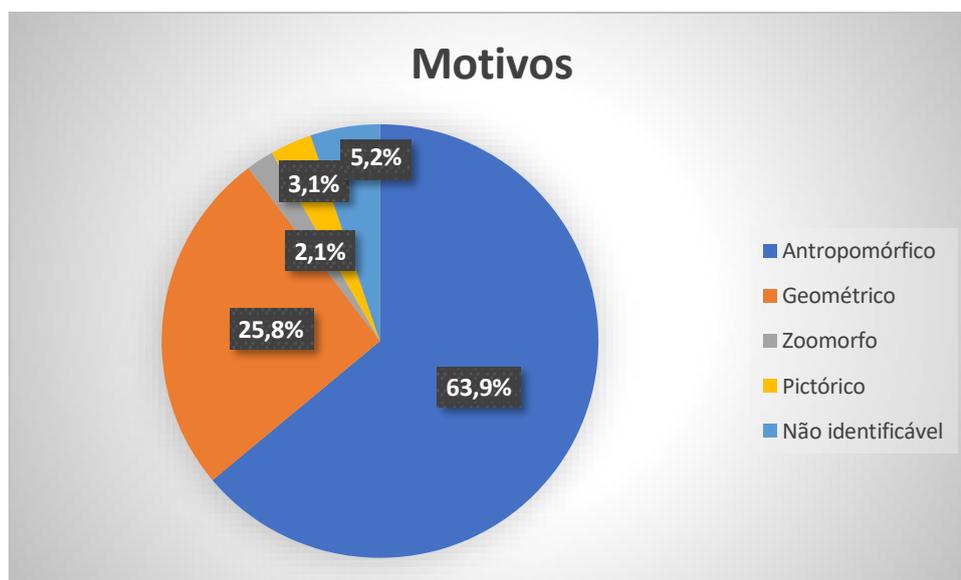
Fragmentos de 20 a 24mm	33,5%
Fragmentos de 25 a 30mm	41,1%
Fragmentos de 30 a 45mm	14,4%
Fragmentos >45mm	11,0%

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

No que concerne ao tratamento de superfície, notamos que 92,2% dos fragmentos analisados apresentam superfície alisada e tratamento plástico, enquanto apenas 8,8% possuem unicamente a técnica do alisamento.

Os motivos decorativos e os formatos de cada um dos cachimbos foram classificados conforme a tabela exposta no capítulo 01. No entanto, nossa coleção apresentou novos motivos, o que nos fez pensar na montagem do quadro a seguir. A maior parte dos artefatos apresentam motivos antropomorfos, seguindo dos traços geométricos, outros símbolos e um cachimbo em forma de falo. Além disso, chamou atenção a presença de seios e coroas em alguns traços antropomorfos, corroborando com o caráter de diferenciação de gêneros da coleção.

Gráfico 10- Motivos decorativos para os cachimbos



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Os motivos antropomórficos apresentam maioria na coleção. Vale ressaltar que agrupamos o cachimbo fálico neste tópico, pela representação de uma parte do corpo humano. Sobre ele, é fato que foi fabricado a partir de um molde, no entanto, não encontramos outros

registros de cachimbos com a mesma forma de um falo (e o porta boquilha representando um pênis), em nenhum outro sítio arqueológico ou referências bibliográficas. Além disso, também não temos registros do molde utilizado, possivelmente pela fragilidade da matéria prima.

Tabela 5- Motivos decorativos para os cachimbos do sítio QCC

<p>Formato fálico com traços incisos</p>	
<p>Traços antropomorfos com coroa e seios</p>	

<p>Antropomorfos</p>	
<p>Enegrecido com traços geométricos</p>	
<p>Sequência de esferas</p>	

<p>Outros símbolos</p>	
<p>Traços geométricos no porta boquilha</p>	

<p>Linhas paralelas verticais na parte superior do forninho e conjunto de círculos concêntricos.</p>	 <p>A terracotta fragment, likely a fragment of a furnace (forninho), showing vertical parallel lines on the upper part and a set of concentric circles below. A scale bar below the fragment indicates 0, 1, and 2 cm.</p>
<p>Cachimbo com traços triangulares e decoração cromática.</p>	 <p>A terracotta fragment, possibly a chimney (cachimbo), featuring triangular marks and chromatic decoration. A scale bar below the fragment indicates 0, 1, and 2 cm.</p>
<p>Pequenas esferas que se juntam formando algo como um rosto, associado a seres mitológicos.</p>	 <p>A terracotta fragment featuring small spheres that form a face-like shape, associated with mythological beings. A scale bar below the fragment indicates 0, 1, and 2 cm.</p>

Os resultados das análises dos cachimbos congregam para formas e estilos distintos. As presenças predominantes de motivos no tratamento plástico das peças corroboram com nossa ideia de entendê-los como veículos de informações, capazes de transmitirem ideias, culturas e sentimentos dos seus produtores e/ou usuários.

A predominância da manufatura moldada pode indicar uma relação destes cachimbos com a comercialização, levando em consideração que o molde facilita a produção, ampliando a possibilidade de serem feitos por pessoas não especializadas (AGOSTINI, 2018). Coelho (2012, p. 138) afirma em seu estudo que a “ [...]baixíssima reprodução de elementos decorativos, [sugere] que o sítio [pesquisado por ele] não se configurava como uma área produtora de cachimbos, mas como uma área que congregava indivíduos que portavam cachimbos”, especialmente se pensarmos que são artefatos de fácil transporte (*apud* BORBA, 2014, p. 56).

Podemos pensar ainda que o quintal da casa de Chica da Silva podia ser um, ou estar situado próximo a um centro de produção de cachimbos, se pensarmos na significativa quantidade e altíssima reprodução de motivos. Todavia, não podemos esquecer que os cachimbos também poderiam ser produzidos em pequenas escalas, com cada pessoa produzindo seu próprio cachimbo, aumentando ainda mais seu caráter identitário. A julgar pelas evidências materiais, historiográficas e iconográficas, os cachimbos parecem acompanhar seus usuários por todo tempo tendo, inclusive, um pedúnculo (também chamado de barbela), para facilitar seu transporte junto ao corpo.

Dessa forma, o perfil técnico dos cachimbos do quintal da casa de Chica da Silva refere-se a artefatos de tamanhos medianos, variando em uma média de 35mm, possuindo 2 cachimbos completos na coleção. As cores giram em torno de enegrecidos e marrom claros. A queima é predominantemente oxidada, como as cerâmicas do referido sítio. A grande maioria apresenta tratamento de superfície alisada + tratamento plástico, tendo um único cachimbo com uma decoração cromática em cor vermelha.

Sobre o tratamento plástico, agrupamos em 4 diferentes motivos: antropomorfos, geométricos, pictóricos e zoomorfos. A variedade de motivos chama atenção, de forma que até os fragmentos bem pequenos apresentam algum tipo de traço inciso (Figuras 97 e 98).

Figura 97- Fragmento cerâmico com tratamento plástico no porta-boquilha



Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

Figura 98- Fragmento de cachimbo com motivo antropomorfo



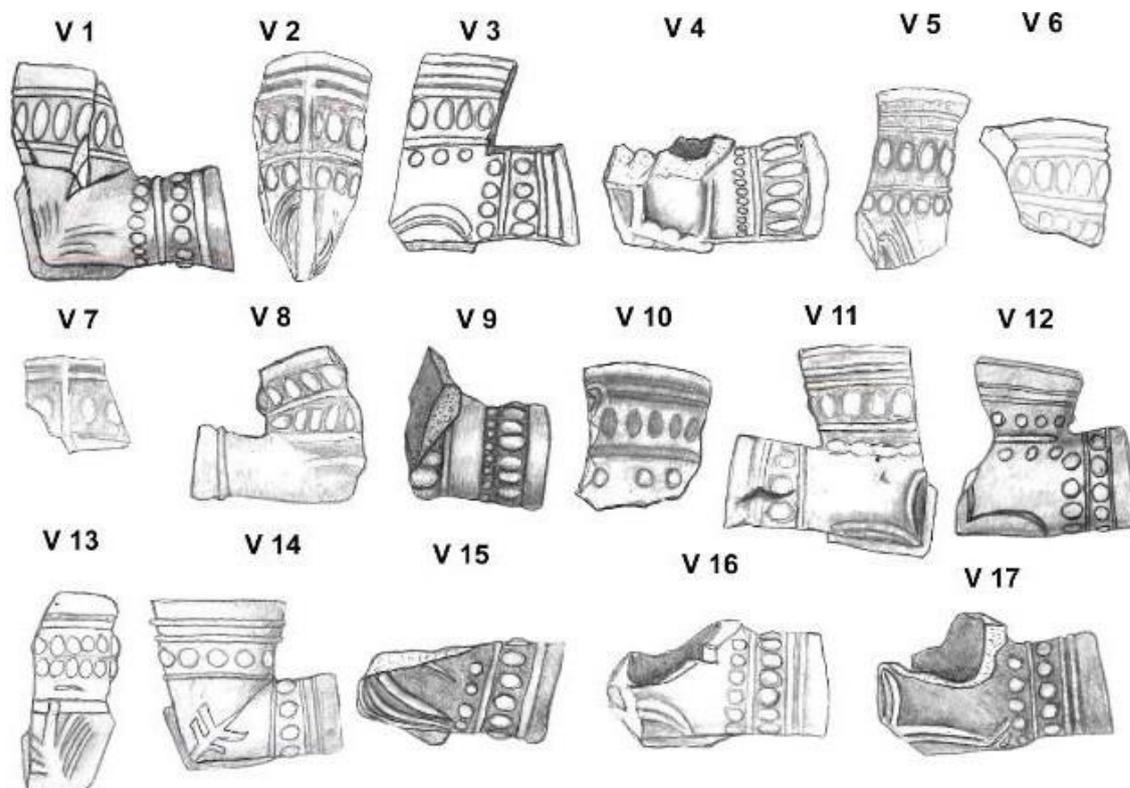
Fonte: LIMA, 2022 (acervo do LAEP).

3.2.1. Cachimbos semelhantes em outros contextos

É preciso cautela ao realizar comparações entre cultura material em contextos distintos. Todavia, imagens de cachimbos em barro em outros sítios arqueológicos podem nos ajudar a compreender o universo de motivos decorativos encontrados no quintal da casa de Chica da Silva. Assim, este tópico pretende apresentar alguns outros cachimbos estudados no Brasil.

Em recente trabalho publicado, Tania Andrade Lima e Marcos Souza (2022), apresentam um esboço dos cachimbos encontrados no cais do Valongo, importante porto de recebimento de escravizados no Rio de Janeiro. Segundo os referidos autores, a exuberante decoração dos cachimbos capturava a atenção de quem os via, em um jogo social entre culturas africanas e europeias, em um contexto diásporico. Estes cachimbos, representados pelos desenhos (Figura 99), apresentam sequência de esferas e características peroladas, encontradas também no sítio QCC.

Figura 99- Recorte de desenhos dos cachimbo do Cais do Valongo (Henrique Vences, 2022)



Fonte: LIMA; SOUZA, 2022.

Ainda para o Rio de Janeiro, Coelho (2012), identificou um padrão de cachimbo com linhas formando um X, bem parecido com os traços tratados para a cerâmica no tópico 3.1.3 deste capítulo. Estes foram resgatados, especificamente, do Vale do Macacu, no entorno da baía de Guanabara (Figura 100).

Figura 100- Fragmento de cachimbo com tratamento plástico em forma de X



Fonte: COELHO, 2012,

Ainda sobre o sítio Macau, Agostini (2008), apresenta cachimbos com traços geométricos tais como as sequências de esferas e as incisões paralelas, características dos cachimbos tidos como barrocos (Figura 101).

Figura 101- Cachimbos associados a elementos barrocos, oriundos do sítio Macau, Rio de Janeiro



Fonte: AGOSTINI, 2008.

Para o contexto da Bahia, podemos destacar os cachimbos escavados da praça da Sé, em Salvador, analisados por Barros (2010). Estes apresentam um exemplar com traços formando um X (Figura 102), bem parecidos com a cerâmica do cosmograma Bacongo analisadas por Symanski (2010).

Figura 102- Fragmentos de cachimbos procedentes da praça da Sé, Salvador - BA



Fonte: BARROS, 2010.

Optamos por trazer imagens de outros contextos justamente por entendermos que o quintal da casa de Chica da Silva, apesar de apresentar motivos particulares como o cachimbo fálico, não está solto no tempo e no espaço, congregando formas e motivos com outros cachimbos. Os cachimbos antropomorfos também foram identificados em outras cidades mineiras, como São João Del Rei e Caeté, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de analisar fragmentos de cerâmicas e de cachimbos do Quintal da Casa de Chica da Silva foi transformador. Através destes artefatos, pudemos mergulhar no universo do barro, percorrer os caminhos da fabricação, uso e significados atribuídos. São variáveis que impressionam em materialidade e simbolismo. Adoraríamos, dessa forma, que o tempo disponível para a realização desta dissertação fosse mais que dois anos, para que pudéssemos mergulhar em tantas outras variáveis.

No entanto, estas considerações não têm o intuito de colocar um ponto final. Ao contrário, ao traçarmos o perfil técnico de artefatos ligados aos grupos escravizados, esperamos inspirar outros tantos pesquisadores a voltarem o olhar para tais sujeitos. Este trabalho não é um fim em si mesmo. Não podemos negar sua relevância no âmbito da Arqueologia da Diáspora Africana, levando em consideração que os estudos acerca deste contingente ficaram pautados, durante muito tempo, apenas em uma visão colonialista e eurocêntrica.

Por isso, se nosso objetivo principal, no início de tudo, se pautou em afirmar a agência dos grupos escravizados, nossos resultados congregam para uma cultura material marcada por características simbólicas e, de forma especial, por uma Diamantina marcada por cativos, agentes sociais dos seus próprios tempos. Concluimos, dessa forma, que os processos coloniais da referida cidade foram construídos e moldados à múltiplas mãos. As discussões sobre agência e simbolismo trazidas no primeiro capítulo muito contribuem para o entendimento da cultura material como (re)produtora de identidades, veículo de informações e por que não, portadora de mensagens. O fato de não compreendermos os significados por trás dos traços não significa que eles não existam. Acreditamos que tais motivos integram os artefatos dando não apenas estilo – no sentido decorativo – mas, sobretudo, função – no sentido prático da palavra.

Esperamos que os resultados trazidos aqui sobre a delimitação do perfil técnico da cerâmica do sítio QCC, bem como suas variabilidades artefatuais e formais, sejam significativos na caracterização da cerâmica afro-brasileira de outros sítios pelo país, se pensarmos que muitos outros grupos escravizados produziram, usaram e descartaram diversos materiais imbuídos de significados pelo território nacional. No que concerne aos dados, pudemos inferir diversas características técnico-morfológicas para os artefatos, como sua manufatura variada, a moldagem

com auxílio de tecido, pasta fina, pouco uso de antiplástico e o predomínio do uso de quartzo. Para os motivos, pudemos agrupar em 21 grandes grupos.

Estes grandes grupos, compostos principalmente por padrões de traços incisos no barro, nos ajudaram a compreender o universo simbólico dos seus produtores e/ou usuários. Os traços incisos em paralelo, parecidos com a morfologia de um pente, são maioria na amostra. Algumas destas incisões formam ainda figuras geométricas, como círculos e losangos. Outras são milimetricamente repetidas, dando a impressão de terem sido feitas a partir de um molde, como um carimbo. E há, ainda, a impressão do tecido no barro, podendo ter sido usado como auxílio na manufatura ou como tratamento plástico.

Na caracterização técnico-morfológica e estilística dos cachimbos, pudemos visualizá-los sistematicamente, com foco nas técnicas empregadas. Assim, temos uma amostra de cachimbos em sua maioria moldados, com tratamento de superfície alisado, queima oxidante, pasta fina e uma grande diversidade de motivos decorativos. Além disso, a quantidade e o estudo quantitativo inter-sítio tornam Diamantina e o quintal da casa de Chica da Silva uma referência nacional da procedência destes artefatos.

Para os cachimbos, chama atenção os motivos antropomorfos, pela perfeição nos traços. Os traços geométricos são significativos e liga Diamantina à cachimbos de outros contextos. O cachimbo fálico, produzido a partir de um molde, impressiona pela forma e singularidade, pois não há registros de cachimbos deste tipo em outros sítios brasileiros.

As comparações inter-sítios, tanto dentro da própria cidade, como fora desta, têm o intuito de entender como estavam as dinâmicas em torno destes artefatos em outros lugares, ressaltando que estes não estão soltos no tempo e no espaço. No entanto, tomamos o máximo de cuidado possível para não transpor traços culturais, muito menos realizar comparações diacríticas entre etnia e cultura material.

Assim, contribuimos para o estudo da materialidade de sujeitos ricos em estratégias e possibilidades e, também, ricos em significados. Pois, como salienta Geertz (2008), tudo que vive tem significado e tudo que tem significado vive. Por acreditarmos em apontamentos futuros e o caráter vivo e dinâmico dos traços aqui analisados, não restringimos esta pesquisa à academia. Estão sendo produzidas cartilhas de Educação Patrimonial sobre a escavação no quintal da ex escravizada mais famosa do país. O objetivo é fazer com que a população conheça um pouco mais sobre as dinâmicas em torno da relação entre pessoas e cultura material. Além

disso, com o arsenal de fotos que fizemos durante as pesquisas, estamos construindo um catálogo ilustrado da coleção.

Por fim, espera-se que nosso estudo tenha contribuído positivamente para as discussões em torno da Arqueologia Histórica, Arqueologia da Diáspora Africana, cerâmica afro-brasileiro e todos os outros termos argumentados aqui. Estamos esperançosos em divulgar nossas interpretações para o mundo, em busca de novas ideias, críticas e sugestões. Muitas podem ser as variáveis ao dar protagonismo aos traços no barro e, por conseguinte, ao barro nos traços.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Gustavo. A ascensão do primo pobre: o tabaco na economia colonial da América Portuguesa, um balanço historiográfico. **Revista de História**: João Pessoa, 2005.
- AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. **Revista de História Regional**, vol. 3, n. 4, p. 115-137, 1998.
- AGOSTINI, Camilla. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. **Topoi**, vol. 10, n. 4, p. 39-47, 2009.
- AGOSTINI, Camilla. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. **Vestígios**, vol. 4, p. 127-144, 2010.
- AGOSTINI, Camilla. **Mundo Atlântico e clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.
- AGOSTINI, C. A vida social das coisas e encantamento da mundo na África Central e Diáspora. **Métis (UCS)**, v. 10, p. 165-185, 2011.
- AGOSTINI, Camilla. À Sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos. **Vestígios**, vol. 7, n. 1, p. 75-106, 2013.
- AGOSTINI, Camila. Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado. **Letras**, Rio de Janeiro vol. 7, n. 1, p. 75-106, 2013.
- ALENCASTRO, Luiz F. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALLEN, S. J. **Cultural mosaic at Palmares? Grappling with the historical archaeology of a seventeenth-century Brazilian quilombo**. In: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Ed. P. P. A. Funari. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, pp. 141-178, 1999.
- ALLEN, Scott Joseph. **Identidades em Jogo: Negros, Índios e a Arqueologia da Serra da Barriga**. In ALMEIDA, L; GALINDO, M.(Org). *Índios do Nordeste: Temas e Problemas*. EDUFAL, Maceió, p.245-276, 2000.
- ALVES, Márcia Angelina. **Análise cerâmica: estudo tecnotipológico**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- ALVES, Márcia Angelina. Culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais - estudo tecnotipológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 1, n. 1, p. 71-96, 1991.
- Alves, M. Notas sobre cachimbos de barro no Brasil (séc.XVIII e XIX). **Temporalidades**, Belo Horizonte, 7 (Suplemento). 1101-1111, 2015.

ARONI, B. Por uma etnologia dos artefatos: arte cosmológica, conceitos mitológicos. **Revista Proa - UNICAMP**, Campinas, v.1, n°2, 2010. Disponível em: Acesso em: agosto de 2016. 2010.

AZEVEDO, Paula de Aguiar Silva. **Do barro às panelas de cozer: variabilidade das cerâmicas artesanais na senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes - RJ**. Dissertação (mestrado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia e Habilitação em Arqueologia, p. 178, Belo Horizonte, 2019.

BANDEIRA, J.; LAGO, P. C. **Debret e o Brasil. Obra completa 1816-1831**. Rio de Janeiro: Capivara, 2009.

BARROS, Evânia Lima de. **Cachimbos da Sé de Salvador**. Monografia (graduação em museologia). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, p. 283, 2010.

BARTH, F. **Gurpos étnicos e suas fronteiras**. Unesp, 1995.

BARTH, F. **Ethnic groups and boundaries**. Little Brown, Londres, 1969.

BINFORD, Lewis Roberts. **Styles of Style**. *Journal of Anthoropological Archaeology*, 8, pp. 51-69, 1989.

BINFORD, Lewis Rorberts. **Em Busca del Passado**. Barcelona: editora crítica, 1994.

BINFORD, Lewis Roberts. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**, n. 28, p. 217-226, 1962.

BORBA, Fernanda. Mara.; BANDEIRA, Dione da Rocha. Estudos históricos e arqueológicos sobre a escravidão no saí (São Francisco do Sul, Santa Catarina). **Revista Memore**, vol. 1, p. 95-108, 2013.

BORBA, Fernanda Mara. **A cultura material das populações africanas e afrodescendentes em coleções arqueológicas da baía Babitonga (Santa Catarina): usos e práticas negras no passado**. (Trabalho de conclusão de curso – Arqueologia). UNIVILLE, Joinville, 2014.

BORSAGLI, Alessandro. Apontamentos para uma História Econômica da Cidade de Diamantina. **Revista de Economia Política e História Econômica**, n° 31, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: **Ática**, p. 46-81, 1994.

BOXER, C. R. **A Idade de Ouro do Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963.

BRANCANTE, Eldino da Fonseca. O Brasil e a cerâmica antiga. São Paulo: **Companhia Litographica Ypiranga**, 1981.

BROCHADO, José Proenza. Contatos europeus e indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na cultura material. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, UFRGS, Porto Alegre, Ano II, n. 2, p. 11-47, 1973.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Caderno 2, 1997.

BROCHADO, José Proenza. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**, Série Arqueológica, Recife, v. 3, p. 47-60, 1984.

CALDARELLI, S. **A ocupação indígena do Vale do Paraíba Paulista: do período pré-colonial ao contato com o branco**. In: Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista, SP-070. Rodovia Carvalho Pinto, 2003.

- CARLE, Cláudio Baptista. **A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX.** Tese (doutorado em Arqueologia), Porto Alegre, p. 620, 2005.
- CERUTI, C. N. Esclavos Negros en Santa Fe la Vieja. **Anuario de Arqueología**, vol. 4: 29-38, 2012.
- COELHO, F. D. N. (2012). **A negra fumaça: uma análise dos cachimbos do sítio arqueológico Macacu IV -Itaboraí, Rio de Janeiro, RJ.** (Dissertação de mestrado). Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- COMERLATO, Fabiana. A experiência das oficinas de arqueologia e populações de origem africana. **PerCursos**, vol. 14, p. 2-11, 2005.
- COSTA, Diogo Menezes. Arqueologia dos africanos escravos e livres na Amazônia. **Vestígios**, v. 10, n. 1, p. 23, 2016.
- COSTA, Rodrigo Lessa. **Os grupos ceramistas da Serra da Barriga: caracterização da tecnologia cerâmica no contexto da tradição aratu.** Dissertação (mestrado em Arqueologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 151. 2010
- COSTA, Marcilene Silva da. Construção de identidade quilombola na Amazônia brasileira: por uma leitura interdisciplinar da diversidade. **L'Ordinaire des Amériques**, vol. 214, p. 2-10, 2010.
- COSTA, Marcilene Silva Da. Práticas alimentares em uma comunidade quilombola da Amazônia brasileira. **In VI Congresso CEISAL.** Toulouse, vol. 214, p. 2-10, 2011.
- CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Cadernos de arqueologia**, v. 1, Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, 1976.
- DAVID, N.; STERNER, J.; GAVUA, K. Why pots are decorad. **Current Anthropology**. Chicago, vol. 29, p. 365-389, 1988,
- Diener, P.; Costa, M. F. **Rugendas e o Brasil.** Rio de Janeiro: Capivara, 2002.
- DIAS, Adriana Schmidt; SILVA, Fabíola Andréa. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta interrelação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 11, p. 95-108, 2001.
- DIAS Jr., Ondemar Farias. **Cerâmica neo-brasileira.** Arqueo-IAB, Textos Avulsos, v. 1, p. 3-13, 1988.
- DOMÍNGUEZ, Lourdes. **La Arqueología de La Esclavitud en Cuba.** Conferencias Divulgata-Simpósio Román Pinã Chàn, vol. 3, p. 49-69, 2009.
- DOMÍNGUEZ, Lourdes; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueología de los Esclavos Africanos e Indígenas en Brasil y Cuba. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, vol. IX, p. 1-20, 2008.
- FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. Canindé – **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 4, p. 117-146, 2004.
- FAGUNDES, Marcelo. Recorrências e mudanças no sistema tecnológico do sítio Rezende, Médio Vale do Parnaíba, Minas Gerais – Estudo de variabilidade estilística nos horizontes líticos dos caçadores-coletores e agricultores ceramistas. **Canindé –Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 5, p.164-205, 2005.

FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, baixo São Francisco, Brasil.** (Tese de Doutorado- Arqueologia). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

FAGUNDES, Marcelo. **Relatório campo arqueológico quintal da casa de Chica da Silva, primeira campanha, 2013.**

FERGUSON, L. G. **The Cross is a magic sign”: marks on eighteenth-century bowls from South Carolina.** In: SINGLETON, Theresa A. (Ed) *I, Too, Am America: Archaeological Studies of African-American Life.* 2 ed. University Press of Virgínia, 2001.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana. **MÉTIS: história & cultura**, vol. 8, p. 267-275, 2009.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Arqueologia da Escravidão e Arqueologia Pública: Algumas Interfaces. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica.** Belo Horizonte: v. 3, n. 1, p. 9-23, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares, Ontem e Hoje.** Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, v.4, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **A Arqueologia de Palmares: Sua Contribuição para o conhecimento da cultura Afro-Americana.** In REIS, JJ & GOMES, FDS. (Org). *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil.* Companhia das Letras, São Paulo. p.26-51, 1996.

FUNARI, P. P; HALL, M; JONES, S. **Introduction: Archaeology in History.** In: *Historical Archaeology: Back from the Edge.* London: Routledge, p. 1-20, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Heterogeneidade e conflito na interpretação do quilombo dos palmares. **Revista de História Regional**, vol. 6, p. 11-38, 2002.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes- o outro lado do mito.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.* Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: **Vozes**, 1998.

GELL, A. **Art and Agency, An Anthropological Theory.** Oxford: Clarendon Press, 1998.

GORDENSTEIN, Samuel Lira. **De sobrado a terreiro: a construção de um candomblé na Salvador oitocentista.** (Tese doutorado- Arqueologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

GRILLO, K.; AULTMAN. J.; HARPER. N. B.; **DAACS Cataloging Manual: Tobacco pipes**, v. 1, p. 18, 2003.

GUIMARÃES, Carlos; LANNA, Ana. Arqueologia de Quilombos em Minas Gerais. **Revista de Antropologia**, v. 13, p. 147-164, 1980.

GUIMARÃES, Carlos Magno; MORAIS, Camila Fernandes de; LADEIA, Anna Luíza. *Escravidão, arqueologia e capitalismo: Transição e conexão entre dois mundos (Brasil, séc. XIX/XX).* **Vestígios**, vol. 7, p. 107-144, 2013.

GUIMARÃES, C. M. **Mineração, Quilombos e Palmares. Minas Gerais no Século XVIII.** In REIS, JJ & GOMES, FDS (Org) *Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil.* Companhia das Letras, São Paulo. Pp.139-163, 1996.

- GUIMARÃES, C. M. MORAIS, C. F. D. & LADEIA, A. L. Escravismo, arqueologia e capitalismo: Transição e conexão entre dois mundos (Brasil, séc. XIX/XX). **Vestígios**, vol. 7: 107-144, 2013.
- HANDLER, Jerome. Aspects of the Atlantic Slave Trade: Smoking Pipes, Tobacco, and the Middle Passage. **African Diaspora Archaeolog**: Newsletter, 2008.
- HANDLER, Jerome. “The Middle Passage and the Material Culture of Captive Africans”. **Slavery and Abolition** .Vol. 30, n. 1., p. 1–26, 2009.
- HEGMON, M. “Technology, style, and social practices: archaeological approaches”. In: STARK, M. (org.). **The archaeology of social boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press, p.264-279, 1998.
- HEGMON, M. NELSON, M. ENNES, M. **Corrugated Pottery, Technological Style, and Population Movement in the Mimbres Region of the American Southwest**. Journal of Anthropological Research, Vol. 56, No. 2, pp. 217-240, 2000.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. **O Petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX**. (Tese de doutorado- Arqueologia). Museu Nacional: UFRJ, 2018.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. **Fumo e Arqueologia Histórica: o tabaco e cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. A estetização do cotidiano e o teatro onipresente: revisitando os cachimbos barrocos. **Vestígios**, V. 16, nº2, p. 57-86, 2022.
- HODDER, Ian. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, ed.1, 1982.
- HODDER, Ian. **Postprocessual archaeology**. In: Advances in Archaeological Method and Theory, vol. 8, p. 1-26, 1985.
- HODDER, I. Thinking about things differently. In: **Entangled**:an archaeology of the relationships between humans and things. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 1-14, 2012.
- JACOBUS, A.L. **Resgate arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha/RS)**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do IFCH da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Taquara, 1997.
- JONES, Andrew. **Material culture and material science: a biography of things**. In: _____. Archaeological- Theory and scientific practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- JONES, Sian. Categorias históricas e práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: Identidades, discursos e poder. Funari, Orser e Schiavetto (orgs.). **Annablume**, ed. 5, p. 27-44, 2004.
- JONES, Sian. **The Archaeology of Ethnicity: Constructing identities in the past and present**. London: Routledge, 1997.
- LA SALVIA, Fernando. BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Editora Posanato Arte e Cultura, 1989.
- LEROI-GOURHAN, A. Le gest et la parole – **Le mémoire et les rythmes**. Paris: Ed, Albin Michel, 1965.
- LEMONNIER, P. **Elements for an Anthropology of techology**. Michigan Research, vol. 88, Museum of Anthropological Michigan, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LIMA, Ana Rosa Silva. **Os sentimentos marcados no barro: análise estilística dos cachimbos afro-brasileiros em Diamantina, MG**. Monografia. Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Diamantina, UFVJM, 2018.

LIMA, T. A.; BRUNO, M. C. de O.; FONSECA, M. P. R. da. **Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX. Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ, exploração arqueológica e museológica**. Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material, 1: 179-206, 1993.

LIMA, T. A. **O problema da atribuição de identidades étnicas a registros arqueológicos**. In: Daniel Loponte e Alejandro Acosta (eds.). (Org.). O problema da atribuição de identidades étnicas a registros arqueológicos. 1ªed. Buenos Aires, Argentina: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, v., p. 7-21, 2011.

LIMA, Tania Andrade de. Arqueologia como ação sociopolítica: O caso do cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. **Vestígios**, vol. 7, p. 177-207, 2013.

LIMA, Tania Andrade de. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **Manguinhos**, v. 2, ed. 3, p. 44-96, 1996.

LIMA, Tania Andrade de. **Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista**. In: Anais do museu Paulista, história e cultura material (nova série). São Paulo: vol. 5, p. 93-129, 1997.

LIMA, T. A.; SOUZA, M. A. T. Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. **Urbania: Revista latino-americana de arqueologia y historia de las ciudades**, n. 5, Buenos Aires, p. 21-60, 2006.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. História dos Diamantes nas Minas Gerais. Rio de Janeiro: **Edições Dois Mundos**, p. 37, 1945.

LOVEJOY, Paul. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Trad.: BHERING, R. e CHAVES, L. G. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2002.

LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**. Tese de doutorado. História. Recife: UFPE, 2001.

LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero. Algumas Características do Contingente de Cativos em Minas Gerais. **Anais do Museu Paulista**: São Paulo, USP, v. XXIX, p. 79-97, 1979.

LUNA, Francisco Vidal. **Minas Gerais: escravos e senhores. Análise da Estrutura Populacional e Econômica de Alguns Núcleos Mineratórios (1718-1804)**. Tese não publicada. São Paulo, FEA-USP, p. 224, 1980.

MACEDO, Thaisa Dayanne Almeida. **Modo de vida e cultura em Diamantina do xix - História e Arqueologia, um estudo de caso dos conjuntos artefatuais da escavação do quintal da Casa da Chica, Diamantina, MG**. Relatório de Iniciação Científica, PRPPG/UFVJM, 2012.

MACHADO, Nelo Teresinha. **Entre guardas e casarões: um pouco da história do interior RS – uma perspectiva arqueológica**. Tese (doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE/USP, 2004.

MACHADO, Juliana de Resende. **Panelas de barro: aspectos técnicos e sociais de um fazer tradicional estudo de caso da comunidade de Pinhões, Santa Luzia – Minas Gerais**.

Trabalho de conclusão de curso. (Bacharel em ciências sociais). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MAGESTE, L. C. **Entre estilo e função: questões de dicotomia e complementaridade**, Campina Grande - PB, v.1, n. 10, p 138-150, 2015

MARQUES, Roberta Porto. **Cachimbos Guarani: uma interpretação etnoarqueológica**. Monografia do curso de Licenciatura em História. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 74, Mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007&lng=en&nrm=iso Acesso em: 15 de Agosto de 2014.

MARQUESE, R. B. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c.1830-1860. **Anais do Museu Paulista**, v.13, n.2, p.165- 188, jul-dez 2004.

MATA MACHADO FILHO, Aires. **Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde, 1944.

MARTINS, Marcos Lobato. **Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX)**. 1ed. Fino Traço: Belo Horizonte, 2014.

MARTINS, I. C. **Projeto de escavação do Quintal da Casa da Chica da Silva, o estudo das louças**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Humanidades, UFVJM, 2014.

MARTINS, Roberto Borges. **A economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 1980.

MAGGERS, B; EVANS, C. **Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon**. Washington: Bureau of American Ethnology, Bulletin n. 167, 1957.

MANFRINI, Marcelo Rolim. **Cacos fragmentados de uma sociedade conectada: produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial**. (Mestrado- Arqueologia). USP. São Paulo, 2020.

MAUSS, M. As técnicas corporais. IN: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MAUSS, M. Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia. IN: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MEDAGLIA, Juliana. **Conhecer para respeitar: patrimônio e cidadania em Diamantina**. Diamantina: UFVJM, 2012. 106 p. ISBN: Vários autores. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Departamento de Turismo. Editora UFVJM, 2012.

MINTZ, Sidney Wilfred; PRICE, Richard. An anthropological approach to the Afro-American past: a Caribbean perspective. **Inst for Humane Studies**, 1976.

MINTZ, S. Wilfred; PRICE, Richard. O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. **Pallas Editora**, 2003.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. 5ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MONTEIRO, Victor Gomes. **Uma Arqueologia das Paisagens da Escravidão na Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (1832--1850)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia com ênfase em Arqueologia). Programa de Pós--Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p. 218, 2016.

- MORAES, Camila Azevedo. **Arqueologia Tupi no Nordeste de São Paulo: um estudo da variabilidade artefactual**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- MORALES, Walter Fagundes. **A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 11, p. 165-187, 2001.
- MORALES, M. H. L. B. Cultura material e discursos de identidade: contribuições teórico-metodológicas da Arqueologia para o estudo histórico da Fábrica de Louças Colombo. **Vestígios do Passado**. ANPUH- RS, Rio Grande do Sul, 2008.
- MUNIZ, T. **Materiais e fluxos na Amazônia Colonial: evidências da presença de africanos escravizados no Sítio Aldeia** (Santarém, Pará), 2019.
- NARDI, Jean-Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial: agricultura, comércio e administração**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NEVES, E. G. **Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil**. In: Silva *et al.* (org.). A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1ª e 2ª graus. São Paulo: MEC/ MARI/ UNESCO, 1998.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.
- OLIVEIRA, Cláudia Alves. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí**. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, p. 322, 2000.
- ORSER J. R. Toward a global Historical Archaeology: an example from Brazil. In: Historical Archaeology, ed. 28, p. 5-22, 1994.
- ORSER JR., C. E. The Archaeology of the African Diaspora. **Annual Review Anthropology**, vol. 27, p. 63-82, 1998.
- ORSER JR., Charles E.; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia da Resistência Escrava. **Cadernos do LEPAARQ**, vol. 1, p. 11-25, 2004.
- ORTON, C.; TYERES, P.; VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. In: Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- OTT, C. **Contribuição à arqueologia baiana**. Boletim do Museu Nacional, Nova Série. Antropologia, 5. 01-37, 1944.
- PAIVA, Clotilde Andrade; LIBBY, Douglas Cole. **Caminhos alternativos: escravidão e reprodução em Minas Gerais no século XIX**. In: Estudos Econômicos. Instituto de Pesquisas Econômicas, São Paulo, v. 25, n.2, 1995.
- PAIVA, Zafenathy. Carvalho de. **Uma Baforada Sim Sinhô: “Cachimbo de escravos e as dinâmicas socioculturais da Diamantina oitocentista**. Dissertação (mestrado em Arqueologia) - UFPI, Piauí, 2015.
- PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- PRADO JR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1962,
- POSNANSKY, Merrick. **West Africanist reflections on African-american archaeology**. In: SINGLETON, Theresa A (Eds). I, Too, Am America: Archaeological Studies of African-American Life. University Press of Virgínia, 2001.

- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RESTITUTTI, Cristiano Corte. **Comércio terrestre e marítimo do fumo de Minas no século XIX**. XIII Seminário sobre a economia mineira, Annais, Diamantina, 2008.
- REIS, João José. **Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, p. 7-33, 1996.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- RIBEIRO, Berta Garcia. A linguagem simbólica da cultura material. In Ribeiro, D. (editor), **Suma Etnológica Brasileira**, V. 3: Arte índia, p. 11-27. Petrópolis: Vozes, Finep, 1989. Disponível em: <<http://etnolingustica.org>> Acesso em: junho de 2017.
- ROBRAHN-GONZÁLES, Erika Marion. **Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento**. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1996.
- ROSA, Estefânia. **Identidade Afro-brasileira: um diálogo entre memória e cultura material**. Dissertação (mestrado em Arqueologia) – UFPEL, 2012.
- ROSA, Estefânia Jaékel da. **Paisagens Negras: arqueologia da Escravidão nas Charqueadas de Pelotas (RS, Brasil)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- RUNCIO, María Andrea. Estilo e decoración: metodología para el relevamiento de vasijas cerámicas de la quebrada de Humahuaca (provincia de Jujuy, Argentina). **Arqueología y sociedad**, v. 30, p. 239-155, 2015.
- RYE, O. **Pottery technology: Principles and reconstruction**. In: Manuals on Archaeology. Washington DC: Smithsonian Inst. Press, 1981.
- SACKETT, J.R. The meaning of style in archaeology: a general model. **American Antiquity**, v.42, p. 369-380, 1977.
- SACKETT, J.R. **Style and ethnicity in Kalahari: a reply to Wiessner**. *American Antiquity*, 51, 1986.
- SAHLINS, Marshall. **Metáforas Históricas e Realidades Míticas: estrutura nos primórdios do reino das ilhas Sandwich**. Tradução de: FREHSE, F. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco**. Trad. JUNQUEIRA, R. R. Belo Horizonte: Itatiaia. Coleção Reconquista do Brasil, v. 7, 1975.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822). Trad. MOREIRA, V. Belo Horizonte: **Itatiaia**. Coleção Reconquista do Brasil, v. 11, 1975.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina. **Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani**. Dissertação (mestrado). São Paulo: USP, 1981.
- SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no distrito Diamantino no século XVIII**. 2ed. São Paulo: ed nacional, 1978.
- SCHÁVELZON, Daniel. **Buenos Aires negra: arqueología histórica de una ciudad silenciada**. Buenos Aires: Emecé Editores, 2003.

SCHIFFER, Michael Brian. Toward the identification of formation processes. **American Antiquity**, v. 48, p. 675-706, 1983.

SCHIFFER, Michael Brian. **Formation processes of the archaeological record**. Albuquerque: **University of New Mexico Press**, 1987.

SCHIFFER, Michael Brian. **Behavioral Archaeology: principles and practice**. Equinox, London, 2010.

SCHIFFER, Michael Brian.; SKIBO, James. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.

SHENNAM, Stephen. **Intoduction: archaeological approaches to cultural identity**. In: Arqueological Approaches to cultural identity. London and New York, Roulledge, 1994.

SILVA, Alberto da Costa e. **Escravidão e Liberdade**. In: Dicionário da Escravidão e Liberdade. 1º ed. São Paulo: companhia das letras, 2018.

SILVA, Fabíola Andréa. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica Asurini do Xingu. **Revista do CEPA**, v. 24, n. 32, p. 59-110, 2000.

SILVA, Fabíola Andréa. **As Tecnologias e seus significados: um estudo etnoarqueológico da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin do Catete**. Tese (Doutorado). Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, Letícia Ribeiro Ferreira da. **Imagens verdadeiras do passado: um estudo sobre a cerâmica Tupi pintada do interior paulista**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SKIBO, James. Pottery function: a use-alteration perspective. New York: **Plenum Publ.** v. 2, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Registros escravos: repertório das fontes oitocentistas pertencentes ao acervo da biblioteca nacional**. Ed. 1, Rio de Janeiro: Editora da Biblioteca Nacional, v. 1, p. 242, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz; GOMES, Flávio. **Dicionário da escravidão e liberdade**. 1ºed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SLENES, Robert. As provações de um Abraão africano: a nascente nação brasileira na viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, v. 2, 1996.

SOARES, A.; AQUINO, A. M. C. **Cachimbos cerâmicos do sítio Aldeia do Carlos – Parque Nacional Serra da Capivara- Piauí- Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arqueologia, UFPI- Piauí, 2012.

SOUZA, M. A. T.; LIMA, T. A. Olhando, desejando, in-corporando: cachimbos de barro na construção de comunidades diaspóricas. **Vestígios**, Vol. 16, nº2, p. 10-27, 2022.

SOUZA, J. M. Cidade: momentos e processos. Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX. 1. ed. **ANPOCS**, 1993.

SOUZA, Marcos A. T. de. **Ouro Fino: Arqueologia Histórica de um Arraial de Mineração do Século XVIII em Goiás**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2000.

- SOUZA, Rafael de Abreu e.; LOPES, Marcel. Cerâmica de produção local/regional no contexto colonial espanhol de Santiago de xerez, século XVII. **Revista outras fronteiras**, Cuiabá, v.1, n.2, 2014.
- SOUZA, Marcos André Torres. **Arqueologia Histórica de um Arraial de Mineração do Século XVIII em Goiás**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2000.
- SOUZA, Marcos André Torres. Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim. **Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, p. 59-92, 2007.
- SOUZA, Marcos André Torres. **Esencializando las cerámicas: culturas nacionales y prácticas arqueológicas em América**. In F. Acuto, & A. Zarankin, Sed nos Satiata II: acercamientos sociales en la arqueologia latino-americana. Buenos Aires: Encuentro Grupo Editor, p.141-155, 2008.
- SOUZA, J. M. **Cidade: momentos e processos**. Serro e Diamantina na formação do Norte Mineiro no século XIX. 1. ed. ANPOCS, 1993.
- SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na arqueologia histórica. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**. p. 133-148, 2007.
- SINGLETON, Tereza. The Archaeology of Slavery in **North America**. **Annual Review of Anthropology**, vol. 24, p. 119-40, 1995.
- _____. **“I, Too, Am America”**: Archaeological Studies of African American Life. Charlottesville: University Press of Virginia, 1999.
- SINGLETON, Tereza. Reflexões sobre a Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil. **Vestígios**, vol. 7, p. 209-220, 2013.
- SOUZA, Marcos André Torres. Introdução: Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil. **Vestígios**, vol. 7, p. 7-19, 2013.
- SOUZA, Marcos André Torres. **Spaces of Difference: an Archaeology of Slavery and Slave life in a 19th century brazilian plantation**. Tese de doutorado, Syracuse University, 2010.
- SOUZA, Marcos André Torres. Uma outra escravidão: A paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás. **Vestígios**, vol. 1, p. 59-92, 2007.
- SOUZA, Marcos André Torres de; SYMANSKI, Luis Claudio. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. **International Journal of Historical Archaeology**, vol. 13, p. 513-548, 2009.
- SUZE, Silvana. **Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia**. Tese (doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, USP, p. 435, São Paulo, 2014.
- SYMANSKI, Luís Cláudio. A Arqueologia da Diáspora Africana nos Estados Unidos e no Brasil: Problemáticas e Modelos. **Afro-Ásia**, vol. 49 p. 159-198, 2014.
- SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: Perspectivas comparadas em arqueologia e história. **Revista de História Comparada**, vol. 7, p. 293-338, 2013.
- SYMANSKI, Luís Cláudio. O Domínio da tática: práticas religiosas de origem africana nos Engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **Vestígios**, vol. 1, p. 7-36, 2007.

SYMANSKI, Luís Cláudio; HIROOKA, Suzana. Engenho Bom Jardim: cultura material e dinâmica identitária em uma comunidade escravizada do Mato Grosso. **Vestígios**, vol. 7, p. 21-72, 2013.

SYMANSKI, Luís Cláudio. Arqueologia Histórica no Brasil: Uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, W. F. Cenários regionais em Arqueologia brasileira. São Paulo: **Annablume/Fapesb**, 2008.

LIMA, Tania A. et al. **Aplicação da fórmula de South a sítios históricos do século XIX**. *Dédalo* (27), 1989.

THOMAS, Julian. A materialidade e o social. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento, v.3, p.15-20, 1999.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of landscape: paths, places and monuments**. Oxford: Berg, 1994.

TOCCHETTO, F. A cerâmica do guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica. **Historical Archaeology in Latin America**, vol. 13, p. 77-98, 1996^a.

TOCCHETTO, F. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 6, São Paulo, p. 22-45, 1996b.

TOCCHETTO, F. THIESEN, B. Memória fora de nós: A preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, vol. 33, p. 175-199, 2007.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400- 1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

THIESEN, Beatriz Valladão.; MOLET, Cláudia Daiane; KUNIOCHI, Márcia Naomi. **Charqueada e escravidão em Rio Grande**. In 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Porto Alegre, v. 1, 2011.

VARAJÃO, G. F. D. C. **Por uma Geografia de Diamantina-MG**. (Tese de doutorado – Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

WIESSNER, Polly. Style and social information in the Kalahari San projectile points. **American Antiquity**, v. 2, p. 48. 253-276, 1981.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico, terreno sítio à rua Butantã, nº 26, bairro de Pinheiros – sítio arqueológico pinheiros 2**. Relatório Final: São Paulo, 2012.

ZUSE, S. **Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno**. (Dissertação de Mestrado – Arqueologia). Museu de Arqueologia e etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

APÊNDICES

Apêndice A – Imagens da escavação



Fonte: LAEP, 2014



Fonte: LAEP, 2014



Fonte: LAEP, 2014



Fonte: LAEP, 2014

ANEXOS**Anexo A – Ficha de análise para a cerâmica**

FICHA 1 – ANÁLISE FRAGMENTOS CERÂMICOS									
SÍTIO: Quintal casa da Chica (QCC)									
PESQUISADORA: Ana Rosa Lima									
Número: 1									
NP	Quadrícula	Setor	Nível	Classe	Espessura	Tam. máximo	Tam. Mínimo	Antiplástico	Frequência
Manufatura	Trat. Sup. Interno	Trat. Sup. Externo	Trat. Plástico	Queima	Morfologia da borda	Morfologia do lábio	Tipo de lábio	Marcas de uso	Processos tafonômicos

Anexo B – Ficha de análise para os cachimbos

FICHA 2 – ANÁLISE FRAGMENTOS CACHIMBOS

SÍTIO: Quintal casa da Chica (QCC)

PESQUISADORA: Ana Rosa Lima

Número: 2

NP	Quadrícula	Setor	Nível	Parte da peça	Espessura	Tam. máximo	Tam. Mínimo	Antiplástico
Coloração	Motivos	Parte da peça com motivos	Trat. De superfície	Queima	Integridade da peça	Marcas de uso	Observações	Técnica de Manufatura